

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira
Abril de 2025

Caraça: 250 anos de formação humanística

Passa Quatro
**Diário inédito
revela dramas dos
combates de 32**

E MAIS:

**O centenário de Fernando Sabino
Camões, Thomas Mann, Goethe, Sartre, Camus
Contos, crônica, poemas**

31

SUMÁRIO

CAPA

Nossa capa

Há pouco mais de 250 anos, um nobre português, fugindo de perseguições do Marquês de Pombal, veio para o Brasil, filiou-se a uma Ordem franciscana, adotou o nome de Irmão Lourenço e ergueu uma pousada para tropeiros e uma capela dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens em uma das serras que compõem a cadeia do Espinhaço. Nascia ali o que hoje é conhecido como o Complexo do Caraça. A ideia original era prestigiar a peregrinação e o culto católicos, bem como o envio de padres para as cidades e aldeias, em visitas pastorais, seguindo a doutrina de São Vicente de Paulo. Mais do que isto, o Caraça, além de ponto turístico privilegiado entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, transformou-se em Colégio com ensino de alta qualidade, pelo qual passaram inúmeros religiosos e personalidades de destaque da vida pública brasileira. Aquela de Sandra Bianchi.



RESENHA

Conversações com Goethe
Rogério Medeiros Garcia de Lima
4



Thomas Mann
O autor personagem de si mesmo
Gutemberg da Mota e Silva
10



FILOSOFIA

Sartre e Camus, da amizade à discórdia
Jorge Paulo dos Santos
14



HISTÓRIA

Complexo do Caraça, 250 anos
Sementeira de grandes homens
José Tarcízio de Almeida Melo
18



FILOSOFIA

Camões e a crise europeia
Donaldo Schüller
28



Donaldo Schüller e a viagem humana
Narrador e Narrativa
Tiago Pinto
34



HISTÓRIA

Manuscritos revelam os horrores
da guerra em Passa Quatro em 1932
Manoel Marcos Guimarães
36



LITERATURA

Fernando Sabino:
“escrever fácil é muito difícil”
Hermes Vilchez Guerrero
52



CONTOS

O marxista
Renato César Jardim
60



O jovem de toga
Vanessa Verdolim Hudson Andrade
62



A cigarra e as formigas: mutações
Fernando Armando Ribeiro
66



Amante
Carlos Roberto Loiola
68



CRÔNICA

Escrever sobre escrever
Sophia Goreti Rocha Machado
72



POESIA

Três poemas
João Quintino Silva Galinari
74



Quadros da Vida
Aldina Soares
75



O tempo da classe média
Llewelyn Medina
76



Eu vou nascer em maio
Amaury Silva
77



Noturnos
José Maria Vieira Starling
78



Diamantina deve ser
Sophia Goreti Rocha Machado
79



HOMENAGEM

Márcio Sampaio,
o construtor do futuro
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
80



Sandra Bianchi e suas
'paisagens afetivas'
Manoel Marcos Guimarães
82



EDITORIAL

Renovação com alegria

Há quem diga que a vida é feita de uma sucessão de ciclos. Prefiro dizer que ela é um ciclo único, que se renova continuamente. Este, por exemplo, é um momento em que o ciclo de minha vida se encontra em plena fase de renovação, seja na vida pessoal, seja na profissional.

Ao assumir em janeiro a presidência da Amagis, encontrei novos desafios, novas tarefas, novos parceiros de luta e também novas alegrias, que têm renovado meu viver sem, todavia, me imporem um 'novo ciclo'.

Não tem sido incomum perceber, nesse curto espaço de tempo, que os novos desafios, mesmo que difíceis, muitas vezes vêm de mãos dadas com novas alegrias. A edição da *MagisCultura* é um desses casos: o desafio de manter a circulação e a qualidade da revista, ao longo dos próximos três anos, é tarefa que vem acompanhada de enorme alegria.

Alegria de poder ler, antes mesmo dos leitores, os artigos, contos e poemas das colegas e dos colegas magistrados e ver como a magistratura mineira, além da sua conhecida e reconhecida excelência jurisdicional, reflete também em sua produção literária a riqueza cultural tricentenária da nossa Minas Gerais.

Nesta edição, por exemplo, a primeira em nossa gestão, nos encontramos com Goethe e Thomas Mann; dialogamos com Fernando Sabino e Camões; vamos do Colégio do Caraça a Diamantina; mergulhamos no drama da população de Passa Quatro em 1932, em um diário inédito; viajamos, em ficção, pelos bastidores da justiça; poeticamente, visitamos as grandes obras de arte universais e, mais do que tudo, podemos renovar nossa crença no amor, como o faz, com maestria, o desembargador João Quintino, que peço licença para destacar.

Como se vê, não é um 'novo ciclo'. É o mesmo ciclo de sempre, em constante renovação e com alegria. Alegria que sinto ao lhes apresentar esta nova edição, desejando a todos uma boa leitura.


Juíza Rosimere Couto
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis • Diretoria Triênio 2025-2027

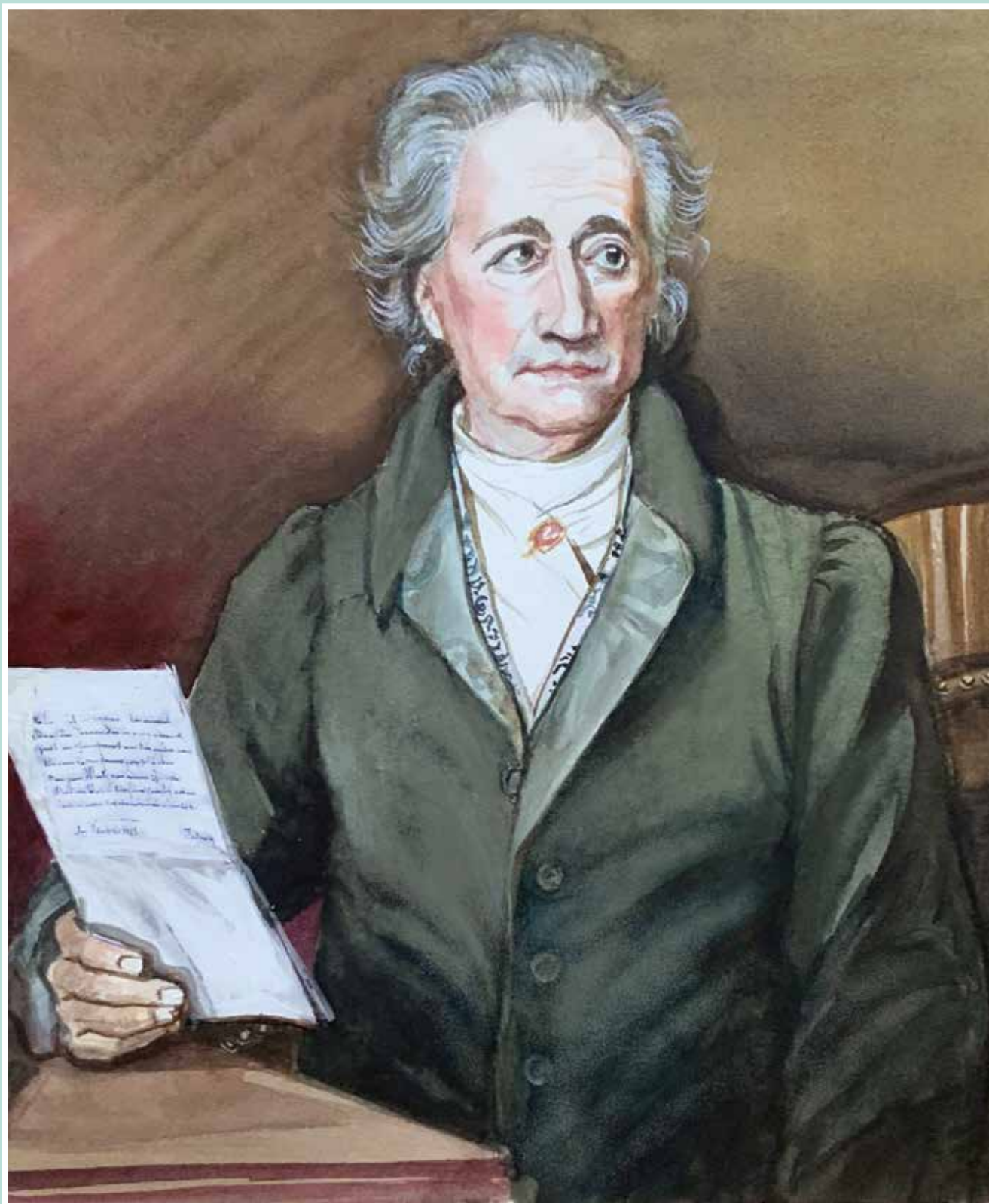
Presidente: Juíza Rosimere das Graças do Couto
Vice-presidente Administrativo: Juiz Jair Francisco dos Santos
Vice-presidente Financeiro: Desembargador Fábio Torres de Sousa
Vice-presidente de Saúde: Juíza Flávia Birchal de Moura
Vice-presidente do Interior: Juíza Maria Elisa Taglialegna
Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Thiago Grazziane Gandra
Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juiz Noelho Adelino Machado
Diretora-secretária: Juíza Perla Saliba Brito
Diretor-subsecretário: Juiz Fábio Gabriel Magrini Alves

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)
Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587 / MG)

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Juiz Jorge Paulo dos Santos, Professor Hermes Vilchez Guerrero (Diretor da Faculdade de Direito da UFMG) e Artista Plástico e Escritor Márcio Sampaio (membro da AML).
Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)
Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)
Impressão: Rona Editora | **Tiragem:** 2.600 exemplares
• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br
A Academia Mineira de Letras é parceira da revista *MagisCultura*.
www.amagis.com.br



Conversações com Goethe

Rogério Medeiros Garcia de Lima

Desembargador do TJMG

“**D**iz-me com quem andas e direi quem és.
Saiba eu com que te ocupas e
saberei também no que te poderás tornar”.

Johann Wolfgang von Goethe

O título deste artigo é o mesmo do famoso livro de Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, publicado em 1848. Ainda jovem e de origem humilde, o alemão Eckermann encantou-se com a obra do genial compatriota Goethe. Partiu para Weimar, a fim de o conhecer pessoalmente.

O consagrado escritor acolheu Eckermann muito bem; fez dele seu assistente e amigo.¹

É uma história reveladora da importância da ligação com pessoas que nos aperfeiçoem cultural e eticamente:

“*Quem caminha com os sábios se torna sábio; quem se junta com os insensatos torna-se mau*”.²

Filho de magistrado, filósofo, cientista

Johann Wolfgang von Goethe nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 28 de agosto de 1749. Era filho de Johann Gaspar Goethe e de Catharina Elisabeth Goethe. O pai era magistrado; a mãe descendia de uma rica e culta família.

O juiz Johann Gaspar possuía uma biblioteca com mais de dois mil livros. O menino foi educado por tutores. Teve aulas de inglês, francês, italiano, grego e latim. Estudou ciências, religião e música.

Integrou o movimento conhecido como “*Classicismo de Weimar*” (1786-1805), no apogeu literário da Alemanha.

Além de escritor, Goethe foi filósofo e cientista.

Seu poema trágico *Fausto* é considerado a obra-prima do Renascimento alemão.

Em 1775, Goethe mudou-se para Weimar a convite do grão-duque Carl August. Foi nomeado seu conselheiro particular.

Goethe teve vida amorosa atribulada. Casou-se com a amante Christiane Vulpius, jovem, baixa e robusta costureira. Em 1789, nasceu o filho do casal, chamado Carl August em homenagem ao príncipe.

Weimar foi ocupada pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Em 2 de outubro de 1808, foi marcado um encontro de Goethe com o imperador francês. Quando este avistou o escritor, exclamou: “*Eis um homem!*”. Porém, Goethe mostrou-se extremamente reservado. Nenhum dos dois conseguiu superar o embaraço.

A esposa Christiane faleceu em 1816. Aos 81 anos de idade, o poeta ainda despertou o amor de Bettina Brentano, neta de uma antiga namorada.

Em 1830, o filho Carl August morreu de alcoolismo.

No dia 22 de março de 1832, Goethe pediu aos amigos em torno do seu leito de morte:

– *Abram as janelas, para que entre mais luz.*

Foram as suas últimas palavras, antes de falecer.

Comentarei brevemente duas importantes obras literárias de Goethe: *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Fausto, entre Deus e o diabo

O mito de Fausto era muito popular na Europa do final do século 16. O inglês Christopher Marlowe (1564-1593), em *A trágica história do Doutor Fausto* (1588), descreveu um herói empenhado na luta para compreender o misterioso sentido da existência.

Aos vinte anos, Goethe apaixonou-se pela história. De 1797 a 1832, entregou-se à tarefa de escrever o seu *Fausto*.

Fausto é um sábio conhecedor de várias ciências. Por não desvendar o mistério da vida, perde a fé no conhecimento científico. Anseia saber muito mais e deslindar todas as manifestações da natureza.

No início do livro, Fausto está agitado:

*Estudei com ardor tanta Filosofia,
Direito e Medicina,
E infelizmente até muita Teologia.
A tudo investiguei com esforço e disciplina,
E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora,
Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora!
Primeiro fui Assistente e em seguida Doutor,
Dez anos a ensinar, autêntico impostor
A subir e a descer por todos os lados
Estudantes à volta em mim sempre grudados
E chego ao fim de tudo ignorante em tudo.*³

Mefistófeles aparece e promete a Fausto “*o prazer total e pleno da alegria e do amor, mais o dom de controlar os sentimentos e as pessoas como um mago, retendo nas mãos o tempo, e fazendo a natureza oscilar segundo seu próprio desejo*”.⁴

¹ Eckermann, Portal Bertrand Livres, 30.12.2024.

² *Provérbios*, 13, 20.

³ GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*, 1983, p. 29.

⁴ *Vida e obra de Johann Wolfgang von Goethe*, 1983.

“O que disse, da outra vez, sobre a pintura, aplica-se também à poesia: trata-se apenas de reconhecer o que é belo e ousar expressá-lo.”

Em contrapartida, o sábio deve se entregar a Mefistófeles. O diabo, assim, derrotará Deus.

O rejuvenescido protagonista seduz Margarida, auxiliado pelas artimanhas do demônio. Bela e inocente, a jovem é desencaminhada. O desfecho é funesto. Fausto é tomado pelo remorso e busca a salvação. Deus não é suplantado por Mefistófeles.

Goethe declararia a Eckermann:

*“Se existe no argumento do meu Fausto alguma semelhança com o Livro de Job, é igualmente meu direito e mereço por isso mais aplausos que censuras.”*⁵

Werther, a paixão frustrada

Os sofrimentos do jovem Werther foi outra obra emblemática de Goethe. Publicou-a anonimamente, em 1774.

Teria se inspirado na sua paixão por Charlotte Buff, mulher comprometida com um conselheiro da corte. O escritor era um namorado infeliz e gozou romanticamente a relação proibida.⁶

A narrativa foi escrita em forma epistolar. Werther, o protagonista, envia uma série de cartas ao amigo Guilherme. Relata a sua frustrada paixão por Carlota. A história termina em tragédia:

*“O sucesso do romance foi enorme. Uma geração reconheceu-se no espelho de dor do mundo de Werther. Chegou a existir uma moda wertheriana que imitava o seu traje: fraque azul, colete amarelo, chapéu de feltro e cabelo por empoar. Uma onda de suicídios percorreu o país e, mais tarde, o grande Napoleão, que era o oposto de Werther, andaria sempre acompanhado de um exemplar desse romance.”*⁷

O livro contém uma bela citação sobre arte:

*“O que disse, da outra vez, sobre a pintura, aplica-se também à poesia: trata-se apenas de reconhecer o que é belo e ousar expressá-lo.”*⁸

Eckermann, o assistente fiel

Johann Peter Eckermann nasceu em Winsen, Alemanha, no dia 21 de setembro de 1792.⁹ De família pobre, trabalhou no campo durante a infância.

Possuía talento para desenhar e despertou a atenção de pessoas importantes da comunidade. Foi alfabetizado, empregou-se em escritório e se alistou no Exército, em 1813. Lutou na guerra contra os franceses.

Leu obras clássicas de Sófocles, Homero e Shakespeare. Iniciou o curso de Direito na Universidade de Göttingen, trocado posteriormente por Humanidades.

⁵ ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*, p. 98.

⁶ *Vida e obra de Johann Wolfgang von Goethe*, 1983.

⁷ SCHWANITZ, Dietrich. *Cultura – Tudo o que é preciso saber*, p. 272.

⁸ GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werther*, 1983, p. 298.

⁹ ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*, p. 13-15.

O jovem Eckermann nutria enorme admiração por Goethe, 43 anos mais velho. Em 1823, enviou-lhe o ensaio manuscrito Contribuições para o estudo da Poesia. Recebeu uma carta incentivadora do célebre escritor e decidiu ir ao seu encontro.

Em 10 de junho de 1823, apresentou-se na casa de Goethe. Descreveu Eckermann:

"Conto esse dia entre os mais felizes da minha vida. (...) Goethe não tardou a aparecer, de sobrecasaca azul e sapatos rasos. A nobre figura causou-me extraordinária impressão. Ele, porém, com grande afabilidade dissipou logo minha timidez. Sentado a seu lado, ditosamente perturbado, por sua augusta presença, pouco ou nada eu encontrava para dizer. Começou falando sobre o meu manuscrito. 'Venho de ocupar-me de você', disse, 'estive compulsando seu trabalho toda a manhã. Dispensa qualquer recomendação, pois recomenda-se por si mesmo'. Louvou, em seguida, a clareza da exposição e a fluência das ideias, enaltecendo o evidente critério e a reflexão. (...)

"Referindo-se à minha carta, deu-me razão: 'quando se consegue tratar um assunto com clareza, tem-se a capacidade para também resolver muitos outros'".¹⁰

Goethe convidou Eckermann para ser seu secretário e elaborar um índice geral de sua obra:

"Eckermann é todo olhos e ouvidos, um reflexo fiel aos pés do Mestre. Sentimos que nasceu exclusivamente para ouvir, pensar uma a uma, anotar as palavras do oráculo e reproduzi-las depois com o mínimo de arbitrariedade. Daí muitas vezes a impressão de que esse diálogo, mesmo assim cortado de pausas, não passa de um longo solilóquio, o solilóquio do gênio, que empresta uma voz à própria sombra, para poder sair de si mesmo. (...)

"Este modelo de homem, esta flor de humanidade e cultura, aparece aqui sob diversos aspectos e com a fluidez da própria vida, inclusive em seus defeitos – e é um dos grandes encantos da obra esse imprevisto destemperado em que logo percebemos a marca da realidade. (...) Não podia deixar de errar muito quem conseguir realizar tanta coisa. Só os mediócrs não arriscam nada. (...)

"Era o primeiro, de outro lado, a dar o exemplo: considerava-se aluno e aprendiz, cada vez mais e decerto adotaria para seu uso o nosso velho 'morrendo e aprendendo'".¹¹

O livro das *Conversações* foi concluído após a morte de Goethe. Eckermann se tornou famoso e faleceu em Weimar, no dia 3 de dezembro de 1854.

Aforismos de Goethe

Os muitos diálogos e reflexões de Goethe com Eckermann, contidos no livro *Conversações com Goethe* podem ser estendidos a todos os interessados em aperfeiçoar sua formação intelectual e literária. Selecionei alguns.

¹⁰ *Idem*, p. 19-20.

¹¹ *Idem*, apresentação de Augusto Meyer, p. 11-12.

“Este modelo de homem, esta flor de humanidade e cultura, aparece aqui sob diversos aspectos e com a fluidez da própria vida, inclusive em seus defeitos.”

“O mundo é tão vasto e rico, e a vida tão vária que nunca faltarão assuntos para divagações. No entanto, devem ser todas poesias de ocasião, isto é, a vida deve fornecer o motivo.”

De Goethe para Eckermann

“Acautele-se contra as produções demasiado extensas. É o mal de que sofrem os nossos melhores poetas, precisamente aqueles de maior talento e aplicação ao trabalho.”

“Quanta energia e força intelectual é preciso empregar para coordenar e dar forma ao todo, e quanto desprendimento para exprimi-lo com fluência e cabalmente!”

“O talento é desperdiçado quando o tema não se adapta.”

“Quem ouve, porém, os conselhos dos mais velhos? Cada um pensa ter mais experiência e, desse modo, muitos fracassam e outros tantos persistirão no erro.”

“Escreva preliminarmente apenas sobre pequenos temas e, sempre com espontaneidade, o que se lhe oferecer na vida cotidiana. Produzirá assim, em regra, algo de bom, e cada dia lhe trará alegria.”

“O mundo é tão vasto e rico, e a vida tão vária que nunca faltarão assuntos para divagações. No entanto, devem ser todas poesias de ocasião, isto é, a vida deve fornecer o motivo.”

“Não se diga que à realidade falte interesse poético, pois o que revela o autor é ter o estro suficiente para emprestar a um assunto banal uma face interessante.

“Caráter e opiniões afastam-se da personalidade do poeta e o despojam de sua força criadora.”

“Deixe todas as grandes produções provisoriamente de lado. Já se esforçou bastante, é tempo de chegar à grande serenidade da vida e para isso o melhor meio é desenvolver pequenos temas.”

“Toda a sua arte exige uma contínua renúncia, uma incessante identificação com seu papel, pois que vive uma vida que não é sua!”

“Cada arte, logo que se faça mister exercê-la, é algo de grandioso e difícil e que, para ser levado à perfeição, exige a dedicação duma vida inteira.”

“Faz parte integrante da formação do poeta o amplo exercício de sua visão, para que essa o capacite a interpretar devidamente as coisas que o cercam.”

De Eckermann

“Sentia-me agora, após as palavras de Goethe, alguns anos mais prudente e adiantado; sei, do mais profundo da minha alma, reconhecer a ventura que pode significar o encontro com um verdadeiro mestre, e o incalculável proveito que daí retirarei.”

A vida é obra de arte

Para concluir, recordo Rubem Alves ao comparar a existência com a arte musical:

“Compreendi que a vida não é uma sonata que, para realizar sua beleza, tem de ser tocada até o fim. Dei-me conta, ao contrário, de que a vida é um álbum de minissونات. Cada momento de beleza, vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Um único momento de beleza e de amor justifica a vida inteira”.

De modo mais abrangente, refletiu o filósofo polonês Zygmunt Bauman:

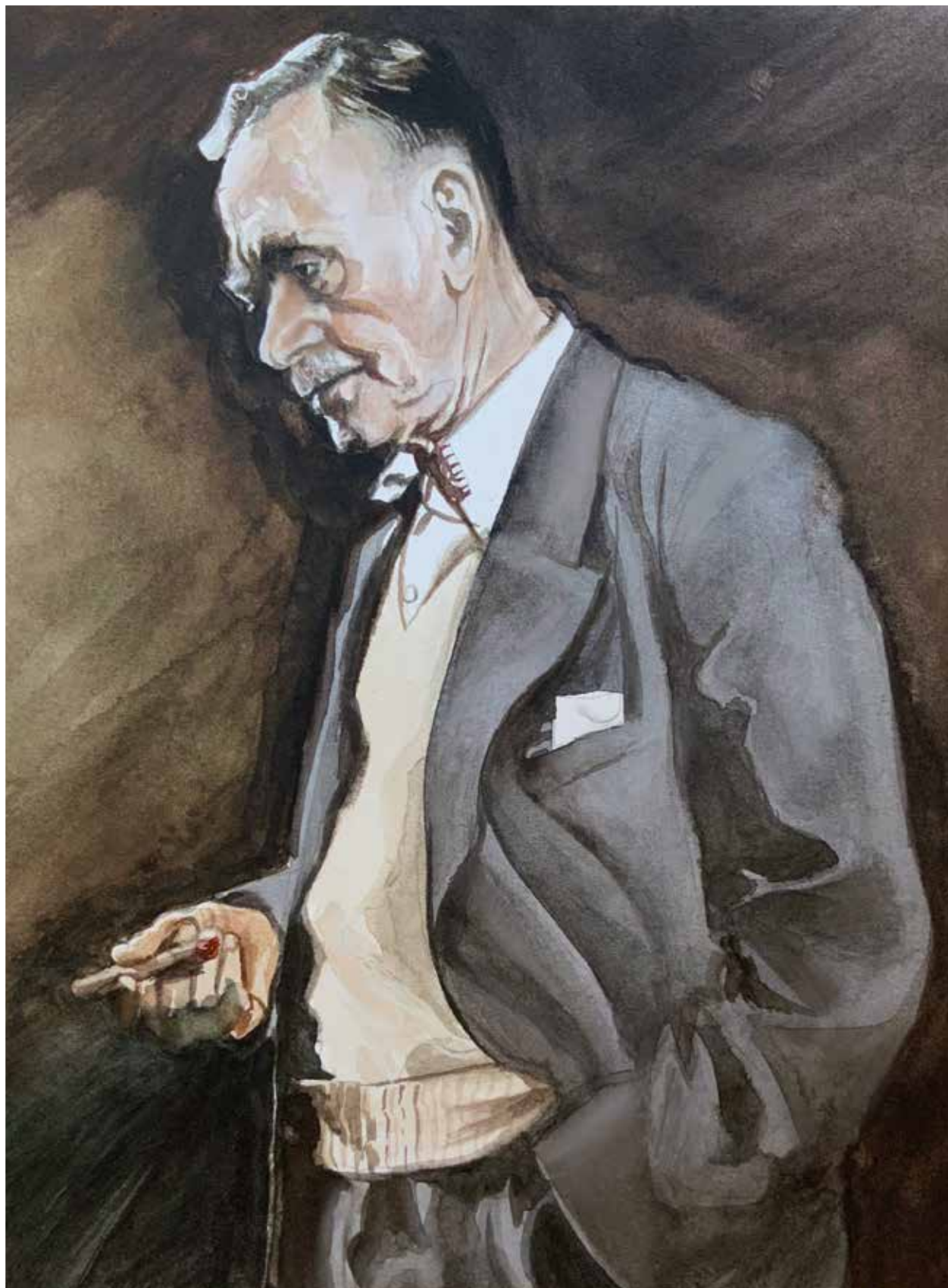
“Nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a arte da vida, devemos, tal como qualquer outro tipo de artista, estabelecer desafios que são (pelo menos no momento em que estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente; devemos escolher alvos que estão (pelo menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer teimosamente muito acima de nossa capacidade (pelo menos a já atingida) de harmonizar com o que quer que estejamos ou possamos estar fazendo. Precisamos tentar o impossível. E, sem o apoio de um prognóstico favorável fidedigno (que dirá da certeza), só podemos esperar que, com longo e penoso esforço, sejamos capazes de algum dia alcançar esses padrões e atingir esses alvos, e assim mostrar que estamos à altura do desafio”.

Após todas as leituras, a mim só cabe resumir: O pensamento simboliza a reciprocidade da relação entre vida e obra de arte. A vida é uma obra de arte. A obra de arte é o espelho de uma vida.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Concerto para corpo e alma*. Campinas/SP: Papirus, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores trad, Carlos Alberto Medeiros, 2009, introdução.
- *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulus, tradução, introduções e notas por Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, 1995.
- ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*. Belo Horizonte: Itatiaia, trad. Marina Leivas Batian Pinto, 2004.
- *Eckermann*, Portal Bertrand Livres, disponível em <https://www.bertrand.pt/autor/eckermann/13849>, acesso em 30.12.2024.
- FRAZÃO, Diva. *Goethe*, portal e-Biografia, disponível em <https://www.ebiografia.com/goethe/>, acesso em 14.05.2024.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*; trad. Sílvio Meira. Werther; trad. Galeão Coutinho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SCHWANITZ, Dietrich. *Cultura – Tudo o que é preciso saber*. Alfragide, Portugal: Publicações D. Quixote, trad. Lumir Nahodil, 15ª ed., 2013.
- *Vida e obra de Johann Wolfgang von Goethe*, in GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*; trad. Sílvio Meira. Werther; trad. Galeão Coutinho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

“Cada momento de beleza, vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Um único momento de beleza e de amor justifica a vida inteira.”



Thomas Mann

O autor personagem de si mesmo

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado

Completo, em 6 de junho de 2024, o sesquicentenário de nascimento do romancista alemão Paul Thomas Mann – autor de *A montanha mágica*, *Os Buddenbrook*, *A Morte em Veneza*, *Doutor Fausto*, *José e seus irmãos*, contos e novelas, e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1929 – sua vida e obra continuam atraindo significativo interesse dos leitores, tendo observado seu mais recente biógrafo, Donald Prater, que a “personalidade multifacetada” do escritor era a de “um homem mais fácil de admirar do que de amar”. (*Thomas Mann: uma biografia*)

Lê-se na terceira contracapa da citada biografia:

“De forma atraente e elegante, interligando fatos, livros, amigos, filhos, amores e personagens [...] este livro apresenta a biografia desse romancista que definiu o rumo da literatura alemã contemporânea e jamais deixou a ironia e os subentendidos o desviarem de seu estilo sóbrio e formal. Numa abordagem privilegiada, repleta de referências sobre as relações pessoais e artísticas de informações sobre a conjuntura internacional do século XX, este livro narra a saga de um ‘Goethe moderno’, fazendo o leitor mergulhar na história de uma abastada família de comerciantes do norte da Alemanha, liderada por um homem que se tornou seu próprio personagem’.

Thomas Mann era filho de mãe brasileira, Júlia da Silva-Brunhs – nascida na Fazenda Boa Vista, em Paraty (RJ), e de Johann Siegmund Mann, comerciante, fundador da empresa familiar e cônsul da Holanda na cidade hanseática alemã de Lübeck, onde liderava a terceira geração do “próspero negócio de importação e exportação de cereais”, informa Prater.

Thomas Mann era irmão do também romancista Thomas Johann Heinrich Mann, ambos nascidos em Lübeck. Teve sua vida e obra anteriormente abordadas por Rilke, poeta alemão, e pelo escritor austríaco Stefan Zweig, que em 1941 se auto-exilou no Brasil, em Petrópolis, para fugir ao Nazismo, na Segunda Guerra Mundial, mas, depressivo, suicidou-se em 1942, com a mulher, Lotte, no leito conjugal.

Heinrich Mann, o irmão menos famoso, é autor de *Professor Unrat* (1905), romance adaptado para o cinema em 1930 por J. von Sternberg, com o título *O anjo azul*, destacando-se, entre os atores, a atriz Marlene Dietrich.

Associação de comerciantes formada na Idade Média, no norte da Europa

Irmãos inimigos, mas íntimos na Itália

Os dois literatos mais velhos da irmandade, Thomas e Heinrich, foram inimigos durante quatro anos. Também foram rivais literários, mas mostraram muita intimidade durante temporada que passaram na Itália.

Thomas Mann nasceu às 10h15min de domingo, 6 de junho de 1875, “na luxuosa casa que o cônsul e sua mulher, Júlia, tinham comprado três anos antes. [...] As origens de Thomas Mann, portanto, foram predominantemente do norte da Alemanha, e inteiramente burguesas”, assinalou Prater. [...] E, novamente como Goethe, ele poderia dizer que herdara do pai “a abordagem séria da vida”, da mãe “sua vocação artístico-sensual” e, no sentido mais amplo da palavra, a “necessidade de contar histórias”.

Precocemente viúvo do primeiro casamento, do qual ficaram cinco filhos, o pai voltou a se casar, em segundas núpcias, com Anna Grotjan e, depois, com mulher bem mais jovem, Elizabeth Marty.

Prater afirmou em 2000, no prefácio de *Thomas Mann: uma biografia*, cartapácio de 666 páginas, na quarta versão da Editora Nova Fronteira: “Com exceção de Goethe, já se escreveu mais sobre Thomas Mann do que [sobre] qualquer outro escritor alemão, e provavelmente tanto quanto sobre qualquer outro autor no mundo; mas tentativas de uma biografia abrangente foram poucas”.

Segundo ele, o historiador alemão Peter von Mendelssohn foi o primeiro a se lançar num projeto de alta escala sobre a matéria, como o de Thomas Mann, coletando tudo o que podia, parece, no “poço do passado” [dos Mann]. O modelo do seu projeto seria *Os Buddenbrook* (adotado por Thomas como o nome da família Mann no seu primeiro romance), mas morreu antes de terminá-lo. Cobria o período de vida de Mann até o final da Primeira Guerra, mas Mendelssohn concluiu somente o primeiro volume, que foi publicado no ano do cinquentenário de Mann. Era “um impressionante calhamaço de 1.200 páginas. [...] Uma obra nessa escala (do esboço do segundo volume, que cobriria o importante período de 1919 a 1933, somente dois capítulos, agora publicados, ocupam cerca de 200 páginas)”, exige grande esforço de leitura.

Os Buddenbrook: decadência de uma família, de 1901, conta a história dos Mann numa cidade protestante, inspirada em Lübeck. Os nomes de personagens foram alterados, para evi-

“Olhando retrospectivamente para os seus dias de escola, Thomas concluiu que eles foram uma fonte de arrogância e também de melancolia e sofrimento.”

tar serem reconhecidos pelos leitores, um perfeito “roman à clef”, foi objeto de polêmica.

A montanha mágica [1924], com 986 páginas, “é provavelmente o romance que melhor exprime o seu humanismo”, para Prater. “É um completo painel de uma Europa enferma, à procura de uma unidade [...], de uma síntese espiritual e social. [...] A ação transcorre na aldeia suíça de Davos-Platz, no Sanatório Internacional Berghof [...] no qual se veem reunidos pela doença [tuberculose] elementos de todas as raças e credos humanos. Aí se entrelaçam problemas, inquietações, sofrimentos, ilusões dos mais diversos matizes psicológicos. Aí, ainda que isolados do mundo da “planície”, os personagens [...], conscientemente ou não, padecem a influência dos condicionamentos de um continente dilacerado”.

Hans Castorp, o herói, chega a Borghof em visita a seu primo. Ao seguir o conselho médico de que nada perderia se passasse alguns dias cumprindo o mesmo regime de vida dos internos, descobre, quase por acaso, que também está doente. Inicia-se, assim, seu período de adaptação. A vida no sanatório obedece a uma monotonia rígida, e o temperamento de Castorp, já de natureza passivo, encontra terreno forte para expandir-se [...].

Quando teve a ideia de escrever uma obra em prosa mais extensa, já aventada pelo irmão Heinrich, que achava que alguns aspectos da própria história do autor, da época do seu avô até a morte do pequeno Johnn (Hanno), o último da linhagem, daria um bom romance, Thomas achou que embora a história coletada lhe fosse familiar, ele “não sabia o bastante”: era preciso mais material factual para compor os detalhes, se ele quisesse traçar o retrato realista da “*decadência de uma família*”, que seria o subtítulo da obra, e formulou uma longa lista com questões a serem respondidas.

Arrogância, melancolia, sofrimento

No ano do centenário, 1975, escreveu Prater, “os acontecimentos da vida de Thomas Mann foram esmiuçados com alto nível de detalhamento. Olhando retrospectivamente para os seus dias de escola, Thomas concluiu que eles foram uma fonte de arrogância e também de melancolia e sofrimento”.

Se houve melancolia, argumenta Prater, esta decorria “possivelmente de uma tendência homossexual que se manifestou desde cedo e que duraria toda a sua vida. Embora nunca pronunciada e nunca tomando um rumo que se pode chamar de ‘prático’, ele não ousaria dizer seu nome nem na época (mesmo que fosse capaz de nomeá-la) nem depois”.

Na escola, o Gymnasium Katherineinum, “Thomas desenvolveu uma ligação afetiva com um garoto mais jovem, Armin Martens, para quem escrevia poemas de uma paixão ambígua, mas aos quais Martens, interessado em Júlia, irmã de Thomas, reagia apenas com um desprezo bem-humorado”. [...] “Foi o meu primeiro amor”, Thomas recordou no final da vida, “e nunca tive outro mais terno, mais amargo e doce”. Essa paixão permaneceu “uma lembrança querida”, embora os dois não tenham voltado a se encontrar depois de deixarem a escola. Martens teve um final triste e obscuro, na África, e, mais tarde, se tornaria o modelo do personagem Hans Hansen, na novela Tonio Kröger, de Thomas Mann.

Na biografia que resenhamos, Donald Prater afirma (pag. 16): “Para o público inglês, o nome de Thomas Mann é familiar há muito tempo, e as suas principais obras continuam sendo reeditadas, com pelo menos algumas traduções novas ao mesmo tempo em que o cinema, a televisão e a ópera o trazem frequentemente à cena [...]. Para aqueles, porém, que não falam alemão, mas querem saber mais sobre sua notável carreira, que atravessou duas guerras mundiais, há pouco material à mão. Preencher esse vazio é o propósito deste livro”.

Prater assinala que Mann “viveu num mundo de contradições”. [...] Pertencia à elite de uma sociedade em degeneração. Mais tarde, deixou de lado seu conservadorismo e patriotismo para defender e lutar pela democracia. Deixou-se influenciar contra o nacional-socialismo, o que o levou ao exílio nos Estados Unidos e Suíça, falecendo em Zurique, em 12 de agosto de 1955.

“Pelo menos para mim – diz o biógrafo –, a vida de Thomas Mann exerce um fascínio mais histórico do que literário. Da posição proeminente que alcançou nas letras alemãs, ele se tornou um símbolo, na emigração, da Alemanha, que sobreviveria aos anos sombrios do nacional-socialismo. E o que ele teve a dizer (com todas as suas hesitações e contradições) ao longo de todo esse tempo, dos anos 20 até a era nuclear do pós-guerra, é tão significativo como os depoimentos e memórias daqueles que ocuparam importantes posições políticas e militares na época”.

A fama chegou ainda jovem

Thomas Mann tinha 25 anos de idade quando terminou *Os Buddenbrook*. No posfácio da edição brasileira do livro, Helmut Galle, livre-docente em literatura alemã na Universidade de São Paulo, afirma que “seu primeiro romance consagrou a fama do jovem escritor, concedeu-lhe o prêmio Nobel em 1929, e é, até hoje, seu livro mais popular, particularmente na Alemanha, com vendas de mais de 5 milhões de exemplares, quatro adaptações para o cinema e traduções em 42 línguas”.

Acrescenta que “ainda que setores da crítica literária pareçam colocar mais ênfase em *A montanha mágica* e no Doutor Fausto, *Os Buddenbrook* foi objeto de inúmeros artigos, monografias e manuais de pesquisa que documentam sua relevância e atualidade (...)”.

Em 1952, justificando a concessão do prêmio Feltrinelli a Thomas Mann, os membros da Academia dei Licei, em Roma, afirmaram que com ele “glorificavam um raro exemplo de realização viva do espírito humanista”, conforme se lê na contracapa de *A montanha*. “Exatamente porque encarna esse espírito, como talvez nenhum outro escritor, Thomas é o maior romancista da língua alemã”.

Dentre os mais difíceis acontecimentos vividos pelo escritor figuram os constantes conflitos com o irmão, já citados, e com o filho mais velho, Klaus Mann, que viveu à sombra do pai, na Suíça, e acabou se suicidando em 1949.

O ensaísta húngaro Georg Lukács afirmou num ensaio: “O romance *Dr. Fausto*, de Thomas Mann, juntamente com o ciclo dos romances de José, constitui a grandiosa obra da velhice deste escritor. É uma monumental recapitulação e sistematização de todos os temas de suas obras juvenis. Aqui, todavia, os estudos, as fantasias e as sonatas transformaram-se em sinfonias”. (Tho-

mas e a tragédia da arte moderna, em *Ensaio sobre literatura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª. ed., 1968).

Um dos temas discutidos envolveu a arte musical. No posfácio *Os Buddenbrook - Popular e subestimado*, do citado romance, Helmut Galle, livre-docente em literatura alemã e professor de língua e literatura alemã na Universidade de São Paulo, afirma: “Mann nunca escondeu a admiração que nutria pelo compositor Wagner e a força embriagante da sua música adquire um papel um papel explícito na parte final do romance, em que Hanno se entrega completamente ao *Lohengrin*, “com os seus encantos e consagrações, com os seus segretos arrepios e estremecimentos, com os seus soluços repentinos e íntimos e com toda a sua embriaguez extática e insaciável [...]” É a música de *Tristão e Isolda* à qual Pfuhl se recusa inicialmente por causa de sua “perversidade”, mas depois se deixa seduzir por Gerda e tanto ele quanto ela e, finalmente, Hanno tocam harmonias inauditas inspiradas nessa ópera que é a mais avançada do compositor.”

Referências bibliográficas

- *A montanha mágica* / Thomas Mann; tradução de Herbert Caro, 2ª. ed. - 4ª. impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, com 996 p.
- *Thomas Mann: uma biografia*. Donald Prater. Tradução: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, 992 p. (Coleção Thomas Mann) Tradução do título original: DerZauberberg;
- *Os Buddenbrook: decadência de uma família*. Tradução de Herbert Caro. 2ª. ed.ª. 4ª. impressão – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, São Paulo (Coleção Thomas Mann): Tradução de Zauberg;
- Dicionário Unesp do Português Contemporâneo / Organizador Francisco S. Borba / colaboradores; São Paulo, UNESP, 2004. Inclui bibliografia.
- Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.
- *Posfácio*: Helmut Galle. Tradução: Herbert Caro; Belo Horizonte: Companhia das Letras, 7ª. reimpressão, 2016;
- *Memórias de um editor*. Kurt Wolf./tradução: Flávio Quintale), 1ª. ed., 2018, Belo Horizonte – Veneza, Editora Ayneé .



Sartre e Camus, da amizade à discórdia

Jorge Paulo dos Santos

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

O tempo cuidou de dar ao homem o inenarrável poder de criar ou, como alguns preferem, fazer um Deus à sua imagem e semelhança, fenômeno conhecido como antropomorfização da divindade.

Esse rápido artigo não tem qualquer pretensão escatológica e/ou religiosa, menos ainda de esmiuçar teorias filosóficas ou teológicas, despiçando no tempo atual, pela facilidade tecnológica da internet, que dá acesso a qualquer tema. Contemporâneos, Sartre e Camus conflagraram em ruidosa trama filosófica a inquietação humana, para nos legar cores mais acentuadas das correntes doutrinárias do Existencialismo e do Absurdismo, erigidos, a meu sentir merecidamente, como os grandes expoentes da Filosofia em França, no nosso tempo.

Nascido em Paris, em 21/06/1905, Jean Paul Sartre, órfão de pai no ano seguinte, criado com o avô materno, descendente de tradicional família alemã, intelectual e professor de alemão em Meudon, uma comuna francesa, criado com pompas da burguesia, com acesso a boa educação.

Albert Camus, franco-argelino, nasceu em 7/11/1913 na pequena Dréan, hoje Mondovi, na Argélia, quando esta era ocupada pela França (1913 a 1940). Perdera seu pai, morto em combate na primeira Guerra Mundial. A orfandade paterna, o analfabetismo da mãe e a condição pobre de família tornavam difícil o estudo; mesmo assim, logrou formar-se na Universidade de Argel, apresentando teses de mestrado sobre o filósofo grego Plotino e de doutorado sobre Santo Agostinho.

Em Paris, para onde se mudou com a esposa em 1939, conheceu Sartre, por quem já nutria admiração, vinda da leitura de seus livros e de um ensaio elogioso daquele à sua obra *'O Estrangeiro'*, no qual manifestara o desejo de conhecê-lo. Camus, aliás, já havia, em 1938, resenhado para um jornal argelino o livro *'A Náusea'*, de Sartre.

Pessoalmente, foi somente por ocasião da pré-estreia, em 1941, de *Les Mouche* (As Moscas), primeira peça de Sartre, que se conheceram. A França vivia sob a ocupação alemã e ambos estavam engajados na Resistência Francesa, movimento político que visava combater os países do Eixo e seus apoiadores, durante a Segunda Guerra Mundial, e que reuniu ensaístas, dramaturgos, críticos literários e de teatro, filósofos, jornalistas e editores-chefes. A amizade parecia robusta, fortalecida pela comunhão de ideais socialista e comunista e no compromisso da prática de uma literatura engajada, mas não durou longo tempo.

O Existencialismo e o Absurdismo

A sistematização realizada por Sartre sobre o Existencialismo, seguramente, foi precedida por outros filósofos, como Soren Kierkegaard, (1813-1855), notável dinamarquês, que seria reconhecido como o *'pai do Existencialismo'* e para quem *"a vida dos seres humanos está repleta de expectativas irrealizáveis que reduzem a sua existência, e que somente na angústia e na morte o homem torna-se quem realmente é"*.

Para Sartre, a angústia do ser humano reside na percepção de sua finitude, de sua condição de abandono em um mundo experimentado pela materialidade e por ser livre, incondicionalmente livre, e por isso mesmo inteiramente responsável por seus atos. Nesse passo, pensa não ser fácil viver; contudo, o enfrentamento desse dilema pode lhe render um aprendizado do possível, para lidar com tal angústia.

O Existencialismo sartreano afirma que a existência precede a essência. Em princípio, parece uma equação de intransponível entendimento, mas, esmiuçando sua obra, percebe-se que invertendo-se o enunciado cartesiano, do *"penso, logo existo"*, abrem-se as possibilidades para compreender que antes mesmo de pensar o ser já existe e somente depois disso é que há lugar para o pensamento. Simplificando, vejamos uma mulher gestando: aquele ser que habita seu útero ainda não existe no mundo exterior, muito menos detém o processo cognitivo consciente do pensamento; todavia, existe. O ser já existe, mas ainda não pensa. Então, não se aplica a ele o corolário do *"cogito ergo sum"* de Descartes, mas o de Sartre, *"a existência precede a essência"*, esta havida como o pensamento, como elemento principal do indivíduo, posto ser a criar sua racionalidade e seus atributos. Seria como se disséssemos: não existo por pensar, mas penso porque existo.

De tudo isso resulta o desespero de conhecer sua finitude e por isso mesmo a ideia de que a vida não tem sentido algum, a não ser estar fadada ao desaparecimento. Isso percebe-se em toda sua obra e, notadamente, na personagem Antoine Requentin, de *'A Náusea'*, livro escrito ao longo de seis anos (de 1931 a 1937), que devaneia: *"Existo, penso que existo"*.

Apesar das diferenças, Sartre e Camus trilharam caminhos parecidos, porquanto questionavam a si e continuam remoendo nossas mentes. É de Sartre que *"o inferno são os outros"*, de sua peça *"Entre quatro paredes"*. Ora, se os outros são nosso inferno, certamente seremos o outro do outro, sendo dele o inferno. Chega-se, pois, à inofismável conclusão de que todos somos, de algum modo, o inferno do outro.

É o melhor sentido da alteridade que permeia a existência de cada um, sendo, para o outro, em consentida dissonância, como

“A liberdade de escolha, diz Sartre, é uma condenação, porque traz, igualmente, a carga de suas consequências. Pode-se tudo, para o bem ou para o mal, seja lá como entendido filosoficamente, mas a consequência é inerente à escolha.”

vemos na obra de Sartre (“*A Náusea*”) ou inconscientemente, como vemos em Camus (“*O Estrangeiro*”), no qual o personagem Meursault prima pela alienação conscienciosa e seja afastado de seus próprios sentimentos, em ruptura com as estruturas e sistemas do mundo natural e das relações com os outros.

Se você considera o mundo absurdo, você é um absurdista (para Camus). Se você considera o mundo sem sentido apenas, você é um existencialista (para Sartre). São conceitos filosóficos que diferem apenas pela perspectiva semântica. Se para o Existencialismo a existência precede a essência, para o Absurdismo não há sentido algum na existência e, por isso mesmo, nada importa, inclusive o ato extremo de autoimolação (que Camus repudia, entendendo-o como uma derrota na luta contra a cruel ausência de sentido). O existencialista apenas questiona o sentido da existência, senão o nada, em que tudo acaba, no tempo e no espaço, metafórica e materialmente.

No livro *O Ser e o Nada*, Sartre, que pontificou e sedimentou de vez a corrente existencialista, nos dá a dimensão de nossa insignificância. Desaparecemos e já não seremos nada, como a fumaça de um cigarro ou uma fotografia na gaveta que vai se esgarçando, perdendo a cor e as feições com o tempo. Por isso mesmo é que Sartre coloca a descoberto o sentido individual para a existência, face o outro, ao lançar o petardo: “*O importante não é aquilo que fazem de mim, mas aquilo que eu faço com aquilo que fazem de mim*”.

A liberdade de escolha, diz Sartre, é uma condenação, porque traz, igualmente, a carga de suas consequências. Pode-se tudo, para o bem ou para o mal, seja lá como entendido filosoficamente, mas a consequência é inerente à escolha. O contraponto de Camus é, em crítica ao personagem Ivan Karamazov, de Dostoiévski, que “*Se Deus não existe, então tudo é permitido*.” Para Camus, isso não quer dizer que não seja indevido. É como ensina o apóstolo Paulo: “*tudo me é permitido, mas nem tudo me convém*.” (1Cor,6:12)

Para Camus, “*o único papel verdadeiro do homem, nascido num mundo absurdo, é ter consciência da sua vida, da sua revolta, da sua liberdade*”. Em *O Mito de Sísifo*, Camus quer enfatizar que o suicídio filosófico, malgrado os que o defendem, não é a saída. Sísifo, personagem da Mitologia grega, que, por ter enganado a morte, recebe a condenação a rolar eternamente uma pedra até o cume de uma montanha e vê-la rolar morro abaixo, e de novo empurrá-la até o cume, para de novo vê-la despencar, ainda assim pode ser feliz, desafiando o imponderável, o inevitável, o próprio absurdo. Ao executar a tarefa continuamente, fazendo de seu suplício, ao mesmo tempo, uma revolta e sua libertação, Sísifo “*transforma em regra de vida o que é convite à morte – e rejeita o suicídio... As pessoas sempre reencontram seu fardo, mas Sísifo ensina a felicidade superior que nega os deuses e ergue as rochas... A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz*”.

Então, como Sísifo, façamos da desdita uma bendita possibilidade de sermos felizes, até o final. O contraponto do Existencialismo puro é o salto de fé, defendido por Kierkegaard. De efeito, se provado o sobrenatural, desnecessária a fé, por consequência.

O Existencialismo de Sartre acaba por ser complementado no Absurdismo de Camus, quando exume a náusea como resposta à falta de sentido da existência, sem proposta de redenção, ainda que pela metafísica redentora de Kierkegaard,

enquanto o absurdo que retira o sentido da vida é tratado pelas três possibilidades de “salvação”: o suicídio, inviável aos olhos do próprio Camus; a crença no porvir eterno pregado pela religiosidade em geral; e a revolta, como pensa no mito de Sísifo, criando-se o seu próprio sentido, fazendo de sua monótona existência tão importante em cada dia vivido e sendo com isso feliz.

É possível você ser feliz, mesmo na mediocridade existencial. É parar de procurar sentido no que não tem sentido e viver, simplesmente viver. Camus dá a dica: “*Às vezes continuar, apenas continuar, é a conquista sobre-humana... Sim, é possível imaginar Sísifo feliz.*”

De amigos a desafetos

Dos elogios mútuos, de quem cerrou fileira em época cruenta da ocupação alemã, como a Resistência, e via publicações no jornal clandestino no panfletário ‘*O Combate*’, editado por Camus, que o levou a escrever “*A Peste*”, como alegoria para a ocupação nazista e para “*a condição da vida regulada pela morte*”, constante visitante da história da humanidade, os dois chegaram à inimizade.

Sartre, que abraçou e militou na esquerda francesa, foi adepto e defensor do comunismo, depois do marxismo e detratador ferrenho do colonialismo, sentiu o desconforto da publicação, em 1951, do ensaio “*O homem revoltado*”, em que Camus se posiciona contra a revolução, dada sua tendência à violência, à opressão e perda da liberdade individual, o assassinato que de tudo isso advém, e a utopia de que possa resultar em uma sociedade perfeita, apenas levando à desilusão e ao desespero, contestando uma série de lugares-comuns do comunismo e do marxismo. No ensaio, Camus critica abertamente o Existencialismo de Sartre, por ser individualista. Sua visão sobre a moralidade, defendendo a responsabilidade social como fundamento e a busca pela justiça, feita de forma ética e respeitosa, se opunha à de Sartre, que defendia uma moralidade baseada na liberdade individual.

Tudo isso resultou em severo desconforto entre os amigos e, num encontro entre os dois, Sartre comunicou ao amigo que sairia uma crítica bem pesada em sua revista *Les Temps Modernes*. Ora, Sartre, contrariando seu espírito livre e desassombrado, fez publicar a tal crítica, mas não se atreveu a assinar o artigo, relegando-o a um insignificante colaborador de sua revista, usando, como jocosamente se define em direito, “*a mão do gato*”, um tal de Francis Jeanson, um jovem desconhecido que destratou Camus em vinte páginas. Isso causou em Camus enorme desalento, terminando a amizade entre os dois, resultando em uma batalha filosófica, em que Sartre promoveu, ao lado de alguns intelectuais franceses, uma espécie de ‘linchamento’ ao pensamento de Camus.

Em 1957 Camus recebeu o Nobel de Literatura, pelo conjunto da obra. Sartre foi indicado em 1964 e recusou o prêmio, assegurando motivos ideológicos. Há quem diga que a motivação foi um certo recalque, porque não fora indicado antes de Camus.

De Camus, assim como de Sartre, herdamos vasto material literário e filosófico, para compreensão do Existencialismo e do Absurdismo. Precocemente, aos 46 anos de idade, Albert

“É possível você ser feliz, mesmo na mediocridade existencial. (...)

Camus dá a dica:

“Às vezes continuar, apenas continuar, é a conquista sobre-humana... Sim, é possível imaginar Sísifo feliz.”

Camus foi levado desta vida em 1960, em trágico acidente automobilístico. Nunca deixou de merecer o respeito do ex-amigo, que deixou registrado, dentre outros elogios, que “*Camus era um homem que não podia ser substituído.*” Sartre morreu em 15 de abril de 1980, aos 74 anos, ao lado de sua companheira Simone de Beauvoir, escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política e precursora do movimento feminista. Mas esta já é história para outra resenha.



Complexo do Caraça, 250 anos Sementeira de grandes homens

José Tarcízio de Almeida Melo
Desembargador do TJMG, aposentado

“**A** incumbência de dissertar sobre o Complexo do Caraça para a revista *MagisCultura* é distinção e honra. O trabalho foi desenvolvido com esclarecimentos do Padre Paulo Venuto, C.M., atual Superior do Santuário Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Usualmente escreve-se a respeito do Caraça situando-o como Santuário. Sim, Santuário da fé e das mãos de Deus. Fé para os que têm o discernimento de consentir com que não existe construtor semelhante na Terra. Mãos de Deus para significar os montes elevados, os vales dos declives, as fontes e as corredeiras das águas, a vegetação exuberante. Em harmonia perfeita.

Propõe-se neste texto avançar em direção aos fundadores remotos e restauradores da Missão, aos seres humanos que se formaram no Colégio ou no Seminário e o tornaram respeitabilíssimo

Para se compreender o Colégio do Caraça, entra em reflexão o pioneirismo de São Vicente de Paulo, a Congregação da Missão e o Príncipe Regente do Brasil que foi Dom João VI.

Somente quando se passa pela razão de ser dos vicentinos, padres, freiras e leigos consagrados é possível compreender a grandeza de obra transecular com âncoras fincadas no Brasil.

A razão de ser da comemoração que se fez em 2024 é pelo motivo dos 250 anos da antiga Ermida que o Irmão Lourenço fez erguer e de que resultou o atual Complexo do Caraça. Como se demonstrará, a razão histórica do Caraça foi prestigiar a peregrinação e o culto, bem como o envio de padres para as cidades e aldeias, em visitas pastorais. A ideia sempre foi a da itinerância da Igreja não só pela romaria como também pela missão.

Consectário natural da sabedoria dos padres, houve compromisso com o aproveitamento de sua bagagem para a educação e o ensino, com a abertura de colégios comprometidos com os bons costumes, a moral e as lições do Evangelho.

Vicente de Paulo, da nobreza ao sacerdócio

Vicente de Paulo, nascido em 24 de abril de 1581, foi integrante do clero secular da França e organizou os padres missionários com ênfase para acolhimento dos pobres. Propuseram-se renunciar às comodidades da vida urbana bem como aos benefícios, cargos e dignidades da Igreja para se dedicarem à salvação do povo pobre, indo de aldeia em al-

deia, pregando, instruindo, exortando e catequizando. Vicente de Paulo está sempre ligado aos carentes.

Tratava-se de clérigo culto, bem relacionado com a nobreza, confessor de reis, como Henrique IV e Luís XIII e hábil negociador. Pelo que consta, foi ordenado sacerdote aos dezenove anos de idade. Era formado e doutor pela Universidade de Toulouse. Indo a Marselha tomar posse de herança deixada por uma viúva que era devota de suas pregações e o conhecia como pobre, foi aprisionado por piratas e vendido como escravo.

A grande missão caritativa

Em 25 de janeiro de 1617, Vicente de Paulo pronunciou o “Sermão da Missão”. Notando a situação de abandono espiritual do povo e estimulado pela Madame de Gondy, nascida como Françoise Marguérite de Silly, oficial da Corte francesa e confidente da Rainha Catarina de Médicis, casada com Philippe Emmanuel de Gondy, Vicente de Paulo concitou os cristãos a praticarem o perdão. O dia da festa da conversão de São Paulo marcou o início de uma piedosa associação de eclesiásticos que deu origem à Congregação da Missão. Vicente de Paulo organizou, com Philippe de Gondy e a esposa, piedosa associação de eclesiásticos que se empenhou em atender a evangelização do povo pobre do campo.

Eis aí o “*Carisma Vicentino*” que foi o termo inicial de uma missão caritativa, sem retribuição de qualquer espécie, destinada a distribuir gratuitamente os dons recebidos da mão generosa de Deus. Começou com as visitas aos pobres, nas tardes dos domingos, certo de que não estava resolvendo as carências dos outros dias da semana nem dando solução definitiva aos que eram pobres. Sustentou a confissão geral como ato de penitência e de levantamento, em maior dimensão, às demandas dos necessitados para lhes dar soluções.

O trabalho de Vicente de Paulo teve a qualidade de proporcionar o apoio material dos nobres que, desde o início, se tornaram adeptos protagonistas.

A valorização da mulher no comando da ação religiosa e social

Em 20 de agosto de 1617, na condição de pároco de Châtillon Les Dombe, Vicente de Paulo foi alertado de que uma família passava necessidade. Todos eram doentes sem qual-

“As Vicentinas constituíram a primeira congregação religiosa católica de ação evangelizadora a consagrar mulheres.”

quer possibilidade de ajudar um ao outro. Vicente comunicou o que se passava aos paroquianos. As senhoras da região, atentas à exortação, acumularam provisões e as levaram à família. Vicente resolveu visitar os enfermos e se encontrou com muitas senhoras que iam e voltavam ou se encontravam com a família carente. Positivou haver vontade de fazer caridade. Organizou as Confrarias (ou Conferências) de Caridade, de senhoras que dispunham de tempo e de recursos para cuidar dos pobres. Nasceu aí a Associação Internacional de Caridades (AIC).

Trata-se das Vicentinas, Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos Pobres, Filhas da Caridade, Irmãs da Caridade, Irmãs de São Vicente de Paulo, qualquer destas denominações a indicar sociedade apostólica aplicada às comunidades, fundada em 1633 por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac (1591-1660).

As Vicentinas constituíram a primeira congregação religiosa católica de ação evangelizadora a consagrar mulheres.

As freiras eram destinadas à vida no claustro, às orações, ao silêncio e à meditação. As Vicentinas saíram ao campo para se dedicarem aos pobres, aos doentes mentais, aos marginalizados, às crianças abandonadas, aos idosos, nos hospitais, nas escolas, nas paróquias, nas guerras.

Era comum identificá-las pelo chapéu branco, semelhante às asas abertas de uma ave de porte. Consta sua semelhança com as vestimentas das campesinas. Essa Congregação espalhou-se por todos os Continentes do mundo e um contingente de milhares de freiras.

O mecenas Gondi

Philippe de Gondi era general (comandante ou capitão) de galeras francesas, detentor de títulos nobiliárquicos, proprietário de condados e conviveu com Vicente de Paulo de 1612 a 1617, tornando-se protetor de suas obras sociais. Vicente fora designado preceptor para os filhos dos Gondi. A origem da família estava na nobreza florentina e do casamento nasceu, dentre três filhos, Jean-François-Paul de Gondi, que liderou rebelião aristocrática da Fronde contra Ana da Áustria, Regente de seu filho, Luiz XIV. A rebelião da Fronde foi uma série de guerras civis que ocorreram na França entre 1648 e 1653 em oposição à monarquia durante a Guerra Franco-Espanhola. Jean-François-Paul tornou-se Cardeal de Retz, na Igreja Católica e chegou a ser Arcebispo de Paris.

A origem do nome ‘lazaristas’

A pequena comunidade de confrades, aprovada pelo Arcebispo de Paris, em 1624, teve por sede um colégio de Paris, o *Collège des Bons Enfant*, a partir de 1625. O ato notarial e civil de fundação da Companhia da Missão foi formalizado em 17 de abril de 1625 para atender a evangelização do povo do campo.

As atividades foram transferidas para o Priorado de São Lázaro (área hoje correspondente à Gare du Nord). Eis aí a explicação de que os padres e irmãos da ordem de Vicente de Paulo sejam chamados lazaristas. Conhecidos como Vicentinos, mundo afora, em Paris e em França, terra de sua origem,

costumaram ser chamados 'lazaristas' por atenção ao nome do Priorado que ocuparam.

O Collège des Bons Enfants tornou-se anexo de St. Lazare como Seminário e Casa de Retiros. Eis aí a razão histórica da convivência das escolas, em regime de internato, com seminários, sementeiras de vocações sacerdotais.

Zeloso por ampliar a associação piedosa, além da Arquidiocese de Paris, Vicente de Paulo rogou o reconhecimento da Santa Sé. Naquela época o Dicastério da Propaganda da Fé era avesso à concessão de novas congregações, por isso que foi pretendida a aceitação de uma missão temporária. Por isso, os padres vicentinos acrescentam ao seu nome a sigla C.M. A Missão foi reconhecida pelo Papa em 1627. A pretensão da Congregação foi recusada no ano seguinte e, finalmente, aceita com a aprovação pontifícia do Papa Urbano VIII, na bula *Salvatoris Nostr i*, de 12 de janeiro de 1633.

A perseguição da Revolução Francesa

A Revolução Francesa dispersou a Congregação, confiscou aquela sede e expulsou os congregados de sua *Maison-Mère*. A compensação somente ocorreu em 1817, com a entrega do antigo Hôtel de Lorges, no número 95 da rue de Sèvres, aos padres da Missão. A pedra fundamental da bela Capela erguida segundo o projeto do Arquiteto Vasserot, autor do plano de Paris, com a supervisão do Irmão Augier, no estilo Carlos X, foi colocada em 17 de agosto de 1826.

Missão evangelizadora e prática no Brasil

O lema da Congregação da Missão é *Evangelizare pauperibus misitme* (*Ele me enviou para pregar as boas novas aos pobres*), baseado em São Lucas (Evangelho, 4.16 e segs.) que recordou o profeta Isaías: *O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres*.

Deste contexto advém o Carisma Vicentino, que constitui graça de Deus, acima de esforços humanos. Ação vivificante do Espírito, na história, a distribuir dons gratuitos destinados ao bem de todos, como foi colocado por Paulo, em sua *Primeira Epístola aos Coríntios* (12, 11).

A importância do Carisma procede de seu fundamento: a fé. Esta, como dom divino, designa o rumo do missionário: faz pensando na vida eterna. Portanto, o servir está longe do interesse terreno para quem possui a visão mítica do sobrenatural. É compromisso com o que transcende os limites da Terra. O ideal dos predecessores não se acha encerrado e permanece em contínua construção.

A realização das missões foi marcante e prestigiada, com a dedicação de padres às pregações, ao catecismo e à administração dos Sacramentos da Igreja. Eram bons pregadores, dotados de piedade e compaixão, que ajudaram muito na orientação espiritual e na transmissão dos Livros Sagrados.

As paróquias se satisfaziam com a festiva chegada dos missionários para concentrações orações, missas e procissões em curta peregrinação.

Praticavam-se, com êxito, retiros espirituais, com a ouvida de piedosos e muitas vezes belos sermões nos púlpitos das igrejas paroquiais.

“A importância do Carisma procede de seu fundamento: a fé. Esta, como dom divino, designa o rumo do missionário: faz pensando na vida eterna.”

“Resolveu dedicar sua vida à espiritualidade bem como ao Santuário do Caraça, como lugar próprio ao louvor e ao agradecimento a Deus sob a proteção de Nossa Senhora Mãe dos Homens.”

Caraça: ‘cara grande’ ou tupi-guarani?

O nome *Caraça* está presente no mapa da Província de Minas do início do Século XVIII. Pode significar ‘*Cara Grande*’ para corresponder à forma da Serra do Espinhaço nas antigas regiões de Tanque Grande e Pinheiros que registraram vestígios de antigos garimpos. A ressalva que se põe a esse significado está no gênero em que é encontrada a expressão. Menciona-se ‘o’ Caraça, em vez de ‘a’ Caraça. Esta explicação acha-se na história do Colégio e no diário de Dom Pedro II, em sua viagem a Minas, em abril de 1881.

Em outro entendimento, seria palavra tomada do idioma tupi-guarani, que expressa o grande desfiladeiro existente na referida serra, constituindo o vale entre os picos Inficionado e do Sol, como sustentado por Auguste de Saint Hilaire e aceito por José Ferreira Carrato, em tese de doutorado sobre o Caraça (*“As Minas Gerais e os Primórdios do Caraça”*, publicada em 1963).

A propósito do relevo da região do Caraça, Dom Pedro II teria se encantado quando declarou que só a visão do Caraça pagou a viagem que fez a Minas.

Irmão Lourenço, o fundador

A origem do Caraça é atribuída à vinda do Irmão Lourenço, da Ordem dos Franciscanos, levando a lendas e controvérsias. Consta que Carlos Mendonça Távora, nobre português, depois de atentado contra a vida de Dom José I, Rei de Portugal, foi perseguido pelo Marquês de Pombal. Onze irmãos Távora foram queimados em praça pública, mas Carlos conseguiu fugir e vir pobre para o Arraial do Tejuco, passando a trabalhar na mineração. Ingressou na Ordem Terceira de São Francisco e conquistou status para se aproximar dos homens mais importantes do lugar, como era o caso do Contratador João Fernandes de Oliveira, marido de Xica da Silva.

Criada a Real Extração de Diamante, ficou prejudicada a presença do Irmão Lourenço em Diamantina. Na sétima década do Século XVIII, ele adquiriu a sesmaria do Caraça onde começou a construir uma pousada (hospício) para tropeiros e uma capela barroca dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Ocorre, portanto, manifesta conversão do homem impregnado de nobreza e atraído pela riqueza. Resolveu dedicar sua vida à espiritualidade bem como ao Santuário do Caraça, como lugar próprio ao louvor e ao agradecimento a Deus sob a proteção de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Passou a viver como eremita, numa “Laura” destinada à vida com penitência e a receber tropeiros e peregrinos penitentes, inspirados pelo chamado da vida eterna. Tratou-se de um giro radical da ganância da mineração para o despojamento material e a dedicação ao recolhimento e à oração.

Lourenço fundou a *Irmadade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*. Com o apoio de seus membros (irmãos), que chegaram a vinte milhares, financiada pelas esmolas arrecadadas durante as missões desenvolvidas na Província, foi possível melhorar as condições da Igreja e da hospedaria do Caraça. Trata-se da pequena Capela que acolhia eremitas e peregrinos que frequentavam a Serra do Caraça, não se confundindo com o edifício neogótico que se contempla como Santuário do Caraça e que foi construído em 1884, um ano antes do

retorno do Seminário Maior de Mariana à sede diocesana. O belo edifício neogótico havia sido construído para o ensino e a prática da liturgia dos seminaristas maiores de Mariana.

A antiga ermida, capela rústica, era ladeada por duas construções de seis janelas destinadas à hospedagem dos romeiros. Integravam-na os Passos da Paixão do Senhor. Havia dois altares dourados pelo Mestre Ataíde. O da esquerda continha o corpo de São Pio Mártir e no da direita estavam imagens representativas da Via Sacra. Era espaço para uma centena de pessoas.

Envelhecido e sem condições de continuar, Lourenço doou as terras e o Santuário à Coroa de Portugal para que esta chamasse padres que cuidariam de um de espaço destinado às romarias e missões, bem como à edificação de uma casa para educação de meninos.

Irmão Lourenço faleceu em 27 de outubro de 1819, aos noventa e seis anos, sem ter visto os padres que três vezes requereu para continuarem a obra do Caraça.

Os lazaristas na educação e no ensino do Brasil

Os padres lazaristas dirigiram colégios em Congonhas do Campo (1827-1860), Campina Verde (1829-1983) e em Jacuecanga, Rio de Janeiro (1822-1837).

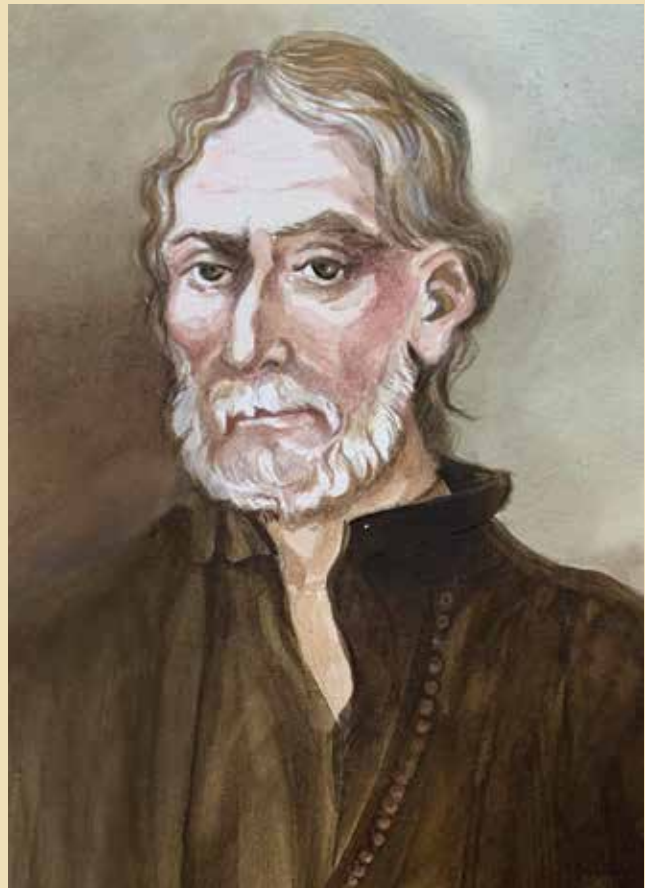
Os sacerdotes franceses mantiveram boas relações com o Império do Brasil e dirigiram diversos seminários diocesanos, como os de Mariana (1849-1966), Salvador (1856-1860; 1888-1957), Fortaleza (1864-1963); Diamantina (1866-1964) e Rio de Janeiro (1869-1901). No século XX a direção dos seminários passou a contar com lazaristas brasileiros porque foi reduzida a vinda de padres franceses. A formação dos lazaristas era feita no Seminário Maior de Petrópolis (1890-1968; 1972-1979 e 1983). Entretanto, no tempo em que funcionou no Caraça, devido a uma epidemia de que escapou, o Seminário de Mariana praticava os Cursos de Filosofia e de Teologia, próprios de Seminário Maior.

Mais seminários diocesanos foram confiados aos lazaristas, mas as atividades de educação e ensino foram mantidas nos colégios do Caraça, Campina Verde, Irati e Rio de Janeiro.

O decisivo apoio de Dom João VI

Consta que Dom João VI providenciou padres da Congregação da Missão para evangelizar o Mato Grosso. Em 1819 chegaram ao Brasil os padres portugueses Leandro Rebello Peixoto e Castro e Antônio Ferreira Viçoso. Como a missão no Mato Grosso já se encontrava aos cuidados dos capuchinhos, referidos padres receberam o convite para se instalarem no alto da Serra do Caraça, em Minas Gerais. Houve hesitação inicial, uma vez que, segundo o testamento do Irmão Lourenço, o lugar seria destinado à residência dos Missionários e a um seminário para os meninos.

Dom João VI fez seu Governo desembaraçar a mudança da destinação junto à Congregação da Missão e assinou Carta Régia que assegurou a entrega dos bens, imóveis, móveis, equipamentos, deixados pelo Irmão Lourenço à Congregação da Missão.



Irmão Lourenço, da Ordem dos Franciscanos

“No tempo em que funcionou no Caraça, devido a uma epidemia de que escapou, o Seminário de Mariana praticava os Cursos de Filosofia e de Teologia, próprios de Seminário Maior.”

“Tristão de Athayde considerou o sistema de ensino do Caraça como humanismo pedagógico em que a autoridade, a coerência e a seriedade dos professores combinavam com o respeito à personalidade.”

Evolução histórica do Colégio do Caraça

Em 15 de abril de 1820 os dois sacerdotes vicentinos chegaram à região do Caraça e deram início à função missionária.

As primeiras missões foram efetivadas no arraial de Catas Altas e em Barbacena. Padre Leandro seguiu para o Rio de Janeiro e, em audiência com o Rei, obteve recursos financeiros para a manutenção da Casa do Caraça, que conquistou o título de Casa Real.

O Caraça iniciou atividades de Colégio, com quatro alunos, vindos do Rio de Janeiro, no final de 1820 e se tornou estabelecimento oficial em 1821, com quatorze alunos e um seminário para os que desejavam ser padres.

Em 1842 o Colégio foi transferido para Campo Belo da Farinha Podre, atual Campina Verde, no Triângulo Mineiro, diante das ameaças da rebelião da Província de Minas contra o Império. Em 1824, Dom Pedro havia reconhecido o Caraça como Casa Real. O deslocamento ocorreu dias depois da derrota de Teófilo Otoni, em Santa Luzia.

Em 1856 o Colégio foi reaberto e voltou a receber alunos destinados a seu ensino reputado de alta qualidade e permaneceu até 1912 quando o colégio propriamente dito, de destinação mais ampla que para as vocações sacerdotais, foi fechado.

Em 1884, um ano antes da inauguração do belo templo neogótico, construído também para facilitar o ensino e a prática litúrgica dos seminaristas de Mariana, o Seminário Maior voltou para sua sede diocesana.

De 1885 a 1895 esteve em funcionamento a Escola Apostólica destinada aos adolescentes que desejavam ser ordenados padres lazaristas. Foi reaberta em 1905 e se manteve em atividade até o incêndio de 1968.

Humanismo e seriedade garantiram o renome

Em 1881, Dom Pedro II, reputado como homem culto e poliglota, curtiu o Caraça, impressionado pela beleza e a serenidade do lugar. Há vários registros da passagem do Imperador, desde móveis de dormitório feitos para servi-lo e à Imperatriz até a pedra em que teria tropeçado. Consta que Dom Pedro ouviu e respondeu saudações em nove idiomas e apreciou muito a qualidade das aulas ministradas. Esses conceitos valorizaram ainda mais o prestígio do Caraça.

Tristão de Athayde considerou o sistema de ensino do Caraça como humanismo pedagógico em que a autoridade, a coerência e a seriedade dos professores combinavam com o respeito à personalidade. Contrastava com a decadência do ensino fundamental no Brasil que forçava o êxodo dos abastados para estudarem na Europa.

Foi exemplo típico de *campus* universitário para os ensinos fundamental e médio, pois os meninos nele ingressavam aos dez ou onze anos, em regime de internato, tendo em suas dependências habitação, alimentação, ensino e estudo, tudo planejado e executado por professores com abundantes conhecimentos, dotados de capacidade e aptidão pedagógicas, bem como de rigidez disciplinar.

À semelhança dos seminários, eram sete anos de curso, desde os pequenos aos médios, devidamente separados

em quatro e três anos pelas respectivas idades para que não houvesse a transferência de hábitos que não deviam ainda chegar aos mais novos. Para esse fim, ficavam separados os dormitórios e os alunos formavam-se sob a vigilância e a orientação de diferentes regentes e disciplinares.

No período francês do Caraça, no século XIX, havia organização cerimoniosa do calendário escolar, com datas e acontecimentos bem estruturados debaixo de regras disciplinares rígidas. Estima-se que duas dezenas e meia de matérias eram aplicadas no período em que funcionaram lá a Filosofia e a Teologia do Seminário Maior de Mariana.

Chegado o período brasileiro do Caraça, a carga de tempo de estudo foi reduzida para cinco anos e as disciplinas lecionadas eram Religião, Português, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Universal, Latim, Grego, Francês, Inglês, Matemática, Aritmética, Geografia, Cosmografia, História Natural, Ciências (Física e Química), História do Brasil e Universal, Desenho e Caligrafia.

Disciplina rigorosa

Lembra-se a rotina de um Seminário tradicional. Banho frio às seis da manhã, seguido de Missa e Refeitório. Horas de aulas. Almoço com a leitura do Martirólogo Romano. Mais aulas. Salas para estudos coletivos em silêncio hospitalar à tarde e à noite. Divertimento com esportes e, à noite, música e cantos. Muitas vezes faziam-se passeios nas matas entre pássaros, flores e animais silvestres.

O autor experimentou, no meado do século XX, pessoalmente, como aluno de primeira série ginasial, o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, no edifício monumental atualmente ocupado pela PUC Minas. Nas redondezas não existiam bairros. Mato puro acessível por trilhas rudimentares que chegavam ao alto do Progresso e do Padre Eustáquio. Cabanas eram cavadas para jogos de surpresa, passeios e competições. Excursões raramente levavam a igrejas, para cerimônias litúrgicas e pontos turísticos da cidade. O aluno tinha relativa liberdade para visitar parentes ou ir ao comércio em quartas-feiras. Os descansos eram nos suetos das quartas e dos domingos.

Imagine-se a cortiça que havia passando pelas belezas naturais do Caraça, com cachoeiras e piscinas, riachos e trilhas. Os lazeres eram sadios e úteis ao desenvolvimento físico e emocional dos estudantes e ao repouso indispensável de sua labuta escolar.

O congraçamento era diário nos espaços de recreio. Mais rápido, depois do almoço e proveitoso, após o jantar, quando se podia ouvir músicas gravadas, clássicas e populares. Havia equipamentos para exercícios físicos e nos locais de congraçamento.

O objetivo do Seminário era a qualidade total. Na espiritualidade, nas ciências e nas artes. Não havia aquela ideia de conseguir nota para passar. As coisas eram tratadas como certames diários. Como se houvesse limite de vagas e rigorosa observância da ordem de classificação.

O Diretor Espiritual estava sempre presente no contexto. Recebia informações sobre o aluno a ser atendido, dava-lhes conselhos para o aprimoramento na vida não só religiosa,

“O objetivo do Seminário era a qualidade total. Na espiritualidade, nas ciências e nas artes.”

“O Caraça é conhecido pela identificação de seu valor nuclear. Lugar próprio para adorar, agradecer e tentar compreender a justificação da eternidade.”

passava exercícios para conferir e avaliar na próxima visita.

Atentos à grande diferença que, na adolescência, a idade acarreta, os alunos eram divididos em turmas de menores, médios e maiores ou petrinos. Cada turma levava um Regente que era estudante do Seminário Maior, na Filosofia ou na Teologia.

Existe uma provável brincadeira segundo a qual o pai, quando estava insatisfeito com os resultados escolares do filho, ameaçava mandá-lo para o Caraça.

O certo é que o Caraça se tornou referência de alta qualidade para as famílias que, não podendo custear estudos na Europa, o tinha como uma das melhores opções e rara exceção, em matéria de qualidade e de nível, no Brasil.

Também é conhecido o uso dos seminários por famílias pobres. Não podendo custear estudos, obtinham das paróquias, da Congregação da Missão ou da Diocese, passe livre para filhos nem sempre vocacionados para o sacerdócio com o pretexto de induzi-los em sua vocação como envio de Deus para sua grande messe.

Para aluno que se encontrava, aos 11 anos de idade, na época do incêndio, o Caraça era uma “porta do Céu”. Quem conseguia estudar no Caraça teria na vida as alternativas que escolhesse.

O complexo hoje

O espaço do Caraça contém 12.200 hectares, constituindo patrimônio da Congregação da Missão que atualmente se dedica à educação do Meio Ambiente (RPPN e esporte de trilhas; à educação, cultura e ciência proporcionados pelo museu e biblioteca, Centro Vicente de Missão de espiritualidade, religião e peregrinação ao Santuário e ao Curato e ao Complexo Turístico dotado de pousada, restaurante, loja e lanchonete.

A aquisição das terras foi efetivada com a transferência das terras da sesmaria do Irmão Lourenço, por Carta Régia e por doações posteriores feitas por fazendeiros.

O Complexo do Santuário, dentro do espaço já mencionado é composto da igreja neogótica; do prédio do antigo Colégio, dentro do qual se encontram hoje o museu, a biblioteca e a pousada.

As atrações turísticas do Caraça, incluindo, atrativos naturais, construções e artesanato, que não constituem foco deste trabalho, encontram-se amplamente difundidos pela internet (<https://santuariodocaraca.com.br>).

O Caraça oferece como Missão proporcionar momentos de vivência com Deus, fruição da natureza e do uso responsável do patrimônio espiritual, cultural e natural da região.

O Caraça é conhecido pela identificação de seu valor nuclear. Complexo do Santuário do Caraça. Lugar próprio para adorar, agradecer e tentar compreender a justificação da eternidade. Mas, como se deixou claro, a Educação, a Preservação Ambiental, o Acolhimento, a Parceria e a Evangelização.

Os fundadores

O Caraça tem de orgulhar-se pelas personalidades que o fundaram e fizeram desenvolver.

O **Padre Antônio Ferreira Viçoso**, seu cofundador, era originário de Peniche, Oeste de Portugal. Constituiu a pri-

meira Província Lazarista do Brasil e dela se tornou Superior Geral. Foi sagrado sétimo Bispo de Mariana, em 1844, exercendo por 29 anos uma pastoral.

Em seu próspero trabalho dedicou-se à evangelização, à luta contra a escravidão e as queimadas, à defesa de escravos e matas. Criou o primeiro colégio feminino de Minas Gerais, em 1849. Defendeu a Igreja e reformou o clero.

Recebeu do Imperador Pedro II, aos 7 de março de 1868, o título nobiliárquico de Conde de Conceição. Por seus méritos e virtudes, foi declarado venerável pela Igreja Católica em 2014.

Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro, C.M., nasceu em Portugal, na Província do Minho. Presente na Congregação da Missão desde 1806, após sua ordenação exerceu o magistério de Filosofia, Literatura e Matemática. Designado para servir no Brasil, Dom João VI atribuiu-lhe o encargo de cumprir o testamento do Irmão Lourenço em conjunto com o Padre Viçoso.

De 1827 a 1834 foi encarregado pelo Império de sanear o Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, onde os padres vicentinos deveriam empregar sua expertise bem-sucedida no Colégio do Caraça. Foi estabelecido que deveriam restabelecer a devoção pelo Jubileu, criar e administrar um Colégio semelhante ao do Caraça, administrar financeiramente os rendimentos da Congregação e inventariar seus bens.

Seguiu para o Rio de Janeiro e tornou-se Vice-Reitor do Colégio Pedro II, assumindo sua administração, em termos práticos, uma vez que o Reitor era o Bispo Diocesano, idoso e doente.

Permaneceu na Capital durante dois anos e resolveu o impasse entre a Coroa e a Congregação da Missão decorrente do movimento antilusitano que se formava, conseguindo emancipar a Congregação brasileira com Superior Geral distinto do que era sediado, desde a origem, em Paris.

Posteriormente, por solicitação do Governo do Império e da Assembleia Nacional, instalou-se em Ouro Preto para organizar colégio semelhante ao Pedro II. Foi o Colégio Assunção, o primeiro Colégio do Império na Província de Minas.

Os valores humanos ali formados

A instituição vale pelos homens que dão envergadura e honra ao País. Os edifícios monumentais e as paisagens exuberantes completam-se com os nomes ilustres neles formados. Assim é o Caraça.

O Presidente Afonso Pena, nascido em 1847, foi aluno do Colégio do Caraça aos dez anos de idade. Recebeu lá a melhor educação que uma família tradicional podia oferecer: curso de humanidades, incluindo Teologia, Ética, Retórica e Línguas Estrangeiras, principalmente o Francês e o Inglês. Pelo que consta, quatro de seus filhos, incluindo Afonso Pena Júnior, foram matriculados e frequentaram o Caraça. Afonso Pena foi nomeado Vice-Presidente da República em 1903 e, em 1909, eleito Presidente da República com expressiva votação. Faleceu, exercendo o cargo presidencial, em 1909.

Arthur Bernardes, que foi presidente da República e é considerado cidadão exemplar, também estudou no Caraça.

O professor de Inglês deste autor, aliás, que costumava comentar em aula a forma mediante a qual os alunos se sentavam e sobre o comportamento indisciplinado, citava Arthur Bernardes como modelo. Relatava que ele ia de Belo Horizonte ao Rio, assentado na poltrona do Vera Cruz, sem perder a posição elegante devida para ambientes solenes; não se movia. Exagero ou não, mostrava o porte do estadista muito respeitado e homenageado.

Embora tenha ingressado no Caraça aos 12 anos de idade, foi impregnado pela educação rígida do Colégio, com horários e a programação rigorosamente vigiados e regime disciplinar passava por punições severas e a palmatória estava em todos os recintos do educandário.

Bernardes recolheu do Caraça sólida formação moral e religiosa.

Pode-se dizer que o antigo Presidente herdou do Caraça a marca autoritária, insensível aos sentimentos e apegado à letra da lei. Não é verdade. Bernardes era de hábitos austeros, sisudo, severo, que raramente sorria. Trajava-se com calças vincadas com sobriedade e elegância. Mas era afável no trato, seco, formal, cortês e reservado.

Dom Silvério Gomes Pimenta, notável vulto do clero brasileiro, embora sem ter estudado no Caraça, a este se integra não só por ter sido padre lazarista do grupo do Caraça como também por ter tido Dom Viçoso, um dos fundadores, como padrinho e orientador

Vale o exemplo

O autor poderia ser exaustivo na apreciação do Conjunto do Caraça. Entendeu, no entanto, dever sair do caminho comum de descrever as obras naturais e arquitetônicas da região para valorizar os que fundaram, remota ou diretamente, a Ermida, o Santuário, o Colégio e o Seminário para registrar as dificuldades que ultrapassaram e que devem ser valorizadas segundo as dificuldades de seu tempo. Julgou importante levantar as causas do renome do Caraça e difundir as aspirações e as obras da Congregação que o desenvolveu como patrimônio não só material como sobretudo imaterial. Sementeira e fonte de grandes homens públicos, civis, militares e eclesiásticos que honraram o Brasil.



Camões e a crise europeia

Donaldo Schüller*

*Doutor em Letras e Livre-Docente pela UFRGS e pela PUCRS.
Professor titular aposentado em Língua e Literatura grega da UFRGS.*

As armas e os barões assinalados,/ Que da Ocidental
praia Lusitana,/ Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,/ E em perigos
e guerras esforçados/Mais do que prometia a
força humana,/ Entre gente remota edificaram,/ Novo Reino,
que tanto sublimaram, // E também as memórias gloriosas/
D'aqueles Reis que foram dilatando a Fé e o Império,
e as terras viciosas/ De África e de Ásia andaram
devastando,/ E aqueles que por obras valerosas/
Se vão da lei da morte libertando,/ Cantando espalharei
por toda parte,/ Se a tanto me ajudar o engenho e a arte. //
Cessem do sábio Grego e do Troiano/ As navegações
grandes que fizeram,/ Cale-se de Alexandre e de Trajano/
a fama das vitórias que tiveram,/ Que eu canto o peito
ilustre Lusitano/ a quem Netuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,/ Que outro valor
mais alto se alevanta. // E vós, Tágides minhas,
pois criado/Tendes em mim um novo engenho ardente...

(Os Lusíadas, l.1-4)

1. Crise

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor maior se alevanta.

O que canta a Musa antiga? A Musa homérica canta heróis que viveram valores consagrados, tidos como imorredouros. Homero acompanha os acontecimentos sem paixão. Que a Musa invocada fale por ele! O vate intervém raramente e, quando o faz, reafirma o que pensam coetâneos seus.

O comportamento de Camões, poeta tocado pelas Tágides, é outro. Movido pelas Tágides, Camões é passional. Fala para que as novas gerações revivam os valores dos construtores da pátria portuguesa. Intérprete camoniano no sec. XX foi Fernando Pessoa: "O mar com limites foi grego ou romano, o mar sem limites é português". O mar sem limites começa no Tejo e se expande nas navegações espaciais.

A ruptura com o mundo antigo foi crise recente, a crise europeia começou em tempos míticos, na época de Hesíodo. Crise é afastamento, escolha crítica, julgamento. A crise gera atitudes adequadas ao momento. Em períodos de crise surgem heróis, líderes, pensadores. Já foi assim nos primórdios. Zeus, ao assumir o governo do mundo, incorreu nos crimes dos antecessores, reprimiu todos os que pela inteligência ou pela força poderiam representar empecilho ao soberano exercício do poder. Atento à crise, Hesíodo falou de deuses e homens em grupos opostos, recorreu ao verbo *krínein*. Jacques Lacan brinca com as palavras *separare* – *se parere* (separar, se parir). O ato de separar provoca o parto, a construção de si mesmo. Por separação surgem o céu e a terra, a mãe e o filho, o autor e a obra, deuses e homens. A crítica, a escolha, o julgamento mantêm aberto o abismo produzido pela separa-

ção. Quem arrebatou o poder provoca crise, crítica é a atitude dos que pleiteiam espaço para sermos livres.

Em Mecona, Prometeu escolheu deliberadamente o partido dos homens. Prometeu abdicou da condição divina, naturalmente dele. Assumida a posição humana, Prometeu representa o homem movido por contradições: grandeza e pequenez, força e fraqueza, reverência e impiedade, inteligência e ignorância. Em Mecona, Prometeu celebrou um sacrifício a Zeus e o ludibriou. Cobriu os ossos com o brilho da gordura, revestiu as porções comestíveis com o buxo repelente, entregou a escolha a Zeus. Zeus aceitou o desafio, entrou no jogo, ficou com os ossos. O Pai dos mortais e dos deuses protegia os homens como crianças, enfrenta-os agora como adversário. O castigo a Prometeu pune seres rebeldes.

Ludibriador de deuses, Prometeu apossou-se do fogo e o brindou aos homens. De posse do fogo, o homem agrava o processo de separação. O fogo arranca os homens dos braços da natureza. Conquista nenhuma se logra sem perdas. Distanciando-se da natureza, o homem perde a proteção da mãe, provoca a sua própria expulsão do paraíso, ingressa desprotegido num universo de riscos em que lhe faltam, desde o nascimento, condições para sobreviver. Rompidos os vínculos com o mundo protetor, cabe a rebeldes construir outro. Como artífice, o homem está no mundo sem se identificar com ele. Prometeu inicia a história do homem rebelde, abre o primeiro capítulo da epopeia humana: a invenção contra o que foi determinado. O homem inventa o mundo em que vive.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta.

Novos valores: a indústria naval, a astronomia. Vasco da Gama, comandante de expedição exploradora, sonhava em recolher no Oriente as riquezas que pelo tratado de Tordesilhas espanhóis trouxeram do Ocidente.

2. Terras viciosas

E as terras viciosas de África e Ásia andaram devastando.

O que são terras viciosas? São as regiões dominadas por Baco, o deus do vinho, das drogas. Michel Montaigne (1533-

* O desembargador Tiago Pinto lembrou que comemoramos em 2024 os 500 anos do nascimento de Luiz Vaz de Camões. Em homenagem ao autor de Os Lusíadas, convidou-me a falar no Congresso da Magistratura Mineira 2024. No dia anterior (19/9/24), a Dra. Beatriz Brito, esposa do Dr. Tiago, teve a gentileza de convidar minha esposa, Profa. Carmen Gonçalves, e a mim para uma visita a Inhotim, renomado museu de arte contemporânea. Publico a palestra em *MagisCultura* a convite do então presidente da Amagis, juiz Luiz Carlos Rezende e Santos.

Leia nesta edição artigo do desembargador Tiago Pinto sobre o autor.

“Contra os sonhos dourados de Camões, Adam Smith, o criador da ciência econômica, pergunta: *O que diferencia o homem civilizado do homem primitivo?*”

1592), que viveu no mesmo século de Camões, recomenda examinar costumes criteriosamente. O ensaísta conviveu por mais de dez anos com um homem que conheceu a parte do Novo Mundo onde Villegaignon tinha fundado a França Antártica [Rio de Janeiro]. Instruído pelas palavras do informante, Montaigne afirma que não são bárbaros os povos da região recém-descoberta, o clima ameno permite-lhes dançar o dia inteiro. Devoram inimigos sem intenção de se alimentar. Crítico de sua gente, Montaigne considera reprováveis costumes europeus. Não há o que justifique esquarterar homens, queimá-los lentamente, entregá-los à voracidade de cães e de porcos sob pretexto de ausência de devoção ou falta de fé.

Grande parte dos recursos que destinamos à segurança são consumidos pelo combate ao tráfico de produtos nocivos à saúde. A produção e o comércio de substâncias que destroem a vida molesta países, continentes, ameaça o mundo. Vícios são os conflitos bélicos. Desinteligências que deveriam ser discutidas na mesa de negociações são levadas aos campos de batalha. Armas letais matam soldados, velhos, crianças, mães.

3. A riqueza das nações

Contra os sonhos dourados de Camões, Adam Smith, o criador da ciência econômica, pergunta: *O que diferencia o homem civilizado do homem primitivo?* Primitivos produzem o que consomem, isolam-se. Civilizados produzem mais do que consomem, trocam produtos. *Como?* Pela divisão do trabalho. A máquina ampara os que não se contentam com a sobrevivência. Destino do excesso é o mercado. Produtores buscam consumidores. O padeiro consome o produto do açougueiro e vice-versa. Criam-se vínculos sociais, interdependência. O produtor emprega e paga pelo trabalho. Metal por si só não produz nações ricas. Com o ouro da América, Espanha e Portugal empobreceram. O ingresso de ouro, de prata, de pedras preciosas não afetou o mercado. O homem se distingue nos valores que produz, no poder de compra. Cada um trabalha no seu próprio interesse para o benefício de todos.

4. O mercador de felicidade

Meio século depois de Adam Smith, chaminés fumegantes proclamam a industrialização da França. Emma, camponesa que sonha com Paris, casa com um médico, aproxima-se um degrau da realização de seus sonhos. O marido não a acompanha, sente-se realizado com sua pacata vida aldeã. Lhereux (mercador de felicidade) leva ao interior o excesso de produtos oferecidos às mulheres de Paris, o céu de Emma. Lhereux distribui generosamente para regiões agrárias produtos que Paris, abarrotada de panos, não consome. Lhereux entra na casa de Emma com promessas do mundo paradisíaco parisiense. Emma envolve-se nos panos que adornam senhoras da cidade sonhada. Para se aproximar da capital, a sonhadora assina compromissos sem pestanejar, brinca com o dinheiro como brinca com a vida. De repente aparecem exigências inesperadas. Em dinheiro não se toca levemente. A

magia da moeda (de valor maior que a vida!) transforma horas de alegria em obrigações financeiras. O mundo dos sonhos dissolve-se em contas a pagar. Para industrialistas, banqueiros e vendedores, dinheiro vale dinheiro. Dívidas em dinheiro pagam-se com dinheiro. Emma morre envenenada por papéis e assinaturas. Procura o amor numa sociedade invadida pelo mercado e perece na rede de credores. É o que nos conta Flaubert no romance, *Madame Bovary*.

Emma procura a poesia num mundo que a banuiu. A criança que há nela brinca de mercado, o mercado sufoca a inocência. Como viver sem sonhos, sem poesia? Emma delira até o momento de ser sufocada por um mundo cruel, assassino. Incriminar Emma de infidelidade não é justo. Ela nunca deixou de ser fiel a si mesma. Traidores foram os homens, rompiam promessas deliberadamente. Para fugir do mercado, de traidores, Emma escolhe a morte, lugar em que dívidas não atormentam.

5. O processo

O quarto de dormir de um bancário disciplinado, Josef K, é invadido por dois estranhos à hora da refeição matutina. Os invasores dizem-se agentes da ordem pública, embora se ignore quem são, donde vêm. Os invasores sabem pouco de si, não justificam atos, declaram Josef K detido. O ambiente familiar se afunda nas brumas do estranho. Josef K é peça da máquina bancária. O processo movido contra ele irrompe como um pesadelo sem alterar obrigações profissionais. *Onde está a verdade? Na vida cotidiana, no sonho?* Josef K, sempre seguro de si, começa a preocupar-se com a identidade. O interesse em desvendar o mistério multiplica perguntas não respondidas. Um juiz mal-informado confunde o bancário com um pintor de paredes, falta-lhe certeza de haver um processo contra o acusado. *O processo* – romance de Kafka – exprime conflitos do conturbado alvorecer do século XX. A pessoa sente-se incompreendida e excluída. Faltam a administrações estagnadas recursos para entender demandas da inquieta geração vanguardista. Os mares a serem navegados demandam pensadores competentes. O colapso de aparelhos administrativos provoca a ruína de trabalhadores inofensivos e ordeiros.

6. Da náusea ao absurdo

Sem ocupação séria, sem aventuras, Antoine Roquentin vive aos 35 anos de rendas. Examina a vida de um aristocrata do século XVIII. Náusea lhe causa o marquês biografado. A guerra foi saudada como renovação, inauguração de um novo século, de um novo mundo. Grande parte da intelectualidade jovem tomba nos campos de batalha. Quem sobrevive, retorna decepcionado. A perspectiva de um segundo choque armado aflige. Jean-Paul Sartre mergulha com os expressionistas para dentro de si mesmo. Os artefatos de inovadores alimentam-se do caos interior. Os apontamentos de Roquentin (Sartre) viram diário romance, *Náusea* (1938). Fundamento já foi água, já foi ideia, já foi razão, agora é náusea. Sartre se põe a escrever em circunstâncias adversas, o espaço compreendido entre as duas Guerras Mundiais.

“Os mares a serem navegados demandam pensadores competentes.”

“*Abaporu* devorou a razão, a saudade, a melancolia, a náusea, o absurdo, a produção industrial. Em meio ao banquete antropofágico, a cabeça começou a crescer, veio a vontade de produzir.”

Refleta-se sobre a vida, o convite vem de Albert Camus. O pensador reconta um episódio narrado por Homero na *Odisseia*. Sísifo foi condenado a rolar uma pedra até o topo de uma montanha, a pedra escapa-lhe dos braços exaustos e se acomoda no sopé. O trabalho recomeça e o resultado é sempre o mesmo.

Na filosofia originária o sentido está na própria vida, viva é a natureza, realidade pulsante, exame da subjetividade não há, em pensadores recentes o sentido sofre abalos. De Sísifo é a tarefa dos que trabalham. *Onde reside o valor de atividades que não conduzem a nada?* Camus declara absurdos todos os trabalhos. Absurda é a declaração que não satisfaz a demanda. Em nota preliminar ao livro *O mito de Sísifo* (1942) Camus afirma que **l'absurde ... est considéré dans cet essai comme un point de départ**. O valor desponta no momento em que cruzamos os braços e começamos a refletir. O sentido da vida é o que nós lhe damos. Uma das opções é a revolta. Contemplativa é a atitude de Carlos Drummond de Andrade em “*A máquina do mundo*”.

7. O homem unidimensional

Herbert Marcuse, intelectual da escola de Frankfurt, migra aos Estados Unidos, centro da indústria e do comércio. A diferença entre direita e esquerda, observa Marcuse, sumiu. Burguesia e proletariado já não se caracterizam como agentes de transformação. A máquina nivela todos, satisfaz necessidades. Desenvolve-se a cultura de massa, estilos estereotipados. Na sociedade conformista, produtos industriais medem a felicidade. O homem unidimensional produz, compra e consome, vive numa realidade planejada, fabricada, segura. Felicidade é mercadoria. *Se o conforto contenta, por que pensar em vida melhor?* O homem unidimensional se tornou índice de felicidade. O poder aquisitivo classifica os felizes, desenvolvidas são as nações contempladas com pessoas produtivas, insensíveis ao absurdo. Nada lhes é absurdo porque não perguntam nada. O homem unidimensional é feliz porque alcançou o que quis. Se cansa, a indústria farmacêutica lhe oferece pílulas que o devolvem ao trabalho.

8. *Abaporu*

Abaporu – pintura de Tarsila do Amaral (1928) – de corpo gigantesco, apoia a cabecinha vazia no braço desmilinguido. Tarefa de *Abaporu*? Digerir o que engoliu. A digestão é lenta. Depois do bispo Sardinha, *Abaporu* devorou a razão, a saudade, a melancolia, a náusea, o absurdo, a produção industrial. Em meio ao banquete antropofágico, a cabeça começou a crescer, veio a vontade de produzir. *Abaporu* é símbolo do brasileiro faminto, devorador de livros e de imagens, abarrotado de cultura europeia desde o período colonial.

Devoramos Quevedo, produzimos Gregório de Matos. Devoramos Tomás de Aquino, produzimos Antônio Vieira. Devoramos as Mil e uma noites, produzimos *As Cartas Chilenas*, devoramos gravuras de além-mar, produzimos Aleijadinho. Devoramos Le Corbusier, produzimos Oscar Niemeyer devoramos Stern, produzimos Machado de Assis. Devoramos

o falar sertanejo, produzimos Riobaldo e Diadorim. Devoramos Virgínia Woolf, produzimos Cecília Meireles. Devoramos a fuga de Johan Sebastian Bach, produzimos as bachianas de Heitor Vila Lobos.

9. Novo Reino

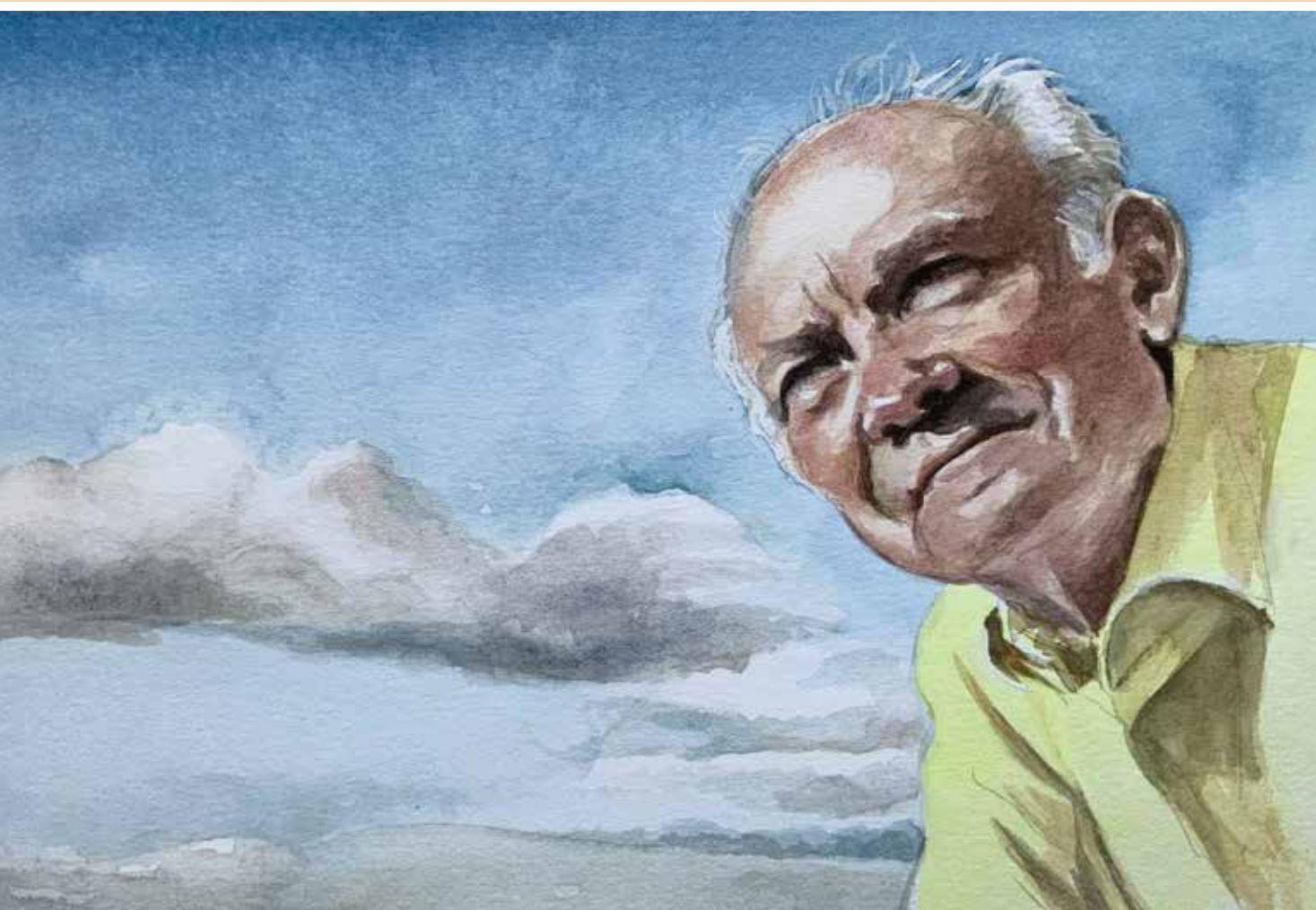
*Entre gente remota edificaram novo reino
que tanto sublimaram.*

Ontem discutíamos riscos, o maior era o das máquinas. Os braços de Sísifo foram substituídos por engrenagens. Os Sísifos de agora estão sentados em salas de ar refrigerado, processam dados, comandam robôs. Anunciava-se a confraternização universal sem hegemonias. Veio a era digital. Aparelhos eletrônicos observam nações amigas, neutras e hostis, vão ao requinte de invadir ambientes privados. Agora, enquanto nos reunimos nesta sala, robôs varrem o chão, robôs preparam e servem refeições, robôs montam automóveis e os conduzem, robôs tomam o lugar dos dedos de cirurgiões, robôs dirigem aeronaves e matam gente. *Se o absurdo denuncia a pergunta sem resposta, terá o robô, munido de inteligência artificial, abolido o absurdo?*

Camus adverte precavido que o absurdo é o ponto de partida. O robô conhece o ponto a que chegamos, satisfaz os que usufruem o que outros produziram. O ponto de partida para a execução de tarefas sem precedentes não está registrado na memória da inteligência artificial (IA), elaborar o absurdo é tarefa nossa. Robôs dotados de IA navegam em mares com limites, o mar sem limites é português, é universal, é nosso.

Entro em Inhotim. A abóbada celeste se apoia em montanhas revestidas de verde, fendidas por cascatas. Ando por veredas que avançam em prados, em bosques. Borbulham lembranças – lembranças – pedaços recolhidos de vários lugares em tempos esparsos. Imagens de Inhotim. *De quem? Mister Tim? Senhor Tim? Nhô Tim? Inhotim? Quem é Tim? Quem sou eu? E Tunga?* A cada movimento me reconstruo no confronto de corpos em construção. Inhotim tem sonoridade indígena, lugar de antropofagia sentida, vivida, inventiva. *Libertas quae sera tamen*, liberdade daquilo que de grande outras gerações realizaram, liberdade que não exclui ninguém, liberdade que nos irmane a todos, liberdade de inventar, liberdade que nos permita sonhar outro mundo – Inhotim.

“O robô conhece o ponto a que chegamos, satisfaz os que usufruem o que outros produziram.”



Donald Schüler e a viagem humana

Narrador e Narrativa

Tiago Pinto

Desembargador do TJMG, aposentado

“**D**izem que o mate afoga/
As mágoas do coração;/
Mate sobre mate tomo.../
As mágoas boiando vão!

Simões Lopes Neto

O discurso de Donald Schüler seduz, encanta e desperta. É da mais pura tradição da cultura e do humanismo literário, revelada nas manifestações e expressões dos infindáveis campos do conhecimento, da arte à ciência, da literatura à filosofia e, pois, em uma dimensão da vida social, da sociedade e do próprio ser.

Cultura que muito tem da prosa mineira, pois ele foi discípulo de Guilhermino César, que se transferiu para o Rio Grande do Sul, acompanhando Ernesto Dornelles, quando este foi nomeado interventor naquele estado. Pode-se dizer, então, que também foi Schüler “*temperado num caldeirão onde cabiam todas as mistelas, de onde saíram todos os caldos de mineiridade*”. (Paulo Mendes Campos)

Mito e verdade

Começa a conferência...!!! O espaço transforma-se em espaço de convivência. O tema revolve narrativa da épica Camoniana. Mito e alegoria convertem-se em verdades históricas:

“*Camões nos legou a maior epopeia moderna [...], cujas páginas relatam a viagem de Vasco da Gama às Índias, mas que tem como motivo principal um canto de louvor ao povo português, o verdadeiro herói desta obra magnífica de conquistas do lusitano.*” (Jorge Viana de Moraes)

Na fala convivemos, já o disse Schüler. Soa como um convite de visita ao Rancho de João Cardoso, lugar, no seu livro “*Narrar Narciso*”, onde, ao redor de uma fogueira, se tomava o mate, colocava-se a prosa em dia e faziam-se os negócios.

No rancho erguido “*à beira da estrada, o anfitrião convidava os passantes para um mate, acompanhado de um dedo de prosa, prolongava os encontros enquanto podia [...]*”.

A conversa seduzia e se prolongava com arte. Causava espanto e admiração. O espanto que leva à reflexão, ao pensar. Um convite ao pensar.

“*La source immédiate de l'ouvre d'art est l'aptitude humaine à penser.*” (A fonte imediata da obra de arte é a capacidade humana de pensar.) (Hanah Arendt)

O experiente conferencista, que é professor de língua e literatura gregas, provoca a plateia, de pronto:

– “*Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta.*”

Crise, ponto de rompimento cultural entre épocas:

“*A ruptura com o mundo antigo foi crise recente, a crise europeia começou em tempos míticos, na época de Hesíodo. Crise é afastamento, escolha crítica, julgamento. A crise gera atitudes adequadas ao momento. Em períodos de crise surgem heróis, líderes, pensadores.*”

O progresso da história caminha por períodos de estabilidade, dado por uma lei geral, que determina a sucessão de épocas, a que St. Simon chamou de ‘épocas orgânicas’ e de ‘épocas críticas’.

O período orgânico desenvolve-se sobre um sistema de crenças bem estabelecido e de acordo com ele. Na crise, as ideias que dominam a época mudam o sistema que determina o progresso, dando início a uma crise, ou época crítica. Há incerteza e ambiguidade nos valores.

– “*Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta.*”

Homero, Camões, Pessoa

A Musa homérica canta heróis que reviveram valores consagrados, tidos como imorredouros. Homero acompanha os acontecimentos sem paixão. Que a Musa invocada fale por ele! O vate intervém raramente e, quando o faz, reafirma o que pensam coetâneos seus.

O comportamento de Camões é outro. Movido pelas Tágydes, Camões é apaixonado. Fala para que as novas gerações revivam os valores dos construtores da pátria portuguesa. Intérprete camoniano no sec. XX foi Fernando Pessoa:

“*O mar com limites foi grego ou romano, o mar sem limites é português.*”

O mar sem limites começa no Tejo e se expande nas navegações espaciais.

Comte e muitos positivistas acreditaram que toda a época moderna é de crise, no sentido de que ela não atingiu a sua organização definitiva em torno de um único sentido.

Daí o caminho percorrido pelo conferencista rumo à modernidade, passando pelas ‘Terras Viciosas’, ‘A Riqueza das Nações’, ‘O mercador de felicidades’, ‘O Processo’, ‘Da Náusea ao Absurdo’, ‘O Homem Dimensional’, ‘Abaporu’, ‘O Novo Reino’.

O mito é um elemento consolador, mesmo em épocas orgânicas, em que não haja incerteza, nem lutas, na percuciente visão de Ortega y Gasset.

A *Odisseia* foi uma das inspirações de Camões. Homero é universal, e ecoa no presente. É lido, relido, interpretado, recriado.

Homero é poeta, diz Schüler, no seu ‘*A origem do Discurso Democrático*’.

“*Seu ofício é produzir imagens. Como vive numa cidade em processo de democratização, revive matéria épica na experiência de todos os dias. Faz da epopeia um retrato do mundo. Nesses limites determinados fazemos sua leitura e a de seus afluentes tributários.*”

Pensar os épicos é tarefa que se deve colocar sobre o colo de Penélope:

“*Le travail de la pensée est comme la toile de Penélope: ele défait chaque matin ce qu'elle a achevé la nuit précédente.*” (“O trabalho do pensamento é como a colcha de Penélope: ela desfaz cada manhã o que ela completa na noite precedente.”) (apud Berenice Levét)

Incessante e contínua é a viagem do homem.



Lamartine César (de bigode) deixou Capinópolis e alistou-se na Força Pública de Minas Gerais para combater os paulistas em Passa Quatro. Ele é avô da artista plástica Sandra Bianchi, ilustradora de MagisCultura, que aquarelou a foto. Não foi possível identificar o outro personagem.

Manuscritos revelam os horrores da guerra em Passa Quatro em 1932

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

De súbito, um estrondo pavoroso atoa os ares, ensurdecedor, abalando céu e terra. A cidade inteira freme e, na parte sul, as casas tremem, abrem-se fendas nas paredes. A grande altura voam destroços, estilhaços.

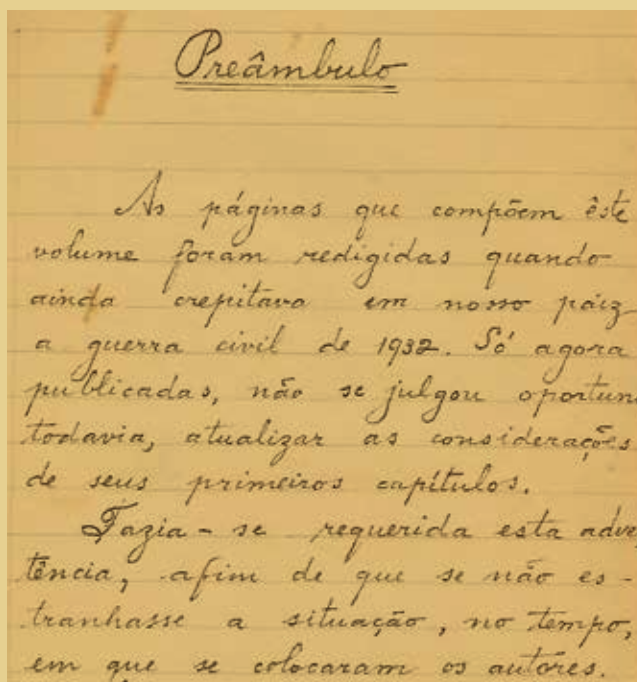
Dois manuscritos inéditos revelam o dia a dia sofrido da população de Passa Quatro, no sul de Minas, durante os meses de julho, agosto e setembro de 1932, quando a cidade foi palco de violentos combates entre as tropas revoltosas de São Paulo e as da Força Pública mineira e do Exército brasileiro, no episódio conhecido como 'Revolução Constitucionalista', em que as elites políticas paulistas se revoltaram contra o Governo Provisório de Getúlio Vargas, acusando-o de "trair os ideais" da Revolução de 30, que derrubara Washington Luiz.

Um dos manuscritos é assinado pelo poeta e escritor Heli Menegale, que reescreveu, em 1935, parte do documento original, de autoria do 'coronel' Arthur Tiburcio Ribeiro, chefe político da cidade, e escrito em folhas soltas, dia após dia, simultaneamente aos acontecimentos. Ambos os documentos foram guardados carinhosamente e cuidadosamente durante todos esses anos por Berenice Menegale, que os revelou à *MagisCultura*. Berenice, pianista, membro da Academia Mineira de Letras, fundadora e diretora da Fundação de Educação Artística de Minas Gerais, assegura que as anotações são de Arthur e o texto final de seu pai, que já não residia em Passa Quatro na época dos acontecimentos. "Eles eram amigos", informa.

O manuscrito de Heli está em 104 páginas de um caderno escolar de capa dura, com sua própria letra, e cobre o período de 10 de julho, um dia após o 'estouro' da revolta paulista, até 4 de agosto. As anotações originais de Arthur Tiburcio se estendem até o dia 9 de setembro, dia em que, segundo o relato, as forças paulistas foram inteiramente derrotadas no Túnel, em vitória decisiva para decretar a rendição paulista, ocorrida em 2 de outubro. As anotações originais ocupam 26 folhas de papel almaço pautado, com caligrafias diversas, a indicar que boa parte do relato foi ditado pelo coronel a auxiliares. O texto de Heli é escorreito, às vezes poético, sempre seguindo as anotações, enquanto a linguagem dos originais é mais dura, direta e, às vezes, com erros gramaticais e de grafia.

Livro não foi publicado

No preâmbulo do manuscrito, Heli Menegale informa que "as páginas que compõem este volume foram redigidas



quando ainda crepitava em nosso país a guerra civil de 1932. Só agora publicadas, não se julgou oportuno, todavia, atualizar as considerações de seus primeiros capítulos."

Antes de entrar propriamente no diário, ele tece considerações sobre o momento político da época, em tópicos que intitulou "Fé revolucionária", "O panorama nacional", "O surto reacionário", "Alinham-se os adversários" e "O setor do Túnel".

A narrativa sobre os dias também é dividida em tópicos, que buscam resumir a tônica do período. "Cinco dias de dúvida e sobressaltos" resume o período de 10 a 14 de julho; "Antes do troar dos canhões" contempla os dias 15 e 16 de julho; "As primeiras refregas, simples prólogo..." cobre de 17 a 20 de julho; "Sobre o Pico do Cristal" vai de 21 a 31 de julho; "Apertam o frio do tempo e o calor das batalhas..." narra os quatro dias de agosto.

Fé revolucionária

Em seu primeiro tópico, Heli Menegale manifesta sua crença de que "a grande revolução brasileira, que estalou na tarde de 3 de outubro de 1930, ainda está em meio" e que a "sua vitória inicial" "foi a deposição do último representante da oligarquia que dominava a nação". Ele admite que nos anos subsequentes "o espírito revolucionário sustentou [...] contínuos

“Foi o anseio de ver moralizada e refundida a estrutura político-administrativa do país, para reabilitação da economia e do caráter nacional, que nos levou (...) ao contágio da inquietação em que nesta hora a humanidade tumultua, e que a arrasta à neurose da insurreição.”

choques contra a velha mentalidade, inadaptável à sociedade política em que a nação aspira a renovar-se”.

Manifesta a esperança de que a revolução vá “*ganhando vitórias parciais, que lhe abrem passagem para a definitiva e completa*” e conclui:

“A revolução popular nasce da conveniência nacional.”

Heli Menegale diz que “*foi o anseio de ver moralizada e refundida a estrutura político-administrativa do país, para reabilitação da economia e do caráter nacional, que nos levou – um povo secularmente, ingenuamente contemplativo, resignado – ao contágio da inquietação em que nesta hora a humanidade tumultua, e que a arrasta à neurose da insurreição.*”

E foi assim que “*explodiu a revolução*”.

As “*expressões oposicionistas*” ao Governo Provisório de Vargas, segundo Heli, “*quanto mais numerosas e agitadas, mais impunham ao governo o prolongamento e a energia de sua atuação e do seu poder. Foi quando se tornou asada a coligação dos elementos vencidos pela revolução ou divorciados dela, na ‘frente única constitucionalista’.*”

Ele trata a aristocracia paulista como “*inimigos da nova organização política nacional*” e diz que o Partido Democrático, “*sem a posse absoluta do poder, sentiu-se espoliado. Rompeu com o governo revolucionário, lançando-se aos braços daquele para lutar contra o qual tinha nascido – o Partido Republicano Paulista.*”

O texto introdutório, escrito em 1935, faz também um resumo das articulações e das batalhas havidas:

“Itararé, a barreira inexpugnável, mal defendida, cai facilmente em poder do exército do Sul. O general Góis Monteiro, no vale do Paraíba, contrapõe suas forças às tropas insurrectas escolhidas e acumuladas naquele rápido caminho para a Capital federal. E, em Minas, a Força Pública estadual expulsa, aqui e ali, tropas adversárias que haviam atravessado os limites do Estado, e se dispõe a invadir o território paulista, reduto dos rebeldes.”

Verdes relvados, cafezais e onças esfaimadas

Menegale encerra a parte inicial do relato com a descrição poética do setor do Túnel, que se tornou o elemento fundamental nos embates e decisivo para a derrota paulista:

Na Central do Brasil, a meia viagem de São Paulo e Rio – Cruzeiro, cidade paulista. Dali, onde estão edificadas as duas oficinas monumentais, parte a Estrada de Ferro Sul de Minas, em direção à Mantiqueira, a Minas. Em leito plano, alcança a estaçãozinha de Rufino de Almeida, seis quilômetros. E começa de grimpar a serra. Mais 11 quilômetros – Piraquê, plena montanha. E sobe, galgando rampas cada vez mais agudas, furando pequenos túneis.

Vai por um vale imenso, formado de dois espigões. Por uma vertente segue a ferrovia, por outra a estrada de rodagem. No meio, um abismo. E pitorescos panoramas, por todo lado. Espessos bosques; verdes relvados quebrando cimos; pinheirais, onde altas árvores ramalham constantemente; rochas abruptas; cachoeiras a descer entre pedras, desmanchando-se em espumas; e mais adiante, transparentes riachos, a cantar e a

fugir, em torcicolos... Fazendolas espalhadas pela montanha, choupanas fumegantes, o gado silencioso, aqui, acolá. Cafezais.

Lá embaixo. Lá muito longe, na longa distância translúcida, cidades paulistas – Cruzeiro, Cachoeira, Lorena, Guaratinguetá...

No tope da montanha, enfim, no quilômetro 24, abre-se a bocaça do túnel. O túnel – 998 metros embaixo da terra, em subida...

Por cima dele, a divisa dos dois Estados, São Paulo e Minas. À saída, a solitária estação do Túnel – hoje, Coronel Fulgêncio.

1.050 metros de altitude.

E uma fontezinha de água gelada e leve, a correr...

Depois, a descida. Manacá, Passa Quatro, a sucessão de estações sul-mineiras, e a via-férrea a multipartir-se em ramais, a tocar as cidadezinhas de veraneio, as estâncias hidrominerais, as cidades industriais, as que servem de centro de lavoura e criação...

E o contato com as outras estradas, adentrando-se pelo Estado, voltando para a região paulista, em outros pontos...

Mas no alto da serra, numa garganta, a extensa passagem subterrânea, cavada em pedra. Por cima dela, a estrada de rodagem.

Picos, pedreiras, escarpas, grotões fechados, vales, abismos – esse o setor do Túnel.

Naquelas culminâncias de serrania, aureoladas de nuvens ondulantes, o frio é intenso. Em julho e agosto a temperatura desce a alguns graus abaixo de zero. A chuva cai enregelante, a miúdo, e o nevoeiro, a quando e quando, envolve a montanha toda no véu imponderável de umidade.

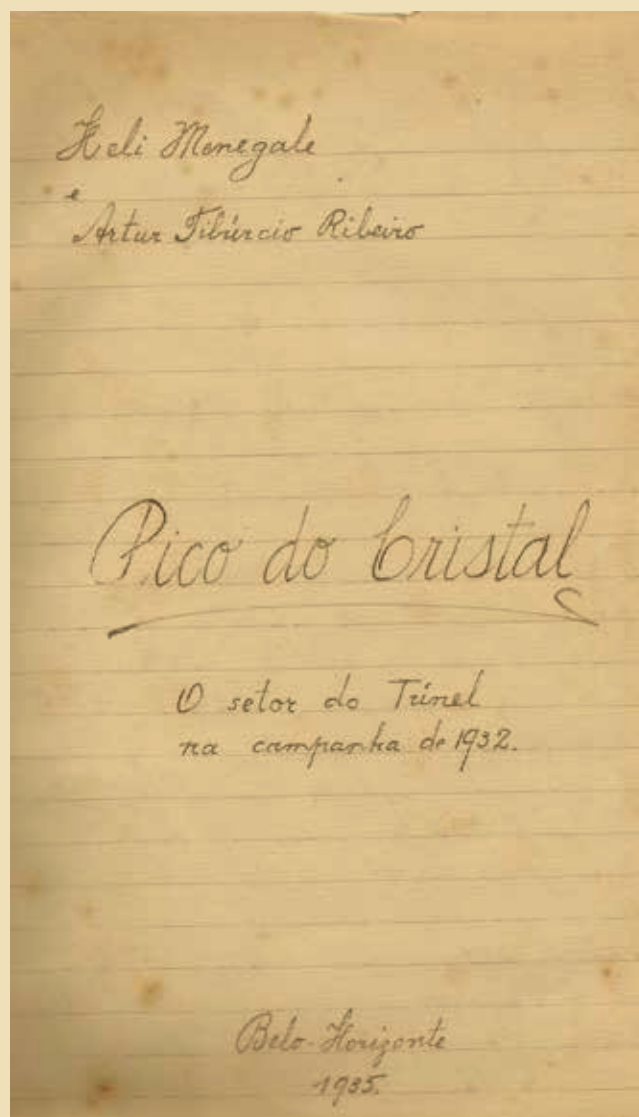
À noite, pelos recôncavos, miam onças esfaimadas.

O que foi a Revolução de 32

A Revolução Constitucionalista eclodiu a 9 de julho de 1932, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, o mesmo do levante de 1924, contando com a participação de vários remanescentes do movimento de 1930 e “com amplo apoio dos mais diversos segmentos das camadas médias paulistas”. Não por acaso, mesmo derrotada pelas forças governistas, a Revolução inseriu-se no calendário dos grandes feitos do estado de São Paulo e a data ainda hoje é comemorada como feriado paulista.

Após quase três meses de intensos combates em quatro frentes do Estado, o conflito foi encerrado em 2 de outubro de 1932, com a rendição do Exército Constitucionalista. Até dois dias depois, houve combates. O saldo social é de 934 mortos nos 87 dias de conflito, embora os pesquisadores estimem que tenha havido mais de 2 mil vítimas.

Fonte: *O Estado de S. Paulo* de 07 de julho de 2022, por José Maria Tomazela.



Dois autores, em tempos distintos

Heli Menegale

Heli Menegale nasceu em 1903, em Juiz de Fora, e morreu em 1982, aos 79 anos, no Rio de Janeiro. Era formado pela Escola Superior de Agricultura e Pecuária, do Sul de Minas, atividade que nunca exerceu. Foi professor em várias escolas, inclusive em Passa Quatro, onde morou, e na sequência, já em Belo Horizonte, no então Ginásio Mineiro, depois Colégio Estadual, do qual também foi diretor. Isso pelos idos de 1950.

Assumiu em 1936 a cadeira 32 da Academia Mineira de Letras, da qual foi presidente por dois mandatos, na década de 1950, sendo o responsável pela instalação da entidade em sede própria, na capital.

Aos 19 anos, publicou o primeiro livro, *Azul*; depois mais dez, a maioria de poesia. Entre eles, o *"Cabo Deodato"* que narra a trajetória de um valente soldado durante a Revolução de 1930, em Passa Quatro, livro que foi objeto de reportagem na Edição 25 de *MagisCultura*, de abril de 2022 (disponível em www.amagis.com/comunicacao).

Arthur Tiburcio Ribeiro*

Mais conhecido como 'Coronel Tibúrcio', foi líder político em Passa Quatro durante praticamente toda a primeira metade do século XX. Há registro de assinatura sua em uma 'ata de livro de votação' quando tinha apenas 11 anos de idade. Assumiu a prefeitura, como 'Agente Executivo' (que correspondia a prefeito) pela primeira vez, de 1905 a 1908, aos 28 anos. Depois, exerceu o cargo de prefeito em vários mandatos, entre 1938 e 1945, e mais um curto período em 1946, seu último mandato.

Despediu-se da vida pública oficialmente em 25 de março de 1954, publicando mensagem no jornal *'Correio da Mantiqueira'*, na qual dá *'por finda a minha vida pública, da qual já me acho, praticamente, afastado desde outubro de 1952, quando me excluí de qualquer manifestação ou intromissão na vida política ou administrativa da minha terra'*.

Seu genro, Manuel Alves de Castro, foi prefeito entre 1927 e 1938 e, depois, entre 1963 e 1965. Seu filho Arthur Jupyaçara, conhecido como *'Doutor Jupy'*, conceituado médico de toda a região sul de Minas, também foi eleito prefeito, em 1951, mas renunciou imediatamente após a posse e mudou-se para Cruzeiro, para dar seguimento à carreira médica.

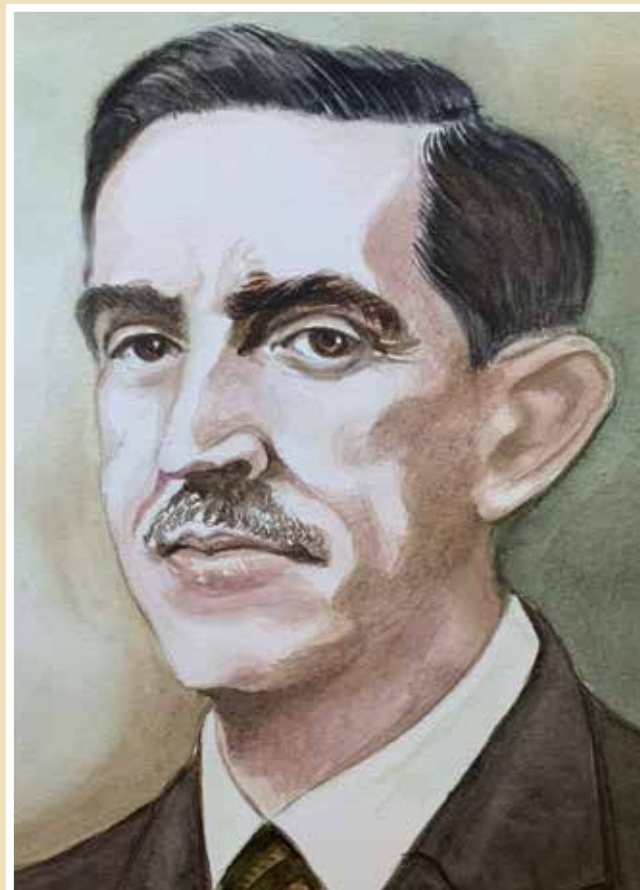
Foi deputado à Assembleia Constituinte Mineira de 1935, eleito pelo Partido Progressista (PP), com 8.626 votos, tendo sido o décimo, entre os 34 do partido. Na Constituinte, conviveu com alguns nomes que se destacariam na vida política mineira, como Afrânio de Melo Franco, Camilo Alvim, Rodrigues Seabra, José Bonifácio de Andrada, Bilac Pinto, Paulo Pinheiro Chagas, Milton Campos e Nestor Fóscolo.

Segundo os Anais da Assembleia, destacou-se pela defesa da tese da adoção de critérios que facilitassem a criação de novos municípios. Discursando no encaminhamento da votação em 1º turno, Tibúrcio tratou de fundamentar sua posição. Para ele, a emancipação de um distrito era fator de progresso e de geração de renda. Declarou sua firme convicção na superioridade dos municípios pequenos sobre os grandes, em termos de eficiência administrativa, nível de renda e prosperidade econômica, exemplificando essa tese pela comparação entre o Sul e o Norte do Estado. O padrão do Sul é o município pequeno, com poucos distritos. O do Norte é o município grande, com muitos distritos. *"Os municípios do Sul de Minas são todos pequenos e vivem independentes"*, afirmou em aparte a Miguel Batista, seu principal oponente (ANAIS, p. 339).

A tese vencedora, no entanto, capitaneada pelo deputado Miguel Baptista, foi contrária ao seu entendimento, pregando exigências mais rigorosas.

Farmacêutico prático, abriu a primeira farmácia da cidade, que na prática era administrada por um irmão e um filho, enquanto ele se dedicava à política. Teve 12 filhos do primeiro casamento, com D. Leonor: José (1899), Joaquim (1900), Elisa (1901), Maria (1903), Iracema (1905), Antônio (1907), Arthur Jupyaçara (1909), Astolpho (1911), Francisca (1913), Alberto (1915), Anna (1917) e Conceição (1920). Do segundo casamento, com D. Conceição, teve uma filha, Maria Leonor (1931). Nenhum dos filhos abraçou a carreira política.

Nascido em 4 de fevereiro de 1877, faleceu em 29 de março de 1965, aos 88 anos.



* Com informações fornecidas por Paulo Henrique Bonanni Tibúrcio, 77 anos, neto; Maria Teresa Tibúrcio Motta, sobrinha neta; e Carlos Rogério Costa Brito Júnior, 'Caé', estudioso da história de Passa Quatro, aos quais agradecemos; e obtidas junto aos Anais da Assembleia Constituinte de 1935 (<https://www.almg.gov.br/a-assembleia/memoria>).

TRECHOS

Dia após dia, a angústia e o sofrimento

*De súbito, um estrondo pavoroso
atroia os ares, ensurdecedor,
abalando céu e terra. A cidade inteira freme...*

10 de julho

Aninhada junto à soberana montanha, Passa Quatro des-
perta na remansosa tranquilidade de todos os dias, quando
surpreendente notícia a vem pôr em sobressalto: estalou em
São Paulo uma revolução!

Esta simples informação – e nada mais.

Dias 11 e 12

Boatos, boatos e boatos... À falta de notícias esclarece-
doras, os boatos fervilham. Formigantes, vêm não se sabe de
onde, formam-se não se sabe como, mas cruzam-se em todas
as direções, andam em todas as bocas, chegam a todos os ou-
vidos...

[...]

A cidade perde o seu ritmo; não vêm os trens da carreira,
não vêm os jornais; a incerteza da situação põe apreensivo
o povo da cidade, apreensivo e curioso, ninguém explica as
proporções do movimento.

Sabe-se que as tropas revoltosas estão ocupando o alto
da Mantiqueira, nas divisas do município, a importante passa-
gem do grande túnel. Isto desassossega a cidade, ameaçada,
mal refeita ainda dos sobressaltos de 1930...

Dia 13

Passa Quatro continua a ser uma interrogação sem eco.

Mas, ainda pela manhã, vindas da serra, aportam à cida-
de as primeiras forças revolucionárias. Finalmente, já é algu-
ma coisa de mais positiva, convincente...

[...]

O tenente Tavares dirige-se à residência do prefeito da
cidade, a quem solicita o 'auto-caminhão' da Prefeitura, para
serviços de guerra. O Prefeito (*) recusa-se a atender ao oficial.
Sem subterfúgios e sem vacilações, impróprios ao seu caráter
e à sua têmpera, o Prefeito, espelhando a vontade e o pensa-
mento de seu povo, nega-se à solicitação, ao argumento de
que, sem esclarecimentos e ordens do governo estadual, nem
sabia com quem estava tratando no momento, se com ami-
go, se com inimigo, pois Passa Quatro estaria sempre ao lado
de Olegário Maciel, o venerando e clarividente Presidente de
Minas, de quem ele, Prefeito, esperava a palavra de comando
para, entrando de agir, cumpri-la duramente.

(*) Manuel Alves de Castro

Dia 14

Começam, hoje, a avolumar-se, na importância, a crescer,
por mais sensacionais, os acontecimentos. Da serra descem
novas forças. Visitas, outra vez... O comandante agora é outro,
muito diverso: de mais alta patente, mais carrancudo, mais
resoluto – é o major Quintiliano.

"[...] as casas tremem, abrem-se fendas nas paredes. A
grande altura voam destroços, estilhaços. Barras de ferro,
cruzando os ares, vão cair longe, pelas ruas. Gritos, ataques,
correries. É o pânico. As famílias deixam as casas, fugindo es-
baforidamente.

Que fôra? A ponte da via férrea, à entrada da cidade, ruína
dinamitada.

[...]

Ao pânico misturava-se a indignação contra a violência
cometida, indignação que, em pouco, de todos se apodera,
provocando protestos, que seriam mais enérgicos, recorre-
riam à força, se não estivesse a população desarmada, iner-
me, entregue às tropas revoltosas, isolada do resto do Estado.

E a população se afunda, durante a noite, em pressenti-
mentos e temores.

Dia 15

[...] o Prefeito, numa resolução arriscada, consegue do
comandante, o Coronel Eurico Dutra, a vinda imediata das
tropas, aceitando a imensa responsabilidade desse avanço e
suas consequências.

Finalmente, chega à cidade o trem militar, tendo a apoiá-
-lo, pela estrada de rodagem paralela, um pelotão de cavala-
rianos do mesmo regimento.

Vai travar-se a primeira escaramuça.

[...]

Que momentos angustiosos de pânico na cidade, toma-
da, de súbito, por esse espetáculo de guerra! Cavalarianos em
disparada, soldados a coalhar as ruas, os quintais, os morros,
e os gritos de comando, e a fuzilaria, a terrível confusão que
antecede as batalhas improvisadas.

Em que instante essas tremendas cenas se passaram! A
população estarecida assistiu a tudo isso sem ação e sem
tempo para tomar uma decisão, mas ansiosa por se livrar do
fogo do combate em que parecia a cidade ia ser exterminada.

Dia 16

[...] Estabelecem o comando em Manacá e dali se distri-
buem as companhias, para início ao combate.

Manacá é uma pequena estação, sem movimento; está a
(poucos) quilômetros de Passa Quatro e do Túnel. Como a de
Passa Quatro, a sua população vai agora passar pelas mesmas
aflições de 1930. Ou aflições, talvez, maiores.

Enquanto isto, teremos de ouvir, com o coração repassado de angústia, a fuzilaria infernal, o pipocar sinistro das máquinas de guerra, pois lá em cima as forças inimigas já entraram em combate, e numa violência espantosa.

Dia 17

Pela madrugada, reinicia-se o combate. De parte a parte as descargas são furiosas e ininterruptas, e nesse tom a luta continua pelo dia inteiro.

[...]

Já os primeiros disparos de canhão abalam a montanha, e os seus ecos reboam por estas solidões pacíficas, pondo arrepios na pele de nossa gente...

É cada vez mais intenso o tiroteio.

Este dia é palpitante de acontecimentos. Às 14h30 chega a primeira tropa da Força Pública de Minas – é o 1º Batalhão, sob o comando do coronel Francisco Campos Brandão. São 29 oficiais e 483 praças. Vêm exaustos, a viagem fora longa e a maior parte da tropa não se alimentava há dois dias!

Primeira baixa

O 7º Batalhão tem logo hoje a sua primeira baixa. Mas a Casa de Caridade desde ontem recebe feridos, entre os quais um oficial do Exército.

Benedito Valadares

Regista-se hoje a chegada de duas personalidades: pela manhã, o coronel Cristóvão Barcelos, comandante do 1º Grupo de Destacamentos da 4ª D. I. e o doutor Benedito Valadares, que ao anoitecer desembarca na cidade, para assumir as suas funções de Chefe de Polícia.

Dia 18

Após o almoço, segue para a linha de frente, a pé, para maior cautela, o 7º Batalhão, que vai render as forças do Exército, sacrificadas, já, por três dias de luta viva.

O engano

[...] A retirada das tropas substituídas deveria dar-se ao escurecer, conforme determinam as conveniências dessa operação; entretanto, por alguma ordem errada ou mal compreendida, iniciaram imediatamente o movimento e os soldados foram-se retirando do abrigo, onde se achavam, em direção à estrada, aos grupos. [...]

Esse movimento infeliz, entretanto, deu origem a um equívoco de desastrosas consequências: lá de cima, aumentava de impetuosidade o fogo do inimigo, que pensava tratar-se de uma fuga e, dentro em pouco, essa suposição se alastrou mesmo deste lado, entre todos os soldados, que deviam retirar-se para a retaguarda, entre os próprios componentes do batalhão mineiro que acabava de chegar e outros do 1º Batalhão, e foi um “salve-se quem puder” das tropas do Exército e da Polícia, através da estrada, em direção a Manacá, sob o crivo das balas inimigas.

[...]



Começa a contraofensiva, e a tropa mineira sobejamente se reabilita. Com heroísmos e sacrifícios inenarráveis, dentro em pouco afasta o perigo, faz retrocederem os revoltosos, retoma as trincheiras perdidas e ainda vai além, obtendo novas posições!

Mas correu hoje muito sangue! Quantas baixas causou o alarmante quiproquó!

Dia 19

Um novo contingente do Exército aporta hoje ao setor do túnel – o 10º R. I., de Juiz de Fora, sob o comando do capitão Alexandre Zacarias de Assunção, constituído de 6 oficiais e 147 praças.

Uma armadilha!

Outro episódio que é preciso anotar ocorreu hoje. Pela manhã, um sargento, um cabo e algumas praças, ao procederem a um reconhecimento, são aprisionados na plataforma da estação, junto à boca do túnel, por uma patrulha de rebeldes. O cabo aprisionado, em companhia de um rebelde, é destacado para vir combinar nas suas trincheiras a ida de um parlamentar até as forças inimigas.

Ao mesmo tempo, o comandante do Grupo de Destacamentos, coronel Barcelos, pelo leito da linha férrea, acompanhado de alguns oficiais do seu E. M., inspecionava a situação e se aproximava, também, do túnel. Vendo-os, os rebeldes usaram de um ardil – ocultos no interior da estação, forçaram os prisioneiros a acenar-lhes convidando-os a se aproximarem, para que assim fosse feita mais aquela soberba presa. Atendiam os oficiais ao chamado, quando o cabo que vinha em sua direção fugiu do rebelde que o acompanhava, avisando o coronel Barcelos e seus companheiros da verdadeira condição em que se achavam. Foi a tempo, ainda! Puseram-se todos a correr, em fuga vertiginosa, para se salvarem da estúpida, inglória prisão que lhes estava armada. E como seria lamentável se essa prisão realmente se consumasse!

Continua, como um pesadelo, lá em cima, o estralejar da fuzilaria.

Dia 20

Vieram acrescentar-se às forças em operações, parte do Regimento de Cavalaria da Força Pública e o seu Serviço Auxiliar de Engenharia. O comandante do Regimento, que veio com 208 praças e 14 oficiais, é o tenente-coronel Anísio Fróis. O S. A. E. tem como comandante o *tenente-coronel Otacílio Negrão de Lima*, e traz duas seções – a de pontoneiros e a de mineiros.

[...]

A nossa Casa de Caridade, que, apesar das dores que ali se curtem, tem sempre uma vida de rítmica tranquilidade, transformada em hospital de sangue, está agora tomada por uma atividade estranha, por uma vibração acelerada, e há nestes dias mais sofrimentos sob seus tetos.

“Pela madrugada,
reinicia-se o
combate. De parte
a parte as descargas
são furiosas e
ininterruptas, e
nesse tom a luta
continua pelo dia
inteiro.”

“Travam luta violenta os adversários. E lutam tão de perto, que se podem comunicar, de trincheira a trincheira, em altos gritos.”

Dia 21

A chegada ao Pico do Cristal

[...] a 1.750 metros de altitude, o Pico do Cristal, no ápice da Mantiqueira, domina uma extensão imensa do Estado de São Paulo; colocado além do túnel, a entrada sul deste fica quase a seus pés. Dali são ainda descortinadas a rodovia e a estrada de ferro, num longo trecho, isto é, desde a boca do túnel até dois quilômetros além.

Dia 22

Travam luta violenta os adversários. E lutam tão de perto, que se podem comunicar, de trincheira a trincheira, em altos gritos. E esses gritos são sempre de doestos, de injúrias... Pobres homens! Desculpa-se o seu rancor, que é menos contra aqueles a quem dirigem os impropérios, do que contra o destino que tão estolidamente ali a todos atirou.

Por infelicidade, o que se nos depara é a guerra civil, com o seu séquito de calamidades.

Fogo... Fogo... Fogo... O martelar endoidecedor continua lá em cima.

Dia 23

Lento e lento, progridem os governistas em direção ao túnel. Como, porém, o terreno é áspero e varrido do alto, incessantemente, pela fuzilaria inimiga, esse progresso se efetua sob as mais penosas dificuldades.

[...]

Mas a população se tranquiliza, certa de que está garantida sob a guarda poderosa das forças governistas que operam neste setor. As famílias que abandonaram a cidade nos primeiros dias da luta, regressam aos seus lares. O cinema reinicia o funcionamento e não lhe falta concorrência.

Uma aura de otimismo passa por todas as almas. Que sejam augúrios de paz!

Não obstante, prossegue a troca de fuzilaria e de rajadas de metralhadora, lá em cima.

Dia 24

Quase diariamente o pesado portão do cemitério se escancara para dar entrada ao corpo de um ou mais combatentes. Ainda hoje o fez. Também a Casa de Caridade hoje acolheu feridos.

Dia 25

Os canhões dos revoltosos trovejam constantemente. Um avião pairou hoje sobre este setor.

Dia 26

Amainou a refrega; ainda é mais fraco, hoje, o fogo dos revoltosos. Mas foram certos os seus tiros, pois não se espe-

rava que hoje viessem, como vieram, novos cadáveres sepultar-se no nosso cemitério.

[...]

E, na esperança de que cesse por fim a guerra que convulsiona os seus arredores, a cidade adormece, à música estranha e entorpecente que vem da serra...

Dia 27

O irrefreável anseio da tropa comunicou à população local a certeza de que hoje será o dia da vitória final. O inimigo está bem entrincheirado, mas a colocação das forças governistas já tornou vulneráveis as suas fortificações.

Desde cedo é grande o canhoneio, a metralha, a fuzilaria. E cresce, e cresce, e cresce durante o dia, fazendo suspender o coração de todos nós que somos testemunhas deste longo drama, na expectativa de um desfecho, hoje, de imprevisíveis proporções.

À tarde, diminui, principalmente por parte dos rebeldes, a intensidade do fogo. Os governistas estão de posse de mais terreno e as suas linhas, em vários pontos, estão a poucas centenas de metros do adversário.

Anoitece. O túnel, porém, ainda não foi tomado.

Dia 28

Hoje, entre 2 e 3 horas da tarde, os revoltosos pretendem fazer um avanço e ganhar posições, à frente do túnel.

[...]

Entretanto, os governistas não foram apanhados de surpresa nem se atemorizaram. Com o auxílio eficiente dos canhões, responderam às cargas dos inimigos, que foram rechaçados, voltando às suas antigas posições.

Dia 29

Não se modificou, no correr do dia, a situação dos combatentes. Os revoltosos tiveram pequena atividade nos flancos, atacando muito as linhas fronteiras à boca do túnel, mas foram sempre repelidos.

[...]

Está na cidade o major Juarez Távora, que visitou as linhas de frente.

[...]

E a luta não cessa.

Dia 30

Este foi até aqui o dia mais dramático da luta. Sabe-se que no alto do túnel os rebeldes receberam grandes reforços durante a noite.

Pelos preparativos que se notavam entre as forças que atacam o túnel, previa-se uma ofensiva sua para hoje.

Realmente, o tiroteio, que era grande desde o amanhecer, multiplicou-se; às 14 horas, atingiu uma violência ainda não verificada desde o início da luta.



Parece que ao mesmo tempo os dois adversários romperam um decisivo ataque metodicamente preparado. E o choque foi pavoroso.

[...]

Morre o Coronel Fulgêncio

E são tristíssimos os seus resultados. Logo ao começar a pugna, tomba, mortalmente atingido, o comandante de uma unidade! É o tenente-coronel Fulgêncio de Sousa Santos, do 7º B. I..

A sua morte foi gloriosíssima. Dirigindo e impelindo os seus soldados à avançada, expunha-se heroicamente à metralha inimiga, atirava-se para a morte, cruzando as trincheiras, agigantado na sua bravura.

Foi quando um projétil inimigo, esfuziando em brasa, se lhe embebeu no ventre. E o comandante rolou sobre o solo de Minas, tinto de sangue e iluminado de glória!

Perto, quase no mesmo instante, dois tenentes morrem também, em plena batalha. Fazia o tenente Anastácio Rodrigues de Sousa, do 1º B.I., o largo gesto de atirar uma granada, quando esta explodiu em sua mão, estraçalhando-o, e ao tenente João Luiz de Freitas, do 2º B.I., que ao lado combatia. A explosão fere, ainda, outros soldados.

E não é só. Tombam mortos ou mortalmente feridos, nessa refrega, três sargentos, um cabo, um anspeçada e duas praças!

Duas granadas dos revoltosos, caindo sobre trincheiras à frente do túnel, matam e ferem diversos soldados.

O aspecto da cidade é soturno em face dos acontecimentos deste dia.

Hoje escolheu a morte, entre os homens da Força Pública, aqueles que trazem galões nos ombros e divisas no braço. Escolheu? Ela talvez não escolha...

Dia 31

Dir-se-ia que é sempre a mesma batalha, ininterrupta, há muitos dias. Descargas sobre descargas.

Há por toda parte um verdadeiro anseio, uma tortura – quando será tomada a serra? quando acabará isso?

E todos nos recordamos de 1930, 17 de outubro de 1930, aqui mesmo neste município, quando a Polícia mineira arrasou, esfrangalhou, pôs em desordem, em fuga, em debandada as tropas reacionárias...

Agosto, dia 1º

O clima de inverno, nestas altas regiões mineiras, é de rigorosa aspereza. Enquanto o ar é agradável à respiração, leve e seco, o ambiente nos enregela, e os termômetros baixam, pela manhã, a zero e menos do que zero. Nos píncaros da serra o frio se acentua, e a garoa, que o vento fustiga, é fina e navalhante.

Em agosto, não raro, o céu se embrusca, a chuva cai e, então, a umidade torna o frio insuportável.

Estamos num dia destes, e, enquanto nós, acostumados a este inverno, trementes nos agasalhamos, como estarão os

pobres homens, vindos de outros climas, lá em cima, nas trincheiras, junto à terra úmida e sem abrigo?

O número de doentes é assustador. A gripe, a bronquite e o reumatismo acharam nas trincheiras um campo propício onde se alastrarem, aumentando o sacrifício do soldado.

[...]

Quem pode obstar que à mente quebrantada venham reflexões abismais, ante este espetáculo da fúria da natureza e da fúria dos homens?

E como é grande o nosso espanto perante os homens que lá estão, dentro da terra, molhados, enregelados, mas firmes e ativos, os soldados e os seus oficiais, que os assistem, lado a lado!

Dia 2 de agosto

Pouco se atirou durante a noite passada, e parece que para recuperar o tempo perdido o fogo recrudescer na manhã de hoje, permanecendo assim violento até a noite.

[...]

É esperado na cidade o dr. Gustavo Capanema, Secretário de Interior e Comandante Geral da Força Pública de Minas.

Dia 3 de agosto

Estão na cidade o sr. Secretário do Interior e o coronel José Gabriel Marques, Chefe do E. M. da Força Pública, acompanhados de comitiva. No mesmo trem especial vieram as famílias dos três oficiais mortos no combate do dia 30, para assistir aos funerais de seus chefes.

Às 10 horas deu-se o sepultamento, que foi soleníssimo e tocante.

Dia 4 de agosto

Canhões, metralhadoras e fuzis desde o amanhecer até a noite dispararam hoje sem cessar, de lado a lado.

Mais forças da Polícia Mineira hoje chegaram e imediatamente rumaram para o front.

Dia 5 de agosto

Amanhece sob o troar dos canhões e da metralha, secundados pela fuzilaria, que não cessa durante o dia e escasseia durante a noite, em que chove copiosamente.

Dia 6 de agosto

Fala-se num ataque decisivo. Carros de assalto, carro blindado, caminhões recém-chegados que farão sua estreia. Temos empenhados na luta uns 3.000 e tantos homens [...]

Meio-dia: Não mais será levado a efeito, no dia de hoje, o ataque geral. Falta qualquer coisa para garantir-lhe o bom êxito.

“E são tristíssimos os seus resultados. Logo ao começar a pugna, tomba, mortalmente atingido, o comandante de uma unidade! É o tenente-coronel Fulgêncio de Sousa Santos. A sua morte foi gloriosíssima.”

“Há por toda parte um verdadeiro anseio, uma tortura – quando será tomada a serra? quando acabará isso?”

Dia 7 de agosto

Domingo. Dia brusco e triste, mais apropriado à oração do que à luta e assim foi. À missa do dia e por entre o povo reconhecidamente católico, dessa paróquia, viam-se oficiais e soldados em franca promiscuidade (sic), pois que na Casa de Deus e perante Ele, todos são iguais. Era de se ver o respeito e devoção com que oravam.

[...] Do lado de lá, isto é, dos revolucionários, são também religiosos a julgar pelos retratos e imagens da Sra. Aparecida, Santo Antônio e outros santos encontrados nas trincheiras abandonadas.

Dia 8 de agosto

Como no precedente, não se briga de verdade [...]. Parece que os canhões dormem e as metralhadoras fazem o mesmo, repousam; os nossos nervos, porém, estão mais tensos.

Dia 9 de agosto

As metralhadoras funcionam, os canhões disparam e a luta recrudescer com violência. Os paulistas cedem terreno. [...] Há opiniões de que a Serra, com um pouco de sacrifício, poderá ser tomada hoje.

Dia 10 de agosto

Acorda-se sob a música infernal da fuzilaria; os canhões e metralhadoras tornam-na macabra. Nem por isso se contam baixas entre os nossos. [...] Esperemos os acontecimentos.

Dia 11 de agosto

Continua a luta, que se desencadeia com fragor. Os revoltosos mostram-se mais ardorosos e audazes; atiram granadas de mão.

Dia 12 de agosto

Continua a luta, mais ou menos intensa.

Dia 13 de agosto

Prossegue a luta sem maior entusiasmo.

Dia 14 de agosto

Há avanço dos nossos na região de Itaguaré, rumo à fazenda do Batedouro. Deus queira que os progressos das nossas forças nessa região estejam bem consolidados, evitando-nos alguma surpresa desagradável.

Dia 15 de agosto

É mais intenso o combate na frente do Túnel. Chegamos vagos rumores de que no Itaguapé, no avanço sobre a fazenda do Batedouro, houve um pequeno fracasso das nossas tropas, sendo aprisionados pelos inimigos 2 tenentes e uns 30 soldados nossos. Atribui-se o fato à traição de um Capitão Médico. À tarde chega preso o médico, que é enviado para Belo Horizonte.

Dia 16 de agosto

Combate-se com certa violência. [...] Chega um soldado morto e alguns feridos.

Dia 17 de agosto

Começa a luta logo pela manhã e à medida que o dia avança também ela se intensifica. O adversário nos hostiliza com certo vigor; as nossas posições são visadas; os seus canhões atiram com mais precisão, sem, contudo, nos causar danos.

Coube ao valoroso capitão Vicente Rodrigues dos Santos o grande feito em que as duas companhias inimigas foram quase totalmente dizimadas, sem terem, os nossos, uma só baixa por morte ou ferimento. [...]

Foi tão forte quanto inesperado o ataque, que os inimigos nem sequer puderam responder; mais da metade ficou no local, entre mortos e feridos, e o resto debandou, abandonando armas, munições e fardamento.

Dia 18 de agosto

Luta-se com ardor desde o alvorecer, intensificando para a tarde em que os caminhões disparam e são correspondidos.

Dia 19 de agosto

Combate-se o dia todo com vigor. [...] Os adversários fazem violentos ataques à garupa do Cristal, sendo repelidos com baixas e deixando prisioneiros um sargento e 4 soldados.

Dia 20 de agosto

Violentos combates em toda a região do Túnel, Itaguapé e Gomeira. Novo ataque à nossa garupa do Cristal e, desta vez, com êxito, dela se apoderaram; à tarde, os nossos contra-atacaram e a retomaram. [...] A julgar-se pelo ribombar ininterrupto dos canhões, a luta aí deve ser cruenta; se o resultado nos for favorável, teremos, por certo, em breves dias, uma grande batalha para a conquista de Cruzeiro.

Dia 21 de agosto

Dia sem entusiasmo para a luta, convindo mais ao exame de consciência e oração.

Dia 22 de agosto

Como no antecedente, ouve-se o troar dos canhões do Sr. Góes Monteiro; parece que por lá a luta é terrível.

Notícias daqui, transmitidas pelo correspondente do "Minas" dão as tropas sob o comando do Tenente Vargas a 6 Km de Cruzeiro. Não é exato, nem o pode ser. Não se pode admitir que seja levado avante um avanço até as proximidades de Cruzeiro, deixando à retaguarda vigorosas tropas revolucionárias, estabelecidas no Túnel. Deve ser engano do correspondente; tais notícias deviam ser censuradas. [...]

Dia 23 de agosto

Nada de novo no 'front'... Continua a peleja, ora intensa, ora morna.

Dia 24 de agosto

Tiroteia-se...

Dia 25 de agosto

Nada... Parece que se acabou a revolução... No entanto, lá se acham a postos nossos soldados.

Dia 26 de agosto

O que há? Por que não mais se combate? Dizem (boatos) que não há mais paulistas no Túnel; no entanto, aí vem a Polícia Fluminense!!!...

Dia 27 de agosto

Nada... Tudo quieto. Nem um tiro.

Chegou a polícia fluminense, que foi recebida com simpatia, a que os maus elementos que nela existem não responderam absolutamente. Tem havido tropelias, rusgas e muitas 'camuécas' (bebedeiras), cousas até agora não verificadas com as outras tropas que aqui operam.

Dia 28 de agosto

Nada... a não ser os incidentes provocados pelos indisciplinados da tropa fluminense...

O Dr. Valadares, encarregado pelo Governo mineiro para zelar pela ordem e segurança nesta cidade, transformada em praça de guerra, é procurado e dá providências. [...] a ordem vai se restabelecendo.

“O número de doentes é assustador. A gripe, a bronquite e o reumatismo acharam nas trincheiras um campo propício onde se alastrarem...”

Dia 27 de agosto

No 'front', nada. Alguns tiros apenas.

Dia 30 de agosto

Nada. Tudo quieto.

Dia 31 de agosto

Fala-se numa grande ofensiva para breve. Esperemos... E assim esvai-se o mês de agosto em plena quietude, depois de tantos dias de aflições; parece até que não estamos em guerra. Será que já nos acostumamos?

Dia 1º de setembro

Nada... Tudo quieto como se não estivéssemos em guerra.

Dia 2 de setembro

Tiroteia-se...especialmente a polícia fluminense que fazia sua estreia atirando a torto e a direito, gastando munições 'à beça'.

Chega mais um contingente da Polícia Fluminense; gente boa, ordeira e disciplinada, cujo procedimento bem diferente do primeiro contingente aqui chegado, desfaz por completo a má impressão que se teve.

Dia 3 de setembro

Ainda não se combate nos setores Túnel e Gomeira; somente no Itaguapé as nossas forças tiroteiam, progridem e se consolidam. [...] As tropas recebem a visita do Major Juarez [Távora] que pouco se demora.

Dia 4 de setembro

Recomeça o tiroteio na frente do Túnel e Gomeira. No Itaguapé a luta é mais forte.

Dia 5 de setembro

Tiroteia-se em todo o 'front'. Ouve-se o troar dos canhões do Vale do Paraíba. A coisa por lá parece séria... Combate-se mesmo. Fala-se que está sendo preparado um grande ataque em todo o nosso 'front', a fim de que seja de uma vez tomada a Mantiqueira. [...]

Dia 6 de setembro

Afirma-se a tomada de Pinheiros. Se assim é, temos presntes o avanço sobre Cruzeiro.

Dia 7 de setembro

Chegou de madrugada o 19º B. P. de Minas, que seguiu imediatamente para o 'front', para onde também seguiu o último contingente da Polícia Fluminense aqui aquartelado, assim como todos os militares que se achavam na cidade.

Será hoje o grande ataque?
Ansiosa a expectativa.

Dia 8 de setembro

Continua animada e cruenta a luta, especialmente no Itaguapé, onde o Tte. Cel. Vargas desenvolve prodigiosa atividade.

Dia 9 de setembro

No Itaguapé a luta é terrível e intensifica-se no correr do dia. Na história militar de Minas o dia de hoje ficará assinalado:

"Uma grande vitória é alcançada pela polícia mineira depois de horríveis horas de sanguinolento combate."

Os rebeldes, em número elevado, foram envolvidos pelos nossos e sofreram importantes baixas. Entre os mortos, tiveram eles, um Capitão, dois Tenentes, alguns Inferiores e muitos soldados, tendo sido feitos prisioneiros 2 tenentes e 52 soldados. Foram-lhes tomadas 4 metralhadoras pesadas, 1 morteiro, algumas 'Fall', muitos fuzis e copiosa munição.

Tivemos 2 soldados mortos e alguns feridos; entre os feridos está o Tenente Agenôr Rosa que, com o Tenente Lindolpho Santos, foram grandes heróis no feito, que terminou com uma terrível carga de baionetas, a que os rebeldes cederam horrorizados.

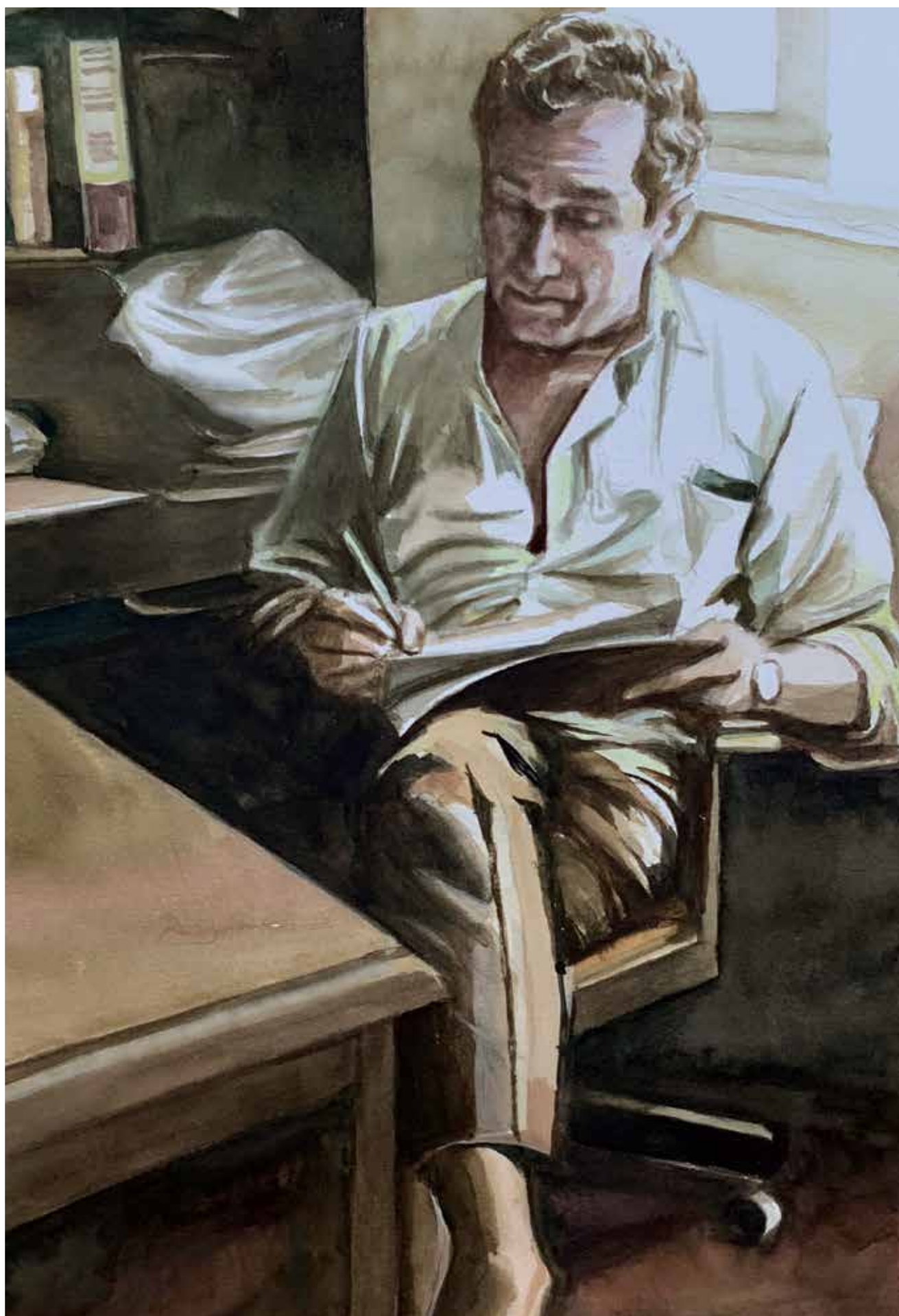
A vitória hoje alcançada deverá ter especial destaque na história desta infeliz luta fratricida, pois foi a mais brilhante deste 'front', marcando o início da derrocada dos rebeldes na Mantiqueira, onde não se aguentarão mais por muitos dias.

Fim do diário.

Nota: O conflito foi encerrado em 2 de outubro de 1932, com a rendição do Exército Constitucionalista. O saldo oficial é de 934 mortos nos 87 dias de conflito, embora os pesquisadores estimem que houve mais de 2 mil vítimas.

Mapa da guerra, provavelmente feito pelo coronel Tiburcio.





Fernando Sabino: “Escrever fácil é muito difícil”

Hermes Vilchez Guerrero

Professor, advogado, diretor da Faculdade de Direito da UFMG.

Membro do Conselho Editorial de MagisCultura.

Não me ocorre algo menos original do que dizer que gosto muito de Fernando Sabino. A prova está no fato de que, com meu primeiro salário, comprei, nesta ordem, uma Bíblia e a coleção completa de sua obra, para mim, e todos os livros de Jorge Amado, para meu pai.

Fernando Sabino era mineiro de Belo Horizonte. Nasceu em 1923, em 12 de outubro, dia que, por feliz coincidência, viria a ser consagrado em 1950 como ‘Dia das Crianças’. Passou sua infância e adolescência no entorno da Praça da Liberdade: sua família morava na Rua Gonçalves Dias, em frente à praça; estudou no Grupo Escolar Afonso Pena, onde conheceu Hélio Pelegrino, na Av. João Pinheiro, que termina na praça; no Ginásio Mineiro, que mais tarde seria o Colégio Estadual “Milton Campos”; e na Faculdade de Direito da então UMG, na Praça Afonso Arinos, também próxima da praça.

Entre nós, muitos já escreveram sobre encontros que tiveram com o escritor mineiro e o fizeram com grande qualidade. Destaco os artigos publicados nesta revista pelo desembargador Rogério Medeiros Garcia de Lima (*Fernando Sabino, o menino que escrevia*, n. 17) e pelo desembargador Roberto Vasconcelos (*Encontros nem sempre marcados: Fernando Sabino*, n. 21). Humberto Werneck também lembra um desses reencontros, publicado no seu belo livro *Sonhos rebobinados*¹.

Um encontro não marcado

Meu encontro com ele quase não ocorreu. Pouco depois de formado em Direito, li num jornal que ele iria, juntamente com seu amigo Otto Lara Resende, à cidade de Viçosa para um evento na Universidade. Não perdi tempo. Escolhi três de seus livros da coleção que havia comprado. Peguei o ônibus. Fui para Viçosa.

O local do evento estava lotado. Acho que era uma conversa sobre a obra deles. Não tenho certeza. Não consegui prestar atenção em nada. Só pensava numa coisa: pegar os autógrafos. Não foi fácil. Um pensamento se apossou de mim: ‘e se ele não me tratar bem? e se ele não gostar de meu pedido? não estarei sendo inoportuno?’ Por isso, não lembro de nada. Um único pensamento me tomava: ‘peço ou não peço o autógrafo?’ Isso durou toda a noite, mas para mim foi muito mais tempo. O evento terminou. As pessoas começaram a deixar o local. Eu continuei no mesmo canto, matutando

¹ Werneck, Humberto. *Reencontro marcado*. In: *Sonhos rebobinados*. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2014.

(como escreveria ele) o mesmo pensamento, a mesma dúvida.

O salão começou a ficar vazio. Talvez tivesse a ilusão de que ele notasse minha presença, que me visse com seus livros e me chamasse. Era só ilusão. Ele também foi saindo e se dirigiu ao carro que o aguardava. Provavelmente, iria para um jantar reservado onde tomaria seu uisquinho sem ser importunado. Sabia que se não pedisse ali o autógrafo me arrependeria.

Quando ele já estava quase entrando no carro, num impulso, o abordei. Perguntei se poderia autografar meu exemplar de *O encontro marcado*, nos outros bastava rubricar. “Claro”, me disse e puxou conversa. Perguntou meu nome, gentilmente disse que meu nome era bonito. Insisti que não queria incomodar. Agradeceu por ter ido até ele. Disse que gostava muito de seus leitores. De repente, a luz acabou. Já havia gente no carro esperando por ele. Disse-lhe que não precisava mais assinar os outros livros. Ele respondeu que “em Minas a luz sempre acaba, mas sempre volta”. Realmente voltou. Ele terminou de autografar meus livros, quer dizer, os dele. Nós nos despedimos e no dia seguinte voltei, feliz, para Belo Horizonte com os exemplares autografados, que estão muito bem guardados como prova de que eu também tive o privilégio do encontro.

Ao longo dos anos seguintes houve outros (re)encontros com ele. Para simplificar, posso dizer só uma coisa: tenho alguns exemplares com três dedicatórias datadas de épocas distintas.

Talento precoce

Fernando Sabino escreveu mais de 30 livros. Sua principal obra, *O encontro marcado*, teve mais de 100 edições. Vendeu mais de dois milhões de exemplares. Quantos autores no mundo conseguiram isso?

Seu talento para escrever aflorou quando ainda era criança. Ele próprio faz o relato:

*No mundo da literatura, desembarquei desde que me entendo por gente. Ainda menino, descobri que tinha vocação para mentiroso. Contando para os amigos uma história lida ou um filme visto, começava a inventar, alterando o final, acrescentando personagens e episódios, enriquecendo o enredo. Em suma, ajudando o autor*².

² Sabino, Fernando. *O tabuleiro de damas*. Trajetória do menino ao homem feito. Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 21

“No mundo da literatura, desembarquei desde que me entendo por gente. Ainda menino, descobri que tinha vocação para mentiroso.”

Começou a publicar seus textos na revista *Argus*, da Polícia mineira, graças à ajuda de seu irmão Gerson, conhecido cronista esportivo. Não demorou para que ganhasse o primeiro lugar num concurso de contos. Uma das concorrentes era uma menina paulista que recebeu Menção Honrosa. Seu nome era Lygia Fagundes. Como era premiado quase todas as semanas, o que lhe rendia alguns trocados, dispensou a mesada paterna. Foi também nessa época que dirigiu um jornalzinho no Ginásio Mineiro.

Seu interesse por escrever levou-o a estudar filologia, etimologia, semântica. Achava que isso era necessário para conhecer bem o idioma e para escrever de forma simples.

Por volta dos 14 anos, ganhou Menção Honrosa num concurso da revista *Boa Nova*. No júri estavam, entre outros, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos. Decidiu ser escritor.

Mário de Andrade e Etienne Filho, referências

Há muitas passagens interessantes na vida de Sabino. Há uma em especial de que gosto muito. Talvez porque possa ser adaptada a diversas situações profissionais, inclusive no Direito.

Certa vez, enviou alguns de seus contos para Mário de Andrade. Queria saber sua opinião. O escritor modernista respondeu: “*Você não me disse o principal: sua idade*”. Explicou que se tivesse mais de 30 anos, o caso dele era como o de tantos outros: que escrevesse eventualmente, sem maiores pretensões. Se tivesse entre 20 e 30 anos, que procurasse uma acomodação profissional para ganhar a vida e que escrevesse ocasionalmente. Mas se tivesse menos de 20 anos, que investisse na literatura. Seus contos eram muito interessantes. Ainda advertiu que ele não estouraria rápido. Deveria progredir lentamente. Um dia, as pessoas perceberiam que ele era um escritor.

Foi exatamente o que ocorreu. Seu principal romance foi publicado em 1956. Mário de Andrade falecera em 1945 e, conseqüentemente, não viu o estouro do jovem missivista.

O escritor paulista teve enorme influência em sua formação de escritor. Em suas palavras: “*Talvez tenha sido o acontecimento mais importante de minha vida literária*.” Foi ele que o aconselhou a encurtar seu nome Fernando Tavares Sabino. Ele deveria passar a ser Fernando Tavares, Tavares Sabino ou Fernando Sabino.

Outro intelectual que teve grande influência sobre ele foi o escritor mineiro João Etienne Filho. “*Eu lia desordenadamente o que me caísse nas mãos. Aos 18 anos pegava cinco livros por semana com Etienne, João Etienne Filho, escritor e jornalista mineiro, que me iniciou na literatura brasileira*”³. Ainda sobre a importância de Etienne Filho, declarou: “*Ele me ensinou a ler com o cotovelo na mesa, quer dizer, ler até o fim, estudando, destrinchando, e não por mera distração, numa poltrona*.”⁴

Foi também João Etienne Filho que publicou seus artigos no jornal católico *O Diário*, de que era redator-chefe o professor e jornalista Edgard de Godoy da Mata Machado.

A descoberta dos escritores estrangeiros foi uma revolução em sua vida:

Quando descobri Dostoievski, por pouco não desisti: tudo que eu queria escrever ele já havia escrito. Junto com Tolstói e

³ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit. p. 31

⁴ Werneck, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Cidade: Editora, 2ª ed. 2012, p. 110.

*Cervantes... livros colossais, leitura interminável. Para mim, o máximo da satisfação literária era poder dizer sem mentir que já havia lido Os irmãos Karamazov, Dom Quixote e Guerra e paz. E o meu deslumbramento por Stendhal. E por Conrad, Lawrence. E ainda Henry James, verdadeira obsessão. Os americanos: Hemingway, Scott Fitzgerald, Sinclair Lewis, Dreiser, Faulkner, John dos Passos...*⁵

Vida agitada, atleta vitorioso

Se a cidade de Belo Horizonte era relativamente calma e parada, o mesmo não se pode dizer da vida de Fernando Sabino. Aos 18 anos já era aluno da Faculdade de Direito, lecionava português no Instituto Padre Machado, pertencente ao pai de seu amigo Otto Lara Resende, dava aulas particulares de taquigrafia, trabalhava numa repartição pública e num jornal e fazia o CPOR. E como ele mesmo diz: *"ainda sobrava tempo para namorar e para um chope com os amigos"*.⁶

No curso superior, foi colega de Otto Lara Resende, que *"já fez prova em meu lugar na Faculdade de Direito imitando a minha letra e a minha assinatura, como falsário que é, e da maior competência."*⁷

Entre as muitas atividades de Sabino, não pode ser desprezada a de atleta. Foi um excepcional nadador, campeão sul-americano em 1939 e recordista brasileiro de 400 metros de costas, recorde nunca superado até porque a categoria foi extinta. Seu principal *hobby* era tocar bateria.

Muito esforço pra escrever simples

Em 1944, casou-se e mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi titular de cartório e se formou na Faculdade Nacional de Direito (atual UFRJ). Ao longo de toda a vida, Fernando Sabino publicou incontáveis crônicas. Ao lado de Rubem Braga e Afonso Romano de Sant'Anna (falecido em março último), foi um dos nossos principais cronistas. Não há como negar certo preconceito contra as crônicas. Certa vez, Guimarães Rosa lhe disse para escrever pirâmides e não biscoitos. Fernando Sabino respondeu que eram os biscoitos que pagavam seu aluguel. E posicionava-se sobre a importância das crônicas:

*Já os que consideram a crônica também literatura descartável certamente estão mal-informados. A crônica é um gênero literário com uma tradição que vem dos quinhentistas portugueses, como Diogo do Couto, desembarca no Brasil com Pero Vaz de Caminha, passa por Machado de Assis e chega até nossos dias com Rubem Braga. Como se vê, uma linhagem das mais nobres, a que qualquer um se orgulharia de pertencer.*⁸

Um dos muitos talentos do escritor Fernando Sabino é certamente escrever de forma simples, coloquial como convém a uma cronista que vê no cotidiano o que passa despercebido à maioria das pessoas. Talvez *A última crônica*, publicada no livro *As melhores crônicas de Fernando Sabino* (Record,

⁵ Sabino, O tabuleiro de damas, cit., p. 35.

⁶ Sabino, O tabuleiro de damas, cit., p. 31.

⁷ Sabino, O tabuleiro de damas, cit., p. 170.

⁸ Sabino, O tabuleiro de damas, cit., p. 39.

“Já os que consideram a crônica também literatura descartável certamente estão mal-informados.”

4ª ed. 1992), seja um excelente exemplo do que digo. E, permitam-me um registro: também tenho esse exemplar enviado por ele pelo correio e com uma gentil dedicatória.

A respeito de escrever, declara:

*Escrever não é propriamente um sofrimento, mas uma obrigação. A literatura me sustenta não apenas no sentido econômico, mas também existencial. Só atinjo a minha verdadeira dimensão, e presto contas a Deus, através da literatura. [...] O que eu busco escrevendo é saber quem sou.*⁹

Em outra passagem anota:

*Acredito que escrever seja, basicamente, cortar. Cortar o supérfluo. Eliminar repetições, ecos, rimas, cacófagos, redundâncias, lugares-comuns. Mas principalmente o excesso.*¹⁰

Cita como exemplo do que afirma seu romance O encontro marcado:

*Ao todo, levei dois anos para terminá-lo. Tive de reescrever tudo três vezes. Fora mil e um descaminhos. Percorri vários atalhos sem saída, escrevi 1.300 páginas para aproveitar 320. Perdia às vezes dezenas de páginas. [...] Nada mais penoso para mim que a busca da expressão adequada, da propriedade vocabular. Há mil maneiras de dizer uma coisa e só uma é perfeita.*¹¹

Ainda sobre a dificuldade de escrever, gostava de citar seu amigo Paulo Mendes Campos: "Quem tem facilidade para escrever não é escritor, é orador".

Em resposta a outro cronista mineiro, Ruy Castro, numa entrevista, afirmou:

*Custa muito esforço para ser simples, é um trabalho terrível para você conseguir chegar a essa simplicidade que parece que é fácil de ler e, portanto, parece que foi fácil de escrever.*¹²

Sobre sua qualidade de escrever de modo simples, Arnaldo Bloch escreveu:

*"Para cada palavra, dez consultas. Em cada vírgula, um desafio angustiante. Vai ao dicionário à procura do verbo exato, até que, um dia, topa com uma citação de obra sua e descobre: 'esse o verbo'. Ele duvida da língua, questiona, constrói. A palavra não deve ser rebuscada, mas transparente, acessível, curta, a serviço da ação. Mais verbos que substantivos, mais substantivos que adjetivos, mais adjetivos que advérbios. A ponto de, ao final, parecer que a obra não foi escrita com palavras, como disse certa vez, um crítico."*¹³

No Rio, novos amigos

Como registrado, Fernando Sabino se mudou para o Rio de Janeiro depois de seu casamento com Helena Valadares,

“Só atinjo a minha verdadeira dimensão, e presto contas a Deus, através da literatura. [...] O que eu busco escrevendo é saber quem sou.”

⁹ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 52.

¹⁰ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 46.

¹¹ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 45.

¹² Apud Medeiros, Rogério Garcia. Fernando Sabino, O menino que escrevia, *Revista MagisCultura*, v. 17, abril de 2017, p. 30.

¹³ Bloch, *Fernando Sabino*, cit., p. 69.

filha do interventor estadual Benedito Valadares. Logo conheceu Vinícius de Moraes e passou a conviver com muitos escritores radicados naquela cidade, inclusive Carlos Drummond de Andrade.

Lá também desempenhou muitas atividades. Em 1960, ele, Rubem Braga e Walter Acosta fundaram a *Editora do Autor*: “Convencidos de que se um editor não escreve os livros que edita, um escritor pode editar os livros que escreve.” Essa editora foi responsável pela publicação de importantes escritores como Gabriel García Marques, Pablo Neruda, Jorge Luís Borges, Mário Vargas Llosa e Manuel Puig.¹⁴

Também foi sócio da *Editora Sabiá*, criada em 1966 e vendida em 1972, e da produtora de filmes *Bem-te-vi* fundada em 1973, em sociedade com David Neves, dedicada especialmente a produzir curtas-metragens sobre escritores brasileiros.

Não queria ser biografado. Chegou a aceitar participar do livro que Arnaldo Bloch escreveu sobre ele, mas, depois do primeiro encontro, desapareceu e o autor não conseguiu reencontrá-lo. “Para que um perfil meu agora? Não é melhor esperar que eu morra?”, perguntou no ano 2000.

Contudo, escreveu *O tabuleiro de damas, trajetória do menino ao homem feito*, que é um livro de memórias. E enfrentou o permanente questionamento quanto ao caráter autobiográfico de *O encontro marcado*:

*Há quem considere O encontro marcado o romance de uma geração. Para mim é apenas o da minha experiência pessoal. Mas faço parte de uma geração, e naturalmente suas características se refletem nos personagens que recriei à minha imagem e semelhança.*¹⁵

Um romance universal

A importância e influência desse livro pode ser constatada pelos inúmeros depoimentos existentes a seu respeito. Vejamos o de Humberto Werneck:

*“O encontro marcado foi para nós um alumbramento. A gente queria escrever daquele jeito, viver aquelas aventuras, subir nos arcos do viaduto de Santa Teresa, aprontar bagunças divertidas e inteligentes na pasmaceira belo-horizontina, a gente queria ser Fernando Sabino...”*¹⁶

Não sou crítico literário, mas considero *O grande mente-cpto* um livro universal, talvez especialmente por falar de sua aldeia, pois Geraldo percorre tresloucadamente diversas regiões de Minas. A obra começou a ser escrita em 1946 e ficou parada por mais de três décadas, sendo retomada em 1979.

*Tomei-me de brios e entrei num transe tão maluco como o meu personagem. Comecei a escrever dia e noite sem parar, terminei o livro em 18 dias, em meio a crises de riso e de choro.*¹⁷

¹⁴ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 136.

¹⁵ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 44. O ano de 1956 viu a publicação de três grandes obras: *Grande sertão, veredas*, de Guimarães Rosa; *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso e *Encontro Marcado*.

¹⁶ Werneck, Humberto. Reencontro marcado. In: *Sonhos rebobinados*, cit., p. 197-198.

¹⁷ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 50.

“Mas faço parte de uma geração, e naturalmente suas características se refletem nos personagens que recriei à minha imagem e semelhança.”

Muitos dos leitores também o leram entre risos e choro. A respeito dessa obra Tristão de Athayde escreveu na quarta capa da publicação:

"O relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações não é apenas a obra-prima da vasta produção de seu autor, mas estou certo de que ficará como uma das expressões marcantes da nossa história intelectual, criadora de um tipo insólito e representativo, que vai permanecer ao lado dos personagens mais famosos de nossa ficção literária."

Cronista, morreu menino

Em 1988, Fernando Sabino passou a assinar uma coluna em *O Estado de S. Paulo* intitulada *Dito e Feito*, republicada no jornal ESTADO DE MINAS. Guardo o recorte amarelado da primeira coluna, do dia 3 de abril de 1988. Nela Fernando Sabino não escreveu nada. Publicou a carta que seu amigo Hélio Pelegrino lhe enviara quando tinha 21 anos, datada de 4 de maio de 1945. É um belo texto existencial e profundo ainda mais se consideramos a pouca idade do remetente.

Em 1999, recebeu da Academia Brasileira de Letras o *Prêmio Machado de Assis* pelo conjunto de sua obra.

Em 1992, publicou **Zélia, uma paixão**, o que lhe trouxe muitos dissabores, em razão das muitas críticas, especialmente a de ser uma publicação comercial, que visava somente ganhar dinheiro. Isso não correspondia à realidade, porque os lucros foram doados a crianças carentes, segundo declarado pelo conhecido magistrado carioca Alírio Cavalieri, responsável pelo projeto de proteção a essas crianças. Aliás, é um livro ótimo de ler.

Teve uma relação de amizade amorosa com Clarice Lispector, que era casada com um diplomata brasileiro, Maury Gurgel Valente. Numa vinda dela ao Brasil durante a Segunda Guerra foram apresentados. *"Fiquei deslumbrado com ela"* e declara:

*Imediatamente nos tornamos amigos, de encontro diário, enquanto ela esteve aqui. Depois que deixou o país, a amizade continuou, intensamente vivida através de cartas, com uma frequência às vezes semanal, de 1946 a 1969 – durante 23 anos, portanto.*¹⁸

Para Marina, terceira esposa de Fernando Sabino (a segunda foi Anne Beatrice), não era apenas amizade. Esta foi sua conclusão depois de ler algumas correspondências entre ambos:

*"Aqueles dois jovens, literatos, labirínticos e em busca de seu universo mágico, ambos recém-casados, estavam apaixonados. No final baixava sempre aquela culpa total: abraço para Heleninha, abraço para o Maury. Eu até disse ao Fernando: isso é um caso de amor deslumbrante, mal resolvido. Ele perguntou se eu enlouquecera, e eu respondi: Fernando, se isto não é caso de amor, não existe caso de amor."*¹⁹

Em 2023, comemorou-se o centenário de seu nascimento. Acho que todos os anos devemos celebrar seu nascimento

Uma biografia promocional e romancada da economista Zélia Cardoso de Melo, ministra da Fazenda do governo de Fernando Collor de Melo e principal articuladora do 'Plano Collor'.

¹⁸ Sabino, *O tabuleiro de damas*, cit., p. 127.

¹⁹ Apud Bloch, Arnaldo. *Fernando Sabino*, cit., p. 133.



e sua obra²⁰.

Provavelmente o trecho mais conhecido de tudo o que escreveu seja:

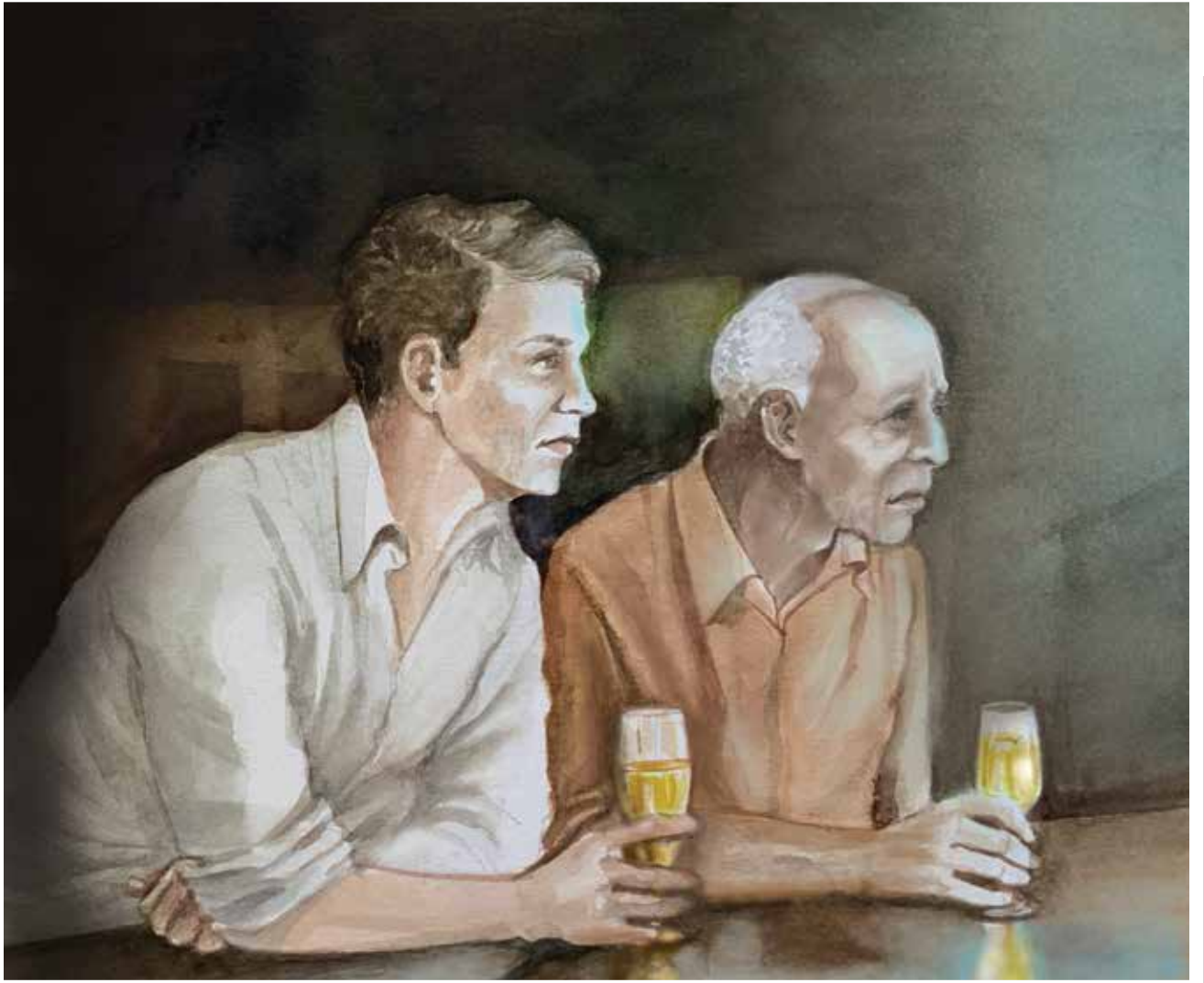
*De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!*

Fernando Sabino faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004, um dia antes de completar 81 anos. Escolheu seu próprio obituário: "Aqui jaz Fernando Sabino. Nasceu homem, morreu menino".

A explicação para a frase fica clara na seguinte afirmação que sempre repetia: "Quando eu era menino me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse; se me perguntassem hoje, eu responderia: quando crescer, quero ser menino".

“Quando eu
era menino me
perguntavam o
que eu queria ser
quando crescesse;
se me perguntassem
hoje, eu responderia:
quando crescer,
quero ser menino.”

²⁰ Desde 2005, existe o Instituto Fernando Sabino, que se dedica a incentivar a prática da leitura a partir de seus trabalhos escritos. Em Belo Horizonte, desde 2018, há o Espaço Cultural Encontro Marcado em sua homenagem.



O marxista

Renato César Jardim

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

O homem entra no bar e pede uma cerveja. Encosta-se no balcão. São aproximadamente três horas da tarde de uma quarta-feira. Acaba de receber a indenização da ruptura injustificada de seu contrato de trabalho. O rádio do botequim transmite uma partida de futebol entre o Clube Atlético Mineiro e uma equipe do Marrocos. O ano é 1972 e a esquadra mineira excursiona pela África um ano depois de vencer o primeiro campeonato brasileiro de futebol.

A seu lado, com os cotovelos acomodados no balcão, um senhor humilde, de aspecto rude e aproximadamente setenta anos, ouve atentamente a transmissão bebericando um traçado de cachaça e vermute.

O homem coloca cuidadosamente a cerveja no copo, inclinando-o de modo a não formar espuma. O homem detesta espuma em cerveja. Dá o primeiro gole. Quase esvazia o copo. Estala os lábios num ato de prazer.

Mesmo sem conhecer aquele a seu lado, e antes de qualquer diálogo, começa a pregar contra a situação política reinante:

– *Neste país não se valoriza quem deve ser valorizado. Vivemos sob a tutela de um estado burguês, com a exploração e a espoliação da classe dominada pela minoria dominante. Essa situação, contudo, não durará perenemente. Os valores estão invertidos, mas chegará o dia da prevalência da mais-valia.*

O homem é engenheiro.

O senhor, com a faculdade crítica de julgar a pregação, simplesmente acena lenta e positivamente com a cabeça, num gesto de humildade. Contemporiza concordância com as palavras de seu interlocutor, porém nitidamente entretido na transmissão do jogo de futebol. Pede mais um 'rabo de galó' ao balconista, sem balbuciar qualquer palavra. Simplesmente aponta para o copo estreito e de fundo espesso, mostrando-o com o dedo indicador e fazendo um leve aceno positivo com a cabeça.

O homem insurreto continua com a cantilena de levante contra o estado de coisas. O álcool e a empolgação lhe sobem à cabeça, em sua vã oratória.

O monólogo prossegue:

– *Onde já se viu um país, a oitava economia do mundo, ter o índice de mortalidade infantil superior ao de nações bem menos civilizadas. É o descaso das autoridades governamentais se alastrando desde a época colonial, se colônia ainda não somos.*

Em meio à vociferação o locutor esportivo faz soar um ataque do Atlético:

– *Vai entrando Mauro Isidro pela grande área, passa por um, por outro mais, clareou, atira para o arco e... na trave, a bola bate na trave e sai pela linha de fundo. Na trave, minha gente, uma jogada espetacular de Mauro Isidro!*

O senhor desconcerta-se. Sentindo-se com a posse da bola na jogada propagada pelo rádio, faz um gesto involun-

tário com a perna a chutar a imaginária esfera de couro para dentro do gol.

Em meio à emoção do lance, o homem continua em seu fastidioso discurso, aparentemente na fase exordial:

– *Um pai de família, seja até mesmo da classe média, num país injusto como o nosso, onde o nepotismo impera, jamais terá condições de dar um futuro promissor a seus filhos. Adianta ter um diploma e ser um bom profissional se, sem apadrinhamentos, não se vai a lugar algum? Quanto aos menos favorecidos, não enquadrados na casta da burguesia detentora do poder e dos meios de produção, quanto a estes o futuro será sempre impiedoso. O senhor não concorda comigo?*

Em resposta, o mesmo gesto parcimonioso do aceno lento e positivo com a cabeça. Mas a atenção real é para o futebol, já nos derradeiros minutos da etapa complementar.

O homem não se entrega. Insiste no messiânico sermão:

– *Mantidas as injustiças sociais reinantes, os ricos serão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis e numerosos. Entenda-se como pobre a famigerada classe média, engrenagem mais importante em qualquer sociedade. A prevalecer esta situação, faltará lugar nas favelas para toda essa gente.*

O senhor, distraído com a peleja, não dá ao homem a atenção desejada, talvez até pelo fato de já contar com seu lugar garantido na favela.

O homem irrita-se com o futebol transmitido àquela hora da tarde. Além de angustiante, dispersa a atenção de seu mudo interlocutor. Em tom incisivo, e aparentemente desdenhando da conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira em 1970, retruca:

– *Droga de futebol brasileiro, o qual ainda reputam como o melhor do mundo. Nesse país não se valoriza mesmo quem deve ser valorizado.*

E prossegue, num ímpeto de revolta e contradição à doutrina propagada:

– *Veja aí esse Mauro Isidro, um favelado sem qualquer instrução, analfabeto de pai, mãe e vizinho, ganhando um dinheirão e conhecendo o mundo inteiro às custas desse maldito futebol de merda.*

Enquanto o homem fala, o balconista acena por detrás do senhor, ainda absorto na transmissão radiofônica. Faz gestos negativos com o dedo indicador, inclusive posicionando-o rente aos lábios, rogando silêncio. O homem nada entende.

O rádio anuncia o final da partida. O modesto atleticano paga sua conta e retira-se do bar sem se despedir de ninguém.

Em seguida, o balconista lamenta o ocorrido. Dirige-se ao aziago homem em tom lamentoso. Aponta para o senhor, ainda a sair do bar, e sentencia:

– *Esse aí é o pai do Mauro Isidro!*

O homem refuta:

– *Dane-se o mundo. Me traz mais uma.*



O jovem de toga

Vanessa Verdolim Hudson Andrade
Desembargadora do TFG, aposentada

Um homem se aproximou do fórum, cabisbaixo, trôpego. Estava voltando agora àquela cidade, depois de anos gozando daquela sensação de estar demorando demais. Assaltava-lhe o medo da saudade, das lembranças, da sensação de ausência. Ausência daquele amigo que lhe esperava à porta todos os dias, daquele outro que, mal chegava, vinha despejando as notícias mais recentes, com aquele humor que só a ele pertencia e daqueles que o abraçavam de longe, com um sorriso de aprovação à sua passagem, sem coragem de se chegar.

Parou um pouquinho na entrada, analisando, com os cansados olhos, como tudo estava diferente. Aquela antiga entrada, que lembrava os casaréis antigos, cheios de histórias e estórias, havia sido substituída por uma moderna e comprida varanda envidraçada, onde pessoas se aglomeravam, parece que esperando uma sessão de julgamento. Pelo falatório, sem dúvida uma sessão de júri.

Passou por todos como uma figura anônima, transparente, aquela que não se vê, a não ser que, sem querer, cambaleante, empurrasse alguém. Chegou à sala que buscava, emocionado, ansioso, com os olhos trêmulos. De repente notou que estava em um amplo salão, entrando ladeado por dois oficiais, enquanto todos se levantavam, respeitosamente, à sua entrada. Viu-se com uma toga preta, imponente, mais pelo seu significado que por aquele que a vestia. Dentro da toga, uma pessoa que sentia o peso de sua autoridade e que achava que não devia ela ser obrigatória, pois o afastava daqueles a quem queria abraçar, com quem queria dialogar, com quem queria buscar respostas, que sabia que ali não viriam.

Perscrutou os olhos do réu, que estava à sua frente. Perguntou-se se conseguiria investigar a verdade, se a justiça seria feita. A testemunha falaria a verdade? Ou quem sabe, com temor, ou mesmo com pena, ou até movido pela dúvida, se calaria ou, pelas circunstâncias, até mudaria a sua versão dos fatos, para depois se maldizer... e perguntar-se: por quê? Lembrou-se de que, certa vez, uma testemunha depois o procurou e lhe disse que, ao ver a esposa e filhos do réu, aflitos, esperando o julgamento, viu-se impotente perante o sentimento de pena que lhe debilitou os ânimos e ficou-se perante a dúvida de ter, realmente, visto o que achou que viu e, em minutos, mudou a versão dos fatos que antes manifestara. Humano que é, cedeu aos sentimentos. Ainda humano, queria respostas que aquele que estava à sua frente não se sentia em condições de dar. Queria as palavras de um santo, de um padre, quem sabe de um psicólogo... e ele não se sentia com as qualidades de nenhum deles. O homem de toga apenas lhe perguntou se ainda tinha dúvidas. Ao ouvir a resposta de que elas ainda persistiam, apenas lhe disse: se ainda está com dúvidas, apascente sua consciência, pois é mais

“Humano que é, cedeu aos sentimentos.

Ainda humano, queria respostas que aquele que estava à sua frente não se sentia em condições de dar.

Queria as palavras de um santo, de um padre, quem sabe de um psicólogo... e ele não se sentia com as qualidades de nenhum deles.”

“O jovem homem de toga comprou uma caixa de sabonete, um desodorante, sabão em pó e um amaciante bem perfumado e deu-lhe de presente e lhe disse, com muito jeitinho: não adianta só tomar banho para ficar limpo, tem que demonstrar que está limpo...”

nobre aquele que, na dúvida, não acusa, do que aquele que, para manter uma posição já externada, mantém uma atitude, mesmo que nela não acredite.

As vozes ecoavam ainda no aposento e ouviu aquele jovem advogado começar a defesa do réu, tentando falar mais alto que o experimentado promotor de Justiça que o antecederia. A voz do jovem, porém, tremia. Não era firme e forte como a do promotor. Começou com voz fraca e, ao perceber que ninguém o escutava, tentou lançar uma voz mais possante, mas saiu uma voz esganiçada, lembrando a sua voz de criança que queria ser adolescente... parou e esqueceu o que ia dizer... até que o homem de toga lhe lembrou o que estava dizendo, para que continuasse. Envergonhado, continuou a sua defesa, que chegou ao final com aquela ajuda.

Procurou os rostos daqueles que ali estavam e viu um que povoava as suas recordações: o velho oficial que, amigo, extrapolava as atribuições que eram de seu cargo, para ajudar o jovem de toga, que havia acabado de chegar naquela Comarca, a se entrosar na comunidade, a conhecer as suas particularidades e a tranquilizar-se perante o desconhecido. Por que será que confiava tanto naquele e mais alguns e não tanto em outros? Questão de empatia? Apenas sabia que dele emanava a sinceridade, seus olhos eram de uma pessoa boa e exalavam confiança.

Ao lado do rosto desse amigo outro surgiu, tímido, mas sorridente, com aquele sorriso que só a pureza tem. Era a “moça do cafezinho”. Lá vinha ela, pela manhã, mal chegava, trazendo o cafezinho que ali mesmo fazia, acompanhado dos quitutes caseiros de sua mãe, doces que nem mel, gostosos que nem a vida. Demorou a conhecer a mãe daquela mocinha sorridente, pois se escondia de gente, gostava apenas de sua cozinha, onde fazia gostosuras com que conquistava o mundo, se bem que a intenção era só a de manter a família. Um dia, encantado com aquele sorriso inocente que acompanhava o café, de quem acredita no ser humano, achou que devia conhecer a sua mãe. Se a filha é assim, de que tamanho seria a mãe, que a educou? Muito contra a vontade, a moça do café levou-o a conhecer a sua doce mãezinha. Não queria se lembrar do seu nome, pois nomes são fáceis de lembrar; imagens, no entanto, é que ficam. E que doçura era a mãe, realmente. Não se sabia se seus doces eram mais doces que a sua doçura. Pessoa simples, que fala o que pensa, mas que só pensa bondade... saía poesia de suas palavras. Com ela aprendeu que apanhar o ovo da galinha no galinheiro é melhor que comprar; que tomar o leite no vizinho, na hora da ordenha, tem mais sabor que o da casa da gente; que apanhar a couve no quintal é coisa que não tem preço... e que felicidade está aí, nas coisas simples do dia a dia. Dona Bia, era assim que se chamava, podia ter o nome de muita gente, que conhece dessas coisas boas da vida.

O jovem homem de toga olhou para mais atrás e viu seu auxiliar, que lhe trazia todas as peças e documentos do dia, que anunciava as visitas e o levava até a saída, como fiel escudeiro. Sua roupa cheirava a suor e mofo e não fazia jus à limpeza de seus olhos e à grandeza de seu coração. E naquelas atividades simples do leva e traz, dava para perceber que havia atitude, dedicação, vontade de não errar, como se fosse a coisa mais importante do mundo. E era. Assim como todas as ações que levam a um fim útil. Vieram reclamar que não era agradável o seu cheiro de mofo e suor. O jovem homem

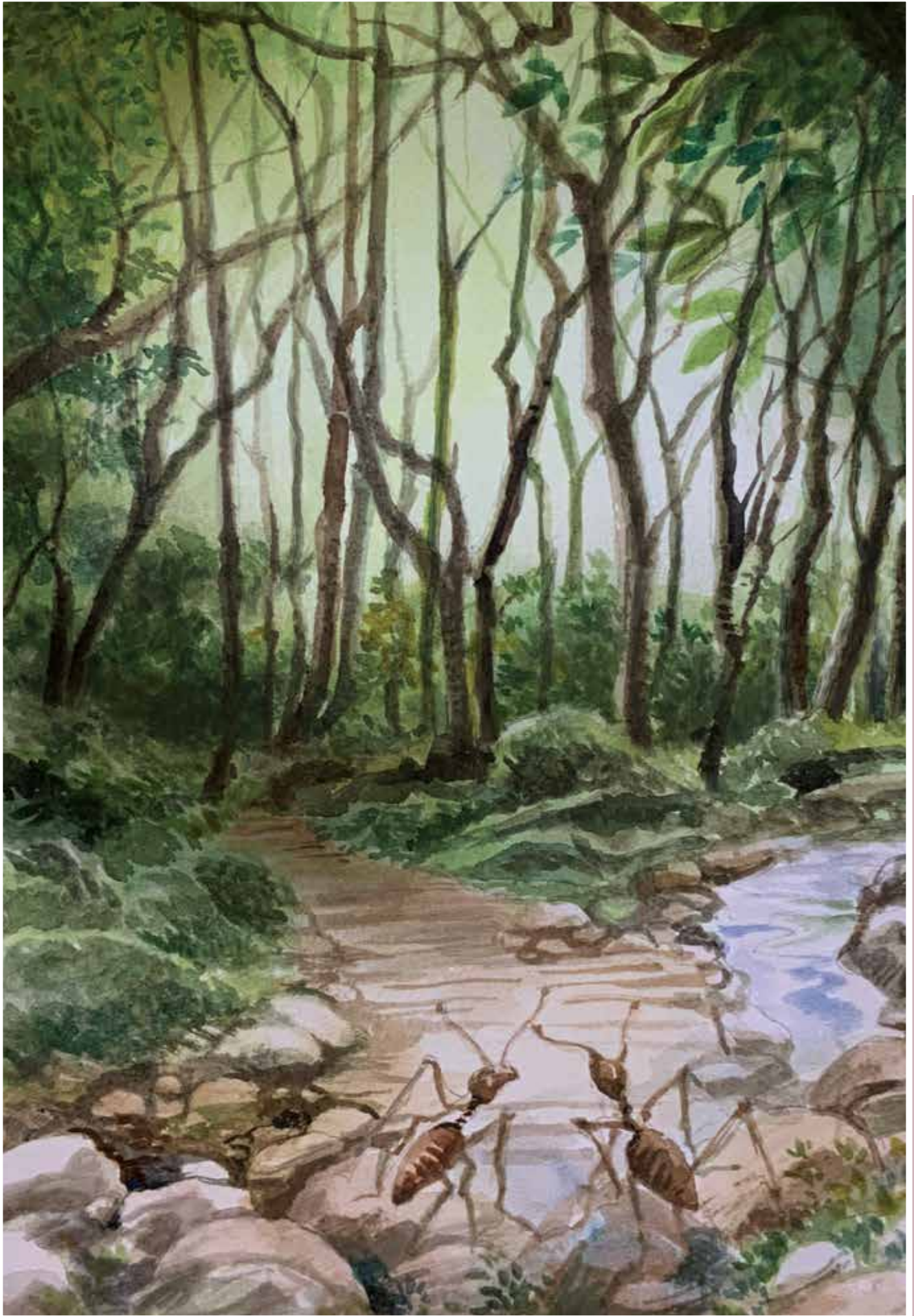
de toga comprou uma caixa de sabonete, um desodorante, sabão em pó e um amaciante bem perfumado e deu-lhe de presente e lhe disse, com muito jeitinho: não adianta só tomar banho para ficar limpo, tem que demonstrar que está limpo, a roupa também tem que ser lavada e trocada, senão reclamam. Estou lhe dando tudo o que precisa, para mostrar a quem reclama que você também gosta de ser limpo. Quando acabar, me peça que lhe dou de novo. O rapaz deu um sorriso sem graça, mas agradecido. Nunca lhe disse que os presentes foram usados e que haviam acabado, mas também nunca mais apareceu com roupa suja nem com cheiro de mofo. Sua mãe deve ter pensado: tornou-se um príncipe.

Uma a uma, as pessoas foram se passando à sua frente e lembrou-se de como cada uma foi importante em dado momento. Voltou ao presente. Adentrou no aposento, repleto de pessoas, que passaram a ovacionar alguém. Assustou-se, todos que ali estavam eram seus antigos conhecidos. O jovem advogado, já mais velho, com seus olhos argutos e inesquecíveis, agora com bela oratória. O velho oficial, que, já idoso, apenas tinha emoldurado o seu encanto com os cabelos brancos. A testemunha que absolvera pelos filhos que inocentavam o réu ali estava, deu-lhe uma foto daquele julgamento e lhe disse: por você eu soube educar os meus filhos. E o auxiliar, que nunca mais cheirou a mofo? Estava ali à sua frente, elegante, bem-vestido, impecável. Formou-se e agora era advogado, acompanhado da esposa e dois filhos. A mocinha do café, não mais tão nova, mas com o mesmo sorriso cristalino, que não perdeu a juventude que existia em seu sorriso, chegou-se e deu-lhe uma caixa de quitutes de sua mãe, aqueles mesmos que tinham gosto de roça, de saudade e de felicidade. *“Mamãe mandou-lhe os doces porque não mais anda e não conseguiu vir.”* Ah! Doces com gosto de saudade!

De repente... meu Deus, meu Deus! É a mim que estão homenageando. Eu sou o homenageado! O homem cabisbaixo, trôpego, sentiu os ombros se erguerem, a mocidade voltando, a força superando todas as emoções que o assaltavam. E no abraço de cada um, em cada rosto, foi se erguendo, sua voz ficou forte, com aquela fortaleza da juventude que só a amizade faz reaparecer. E se sentiu amado, deixou de ser transparente para reviver cada momento de felicidade.

Com aquela certeza de ter sido importante para alguém, agradeceu a vida e abraçou o mundo.

“O homem
cabisbaixo, trôpego,
sentiu os ombros
se erguerem, a
mocidade voltando,
a força superando
todas as emoções que
o assaltavam.”



A cigarra e as formigas: mutações

Fernando Armando Ribeiro
Desembargador do TjMMG

Muito tempo depois do famigerado inverno em que suas avós haviam deixado morrer à míngua a poética cigarra, jovens formigas passaram a esboçar uma estranha e inusitada sensação de tédio diante da árida opulência do formigueiro. Pior que o trabalho sem folgas e a atmosfera opressiva era aquele ambiente ordenado e chato, onde só se falava sobre as provisões do amanhã.

Numa tarde, desviaram da trilha de trabalho. O conforto existencial que então sentiram aquelas formiguinhas alimentava a cada dia seus sonhos. Nos instantes que ali passaram, junto ao bando de cigarras no bosque, suas almas se aveludaram, e elas perceberam a natureza como jamais tinham feito. O canto delongado das cigarras fundia-se ao silvo melódico do vento soprando nas casuarinas, aclarando-lhes aquele sentido que, até aquele momento, servira apenas para escutar ordens. Com isso perceberam existir um mundo prazeroso, situado num lugar distinto do abstrato e especulativo amanhã.

"Estamos sonhando?", perguntaram-se quase simultaneamente duas delas.

"Se não estivéssemos juntas, ia jurar que sim", respondeu a outra.

"Será que esse bosque é encantado? Nunca tinha visto nada parecido em minha vida."

"Não sei não", disse a terceira *"Mais do que vendo, acho que você está é sentindo."*

"É isso", interveio o outra. *"Tem coisas aqui que fazem a gente sentir... sei não, fico com um pouco de medo..."*

"Medo do quê?"

"Tinha uma companheira de quarto que me dizia que sentir pode ser muito perigoso..."

"Será que essas cigarras são bruxas?", replicou a outra.

"Caramba, pode ser... Talvez por isso no formigueiro ninguém fale nelas."

"Não sei de vocês, mas, para mim, se isso for bruxaria, só saio daqui voando numa vassoura", arrematou a mais entusiasmada delas.

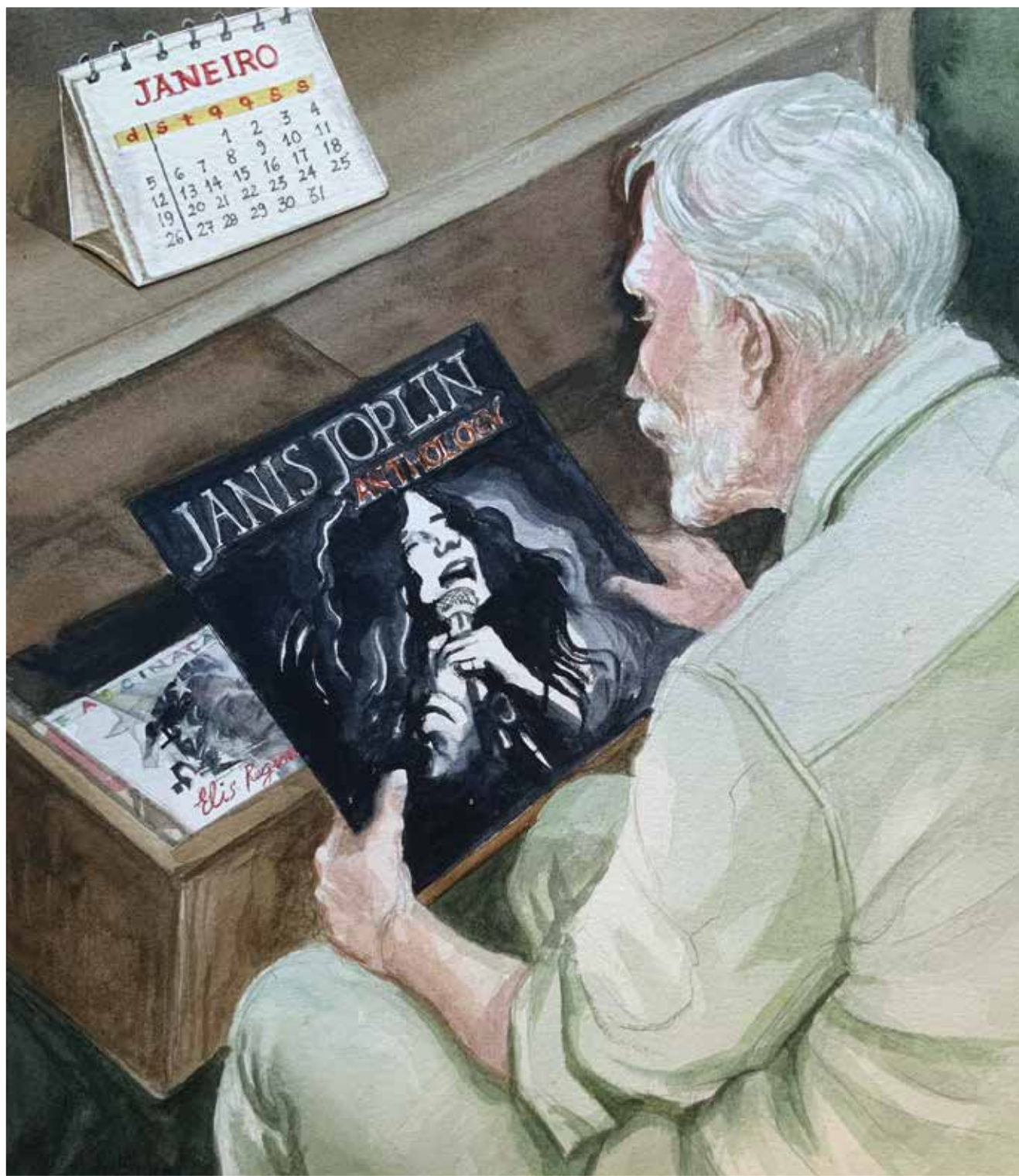
As três estouraram uma gostosa risada. No resto do tempo, em silêncio, desfrutaram aquele aprazível mistério que a sofisticada estrutura do formigueiro jamais conseguira lhes oferecer.

Ao fim da tarde, retornaram ao formigueiro, mas a rotina nunca mais seria a mesma. As trilhas já não eram apenas exaustivos percursos, tornaram-se um caleidoscópio de cores e sons, que dava ritmo novo a seus passos. Se antes viam aquele tempo como enfado, agora deleitavam-se com as descobertas que espreitavam a cada momento. Não que o trabalho não fosse cansativo, mas extasiavam-se de tal forma com

aquele encantamento que chamavam a atenção das colegas pelo permanente sorriso.

Foi assim, instadas a contar seu mágico segredo, que certo dia, em meio à trilha, as formiguinhas começaram a cantar. O que sucedeu no formigueiro dali em diante as narrativas oficiais não contam. Dizem, no entanto, que, nas estações de inverno, todos que por ali circulam têm a impressão de ouvir cantos de cigarra emanando diretamente do solo.

“As trilhas já não eram apenas exaustivos percursos, tornaram-se um caleidoscópio de cores e sons, que dava ritmo novo a seus passos.”



Amante

Carlos Roberto Loiola

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Coronel Bacamarte havia sonhado novamente com aquela linda jovem cantora cujo nome e feições apareciam de relance em sua mente tão rapidamente quanto desapareciam. Como que uma onda que se quebra na fina areia da praia e se desfaz em instantes; um acorde musical que tão logo é sentido tão velozmente é substituído por outro; um trovão de obuseiro que faz desaparecer o projétil que aflige o inimigo ao mesmo tempo em que traz um fugaz sentimento de segurança em quem o despacha aos ares.

Aquele foi um rosto constante, nos sonhos daquela noite, mas cujas conexões com seu passado haviam se apagado de suas lembranças, não por completo, o que até poderia trazer-lhe alguma sensação mais duradoura de poder e galhardia, mas aos pequenos pedaços, retalhos de memórias, o que lhe provocava intensa agonia, uma estranha vontade de abafar o silêncio. E com o rosto corado pelo pudor, suor frio pelo corpo, levantou-se e foi de pijama mesmo até a sala de seu apartamento. Estranhou tudo por ali e por alguns instantes sequer conseguiu situar-se no tempo e no espaço. Não era sua casa, nem aquele apartamento em que havia estado em seus sonhos de poucos minutos atrás, nem qualquer instalação militar. Estava perdido.

Fitou por alguns instantes o calendário sobre a cômoda buscando talvez alguma explicação por estar ali naquele lugar que lhe parecia estranho, abriu uma gaveta na tentativa de puxar alguma informação da memória, tirou alguns LPs antigos e bem guardados observando os rostos daquelas lindas mulheres estampadas em suas capas. Após muitos deles, exatamente no último e mais escondido de todos, apareceu-lhe como um clarão de fogo de artifício, desses que se soltam nas passagens dos anos, como centelhas, finalmente se deu conta de que era 19 de janeiro.

Era aniversário dela. Como pode ter esquecido? Por sessenta anos seguidos, 19 de janeiro sempre foi para Bacamarte um dia especial, de ternas recordações daqueles finais de semana em que deixava para trás suas instruções para os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, e saía no seu Mustang vermelho para se encontrar com velhos amigos e jovens alunos universitários, em Ipanema, no Rio de Janeiro. Um dia especial para trazer dos longínquos do tempo o pouco que ainda restava de suas recordações daquelas farras noturnas e que o mal do presente insistia em ir lenta e cruelmente apagando.

Bacamarte, como todo bom oficial de artilharia, sempre foi muito cuidadoso em preservar sua privacidade e intimidade, principalmente os amores de juventude, e mais ainda acerca daquela linda jovem cantora com quem gozou e dividiu tantos prazeres num passado consumido pelo tempo e

que havia lhe retirado da cama, naquela madrugada. Mas o que sempre preservou com tanta habilidade só para si, como o que se esconde em fundos de baú, agora, contraditoriamente, tentava recuperar nos recônditos da memória. E ao mesmo tempo em que tentava se lembrar, resistia consigo mesmo em lançar luzes a outrem sobre o que apenas para si mesmo poderia ser revelado. Afinal, na pouca razão que ainda lhe restava, não cogitava minimamente em trazer às luzes, por meios transversos, fatos de seu passado que deveriam permanecer apenas na sua mais profunda intimidade.

Era uma batalha que travava consigo mesmo, semelhante àquelas que se travam entre artilharias: ver sem se deixar ser visto; recuperar as lembranças de um tempo perigoso e ao mesmo tempo não revelar, por um mínimo detalhe que fosse, qualquer resquício que pudesse magoar alguém ou a si próprio.

Mas, apesar da luta travada com seus neurônios, naquela madrugada, ao repassar os olhos por aqueles discos todos, os espalhando sobre a cômoda na tentativa de buscar entre as tantas capas de sua coleção alguma luz de seu próprio passado, poucos nomes lhe restaram avivados. Nem os LPs da Nara Leão, da Elis ou da Leny, todos com dedicatórias amorosas, conseguiram trazer à memória o nome daquela que foi sua mais arrebatadora paixão de verão. Nem mesmo os primeiros discos da Janis Joplin, tão parecida com ela na voz e nos trejeitos e que somente ficou conhecendo muitos anos depois, nem eles conseguiram trazer a lembrança daquele nome que o havia retirado da cama tão cedo, vexado pelo gozo extemporâneo de momentos de um tempo distante, exatos sessenta anos depois.

De todos os que estavam naquele apartamento, no dia 19 de janeiro de 1964, agora só conseguia se recordar do nome de Edu, seu jovem e mais brilhante aluno na PUC e responsável por tê-la apresentado naquela noite. Mesmo assim, tal recordação somente foi possível ao se deparar com a capa de um LP da Elis, cuidadosamente guardado como verdadeira relíquia. Já não se recordava sequer do nome do proprietário daquele enorme apartamento em Ipanema, onde a conheceu e onde gozou incontáveis horas de ternos momentos.

Recordou-se, por alguns instantes, daquele silêncio que havia ao deixar o elevador e entrar no hall escuro que o levou ao apartamento no oitavo andar daquele antigo prédio, bem próximo da praia, onde tudo começou. E, de repente, o som de um violão e uma voz rouca, melancólica, feminina como nenhuma outra, que o perseguiu pelos próximos sessenta anos, principalmente em seus sonhos eróticos, depois daquele verão.

Mas, o que aconteceu? Por que acabou? Quando acabou? Onde estão todos aqueles boêmios e seus violões? Quais os seus

“Nem os LPs da Nara Leão, da Elis ou da Leny, todos com dedicatórias amorosas, conseguiram trazer à memória o nome daquela que foi sua mais arrebatadora paixão de verão.”

nomes? Terá mesmo tudo sido real ou foi apenas uma fantasia, um sonho?

Ele havia se atrasado para a tradicional farra das sextas-feiras, com amigos e alunos da PUC, em razão de um acidente na Via Dutra, onde ficou parado por horas, mas chegou lá exatamente às onze e trinta da noite e, ao ouvir o som que vinha do interior daquele apartamento, ao entrar, apenas anunciou com um gesto silencioso a chegada das garrafas de whisky, que sempre eram por sua conta e que todos aguardavam ansiosamente. E entre abraços, rápidos beijos trocados e cumprimentos calados, pôs-se com os demais ali presentes a ouvir aquele som de um violão e daquela voz macia e aveludada que vinha de um canto da enorme sala. Foi paixão arrebatadora à primeira audição.

Lá estava ela, pelo menos quinze anos mais jovem que ele, sentada, com uma blusa branca de cambraia de linho e largos decotes, que deixavam à mostra os saltitantes biquinhos de seus seios bem delineados, brincos de lataria e arames de cobre comprados na feira hippie e colares de miçangas multicoloridas em seu colo dourado, sem os tradicionais riscos brancos dos biquínis e que flagrantemente denunciavam seus hábitos liberais na praia, cabelos longos e soltos, uma curta saia, também generosa em mostrar grossas coxas bronzeadas pelo sol de Ipanema, uma esfuziante alegria cor-de-rosa entre as pernas a se exhibir cuidadosamente ao menor movimento, um banquinho e um violão nos braços de outro.

Foi tudo arrebatador naquela noite de 19 de janeiro, em Ipanema. Mas agora, imagens e sons efêmeros vinham, se perdiam e se embaralhavam com tantas outras, tão rapidamente em suas lembranças que chegou mesmo a duvidar de si próprio; de seu passado. Instantes de lucidez se alternavam com a mais cruel das dúvidas de ter realmente vivido aqueles tempos, aqueles momentos de volúpia e lubricidade; e o nome? *Que nome era aquele da musa de que só se lembrava a data de aniversário e de momentos de gozo que vinham apenas em fleches?*

Se lembrou por um átimo do show do Cauby, naquela mesma noite, todos à mesa entre copos, abraços e largos sorrisos, e as mãos macias daquela jovem a tocar-lhe o pescoço, a insinuar momentos de prazer e êxtase, a acariciar-lhe. Não era sonho, devaneio ou ilusão, teve certeza por um estalo.

Olhou novamente o calendário amarelo sobre a cômoda, marcando o mês de janeiro. Olhou novamente as capas dos LPs, alguns com dedicatórias e declarações de amizade e amor, e, de repente, dentre eles, o mais bem guardado de todos os discos, um LP da Janis Joplin, com a inscrição a caneta azul, em letra feminina seguido de um enorme coração: *“19 de janeiro é também o meu aniversário”*.

Não teve mais dúvidas: tinha sido real e não apenas uma ilusão. E para si mesmo disse em voz silenciosa: – *Feliz aniversário, querida; você sempre esteve comigo, em todos meus sonhos eróticos desde então; feliz aniversário!*

Uma viatura passou em disparada lá na praça; sirenes em estrondoso barulho. E novamente, em suas lembranças, muita confusão de sons, lugares e imagens: viaturas chegando e partindo em disparada, homens fardados, fuzis, algazarra generalizada, gente sendo conduzida para todos os cantos. Já não era mais 19 de janeiro. Nem havia mais aquela gente boêmia e seus sorrisos. Uma voz insistia em lhe gritar: – *A jovem é*

comunista! E tudo se mistura novamente em suas lembranças recortadas.

Ermelinda, sua linda Ermelinda, companheira de mais de setenta anos, veio de camisola, acordada de um sono interrompido por um ruidoso soco dado por seu amado na cômoda da sala. Houve um silêncio, não inocente, mas de todo pecador. Bacamarte a observou constrangido, vexado do que havia feito, perdido na confusão de suas lembranças. Tentou de forma atabalhoada colocar os discos novamente na gaveta da cômoda.

Era cada dia mais difícil para Bacamarte, pelas confusões de suas lembranças, esconder de Ermelinda sua paixão secreta de um verão de tempos remotos.

– *Namorando suas musas novamente?* – perguntou-lhe suavemente a esposa.

Bacamarte recuou, cabisbaixo, colocou os discos novamente na gaveta da cômoda e foi até a janela de seu apartamento. A viatura havia desaparecido ao longe. Olhou para o vazio da Praça João Pinheiro. Ninguém por lá. Ainda estava escuro e nem a alvorada havia sido tocada lá no 14º GAC.

“Já não era mais 19 de janeiro. Nem havia mais aquela gente boêmia e seus sorrisos. Uma voz insistia em lhe gritar: – *A jovem é comunista!* E tudo se mistura novamente em suas lembranças recortadas.”



Escrever sobre escrever

Sophia Goreti Rocha Machado

Juíza de Direito do TJMG, Comarca de Lagoa da Prata

Há muito tempo não escrevo sobre algo. Algo que me toque, que me empolgue, que me faça reler, e rever, e repensar. E me sentir plena por ter decidido, então, escrever sobre algo.

Escrever é um suspiro longo, um desabafo da alma. Escrevendo, pode-se tirar lá do fundo, bem do fundo das gavetinhas do coração, pensamentos que costumam ficar cutucando a gente.

Quando uma pessoa escreve, ela fez um bom amigo, teve uma sessão de terapia. Não precisa que seja para ninguém ver, não precisa usar palavras certas ou bonitas. Não precisa ler em voz alta (e até melhor não fazer isso mesmo, porque certas palavras cabem melhor no papel do que soltas ao vento).

Então, se quer um conselho, quando sentir o lampejo da primeira frase, vai fazendo, vai deixando acontecer... vão surgindo ideias, revelando-se saudades, ruminando-se medos. Às vezes para e pensa, e reescreve, porque é assim mesmo que nasce um texto e mata-se uma angústia.

Relê: se soar verdadeiro, é porque é. E se é, então é belo, valeu a "pena", mesmo que hoje em dia só se escreva digitando. Sim, há espaço para uma pitada de humor, uma piada ruim, um bom trocadilho ou uma rima, natural ou garimpada. Assim prosa fica mais suave, o problema também.

E escrevendo, escrevendo, escrevendo... de repente, você vai sentir que já não há mais tanto a dizer. Quanto mais escrever? Quantas letras ainda fervilham buscando se combinar para simplesmente expressar algo?

O fluxo verborrágico acalma e a mente já pode traçar uma proposta de fim. Leveza. Ahhhhh... Beleza: autenticidade no processo, do início ao ponto final.

Mas, repare. Não há fim para aqueles que aprenderam a se expressar melhor assim, na ponta da língua escrita. Outro dia, uma outra hora, breve ou daqui a algum tempo, vai surgir de novo a vontade necessária de escrever sobre algo.

E aí, quando vier a primeira frase na cabeça, ofereça suas mãos para ela e embarque nessa jornada.

“E escrevendo,
escrevendo,
escrevendo... de
repente, você vai
sentir que já não
há mais tanto a
dizer. Quanto
mais escrever?
Quantas letras ainda
fervilham buscando
se combinar para
simplesmente
expressar algo?”

Três poemas

João Quintino Silva Galinari
Desembargador do TJMG, aposentado

Proposta

Meu espírito navega
 Pelas horas do sol-por
 E te encontra, mesmo à cega,
 Para os trâmites do amor.

A pergunta algo profusa
 De minh'alma delirante:
 Queres ser a minha musa
 E também a minha amante?

Se afinal não me quiseres
 Não me importa essa maldade.
 Viverei outros misteres.
 Perco o amor – não a amizade.

Quanto, ó Deus! eu gosto dela!
 Seja assim. A vida é um trauma.
 Será simplesmente o vê-la
 Desjejum para minh'alma.

Sensualidade

Eu sonho um querer de fato
 De mulher nunca perjura
 Que, no íntimo da alcova,
 Sem fingir falso recato,
 Dê-me a mim a graça nova
 De momentos de loucura.
 Que me ponha transtornado
 No desejo de pecado;
 Que me arranque mil suspiros
 Entre abraços e delírios;
 Que sem medo e sem espanto,
 Que dão quebra a todo encanto,
 Faça a oferta com simpleza
 Desse bem da natureza,
 Próprio da mulher sestrosa,
 Que é união de cravo e rosa,
 Que é junção de mel e leite,
 E me deixe satisfeito
 Como quem tirou proveito
 Das delícias de um banquete.

Amor, puro amor

Não importa se convém
 O que temos a dizer.
 Se gostamos nós de alguém,
 É assim mesmo; é pra valer.

O falar de amor contém
 Um gostinho de prazer.

Sou sequioso desta coisa
 Que engalana o coração.
 Quando em mim seus olhos poisa
 É porque me tem paixão.

Isso é bom. Isso é divino,
 Faz a vida ter valor,
 Pois ao poeta João Quintino
 Nada é belo quanto o amor.



Quadros da Vida

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG, Comarca de Belo Horizonte

Bela como pintura de Vermeer
Menina com Brinco de pérolas
Em seu mundo infantil
Brincava de casinha,
Tomando seu chá inglês,
De rainha.

Ao som de violinos
Andava por Jardins Floridos
Com seu tailleur de linho branco
E lábios vermelhos.

O Beijo
Trouxe-lhe a vida
E um Buquê de Primavera.
Antes desta,
olhos amorosos casaram-se.

Trilhando o sol pela Ponte Japonesa,
Acolheram-se ao ventre
dois lírios -
obras-primas talhadas ao som romântico
de canções anos 60.

Formou-se.
Frutificou.

Após Chuva Serena,
No Campo de trigo com Ciprestes,
Já ao tempo da Colheita de Flores,
Sua alma recheada de amores
e cores dos gênios,
Aquietou-se.

No correr dos anos,
Como se fora o Retorno do Filho Pródigo,
pelo Caminho das Árvores no Outono,
tal como Maria em Oração,
tornou-se Amendoeira em Flor,
e ao Som dos Anjos,
na Noite Estrelada,
Adormeceu.



O templo da classe média

Llewelyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

Vinde escadas rolantes
(moinhos de vento da modernidade)
vinde transportai este cavaleiro andante
ao insaciável ventre desse deus iracundo
alimento de sonhos os mais nefandos
mundo de consumidores os mais vibrantes

não deixai a profusão de luzes me cegue
o ensurdecedor cântico pagão me aliene
(mais alienado de que sou)
o colorido brilho das vitrines espouque
até embaçar a deslumbrada visão
e assim possa consumir mais

tenaz baluarte da classe média acredite
a despeito da pouca idade escolado sou
ascendido do subúrbio aqui estou
neste templo de deslumbrante brilho

o cartão de crédito verdadeiro escudo
a senha abracadabra chave do tesouro
prazam aos céus eu gaste um bocado
mais o que amealhei com esforço
e o que amealhar com suor redobrado

permiti que meu deslumbre seja suficiente
pra comprar a roupa nova na TV anunciada
o perfume de minha amada Dulcineia
(não precisa ser caro mas cheiroso
vale a intenção o gesto carinhoso)

deixai que eu viaje pelas vitrines
e me exhiba aos olhares curiosos
elegante discreta barriguinha e charmoso
agrado muita gente que saracoteia no pedaço
modéstia à parte no jogo de sedução sou jeitoso

levai-me à mão com cordura e afeto
à praça de alimentação lugar de combate
deixai que me sacie de coca cola batata frita
hambúrguer duplo e sorvete de chocolate
aqui venho com prazer dobrado
não importa o quanto tenha gastado
sou novo jeitoso e remediado

e no fim da tarde feliz e cansado
levai-me pra casa sossegado
as contas chegam logo em atropelo
quero estar preparado ao próximo embate
a luta continua sigo deslumbrado.



Eu vou nascer em maio

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG, Comarca de Governador Valadares

Quando o calendário voltar
eu vou nascer em maio
sem doulas, sem cuentos
docimasia
respiro, logo alegria, logro a dor
da existência

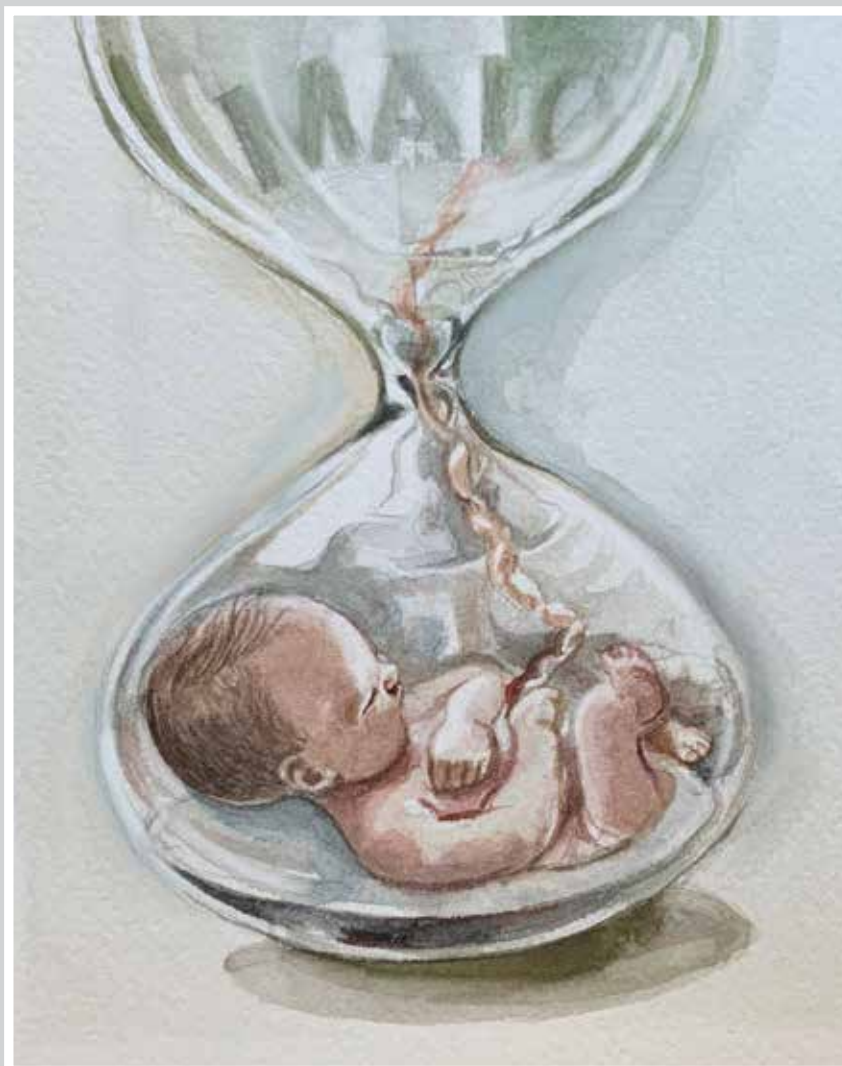
E na época do obituário circular
eu vou morrer em agosto
sem peixes, cempasúchil

Na era em que o retorno deixar de ser eterno
e for cotidiano
não serei nascido aos sete meses
eu vou nascer em julho

Quando a ampulheta vaziar
eu vou pisar na areia
sem solas, sem unguentos
dosimetria
caminho, logro poesia, logo ardor
da continência

E na órbita do planetário simular
eu vou viver em outubro
sem ossos, Lebombo

Na terça em que o universo cansar de ser
bloco
e for fragmento
não verei escuro nas claras luzes
eu vou preceder para proceder



Noturnos

José Maria Vieira Starling
Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Na noite americana
Num festival de luzes
O trinado do clarinete
Lamenta semifusas
De uma rapsódia em blue

Na noite tropical
Yara nua
À luz da lua
Entoa em voz soprana
O erótico acalanto
De uma quinta bachiana

Enluarado em blues
Na noite americana
O canto nostálgico
De noites africanas

Abaixo do Equador
Bacantes orixás
Ao batuque ancestral
Dançam a orgia
Em côncavo e convexo
Do noturno ritual
Em sangue suor e sexo



Diamantina deve ser

Sophia Goreti Rocha Machado

Juíza de Direito do TJMG, Comarca de Lagoa da Prata

Diamantina me faz querer
fazer poesia
como há muito tempo eu não fazia
daquelas com palavras bonitas, com
frases cantadas.

Deve ser a energia dos cristais
que brotam na serra
e alimentam a gente.

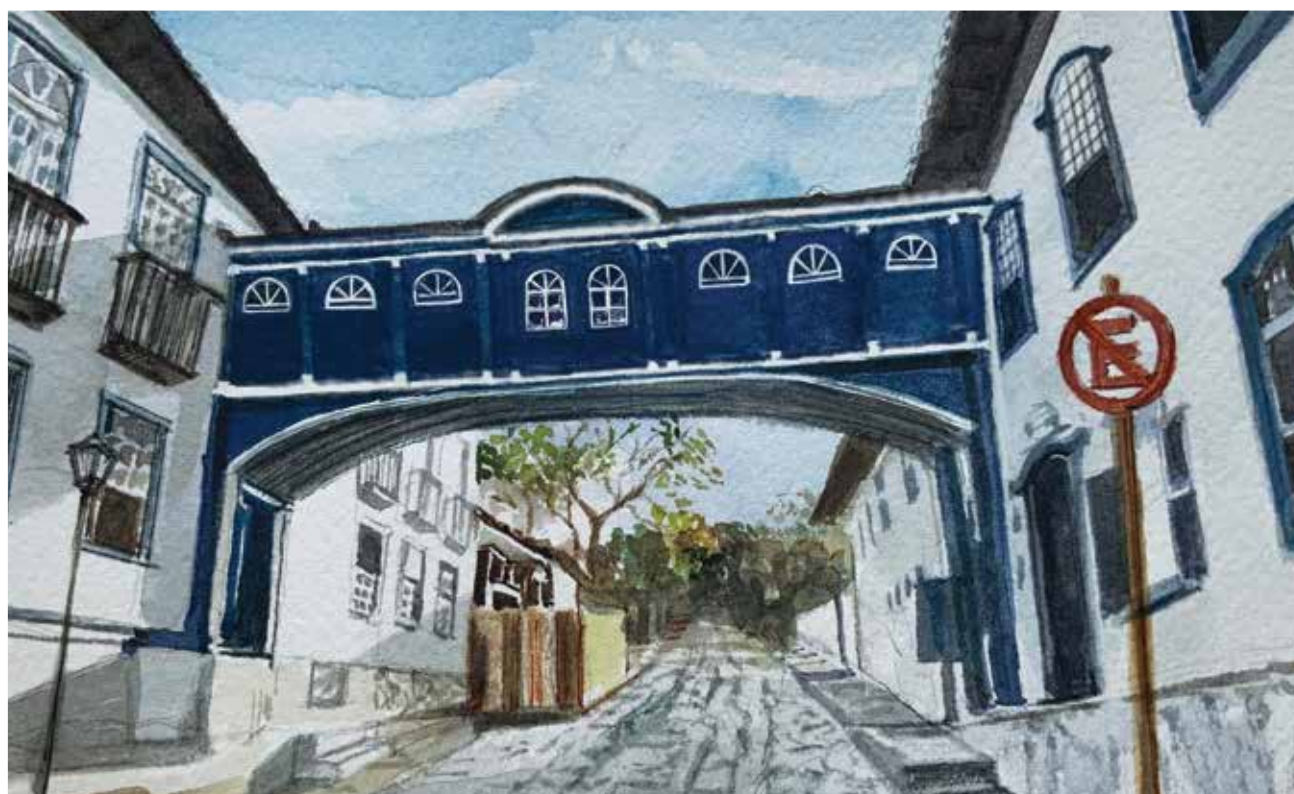
“Deve ser” as fachadas antigas,
as igrejas, aquele mercado e o passadiço que,
se são patrimônio da humanidade,
são patrimônio meu também.

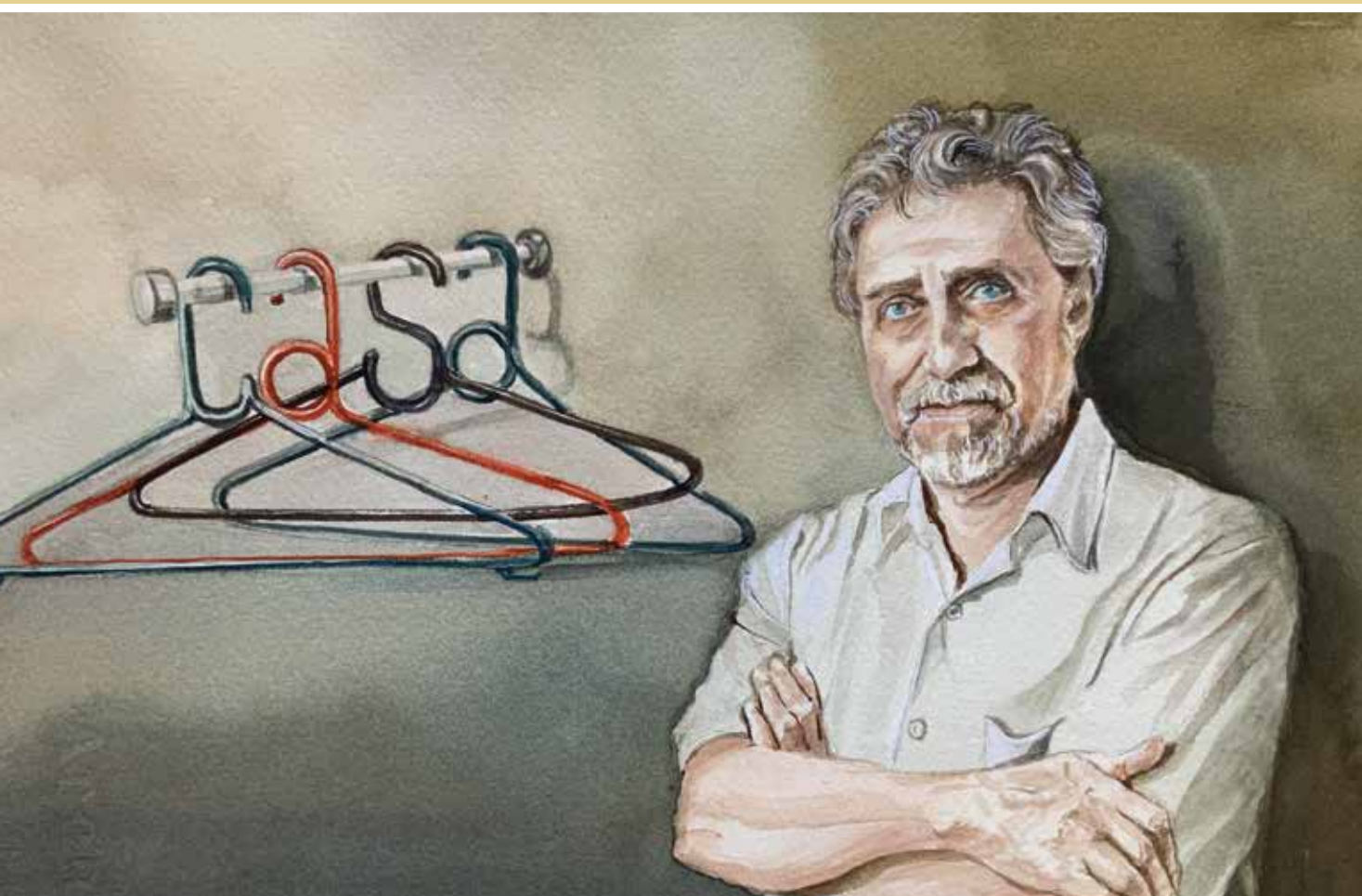
Deve ser que caminhar nas capistranas
impõe andar devagar
e, assim, a vida passa menos depressa.

Deve ser a Vesperata
e essa banda,
que por essas bandas,
toca em todo lugar
principalmente no coração da gente.

Deve ser a inspiração que extraio da história da Chica
e do visionário presidente,
os dois, tão à frente do seu tempo...

Deve ser que
nessa Diamantina
mais linda que qualquer poesia
eu mesma já não “devo ser”
porque aqui, enfim, eu sou
quem eu sempre quis ser.





Márcio Sampaio, o construtor do futuro

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

*Jornalista, escritor, é membro da Academia Mineira de Letras
e ex-secretário de Cultura de Minas Gerais.*

Exerce o quinto mandato de prefeito de Ouro Preto (2025-2028).

Márcio Sampaio traz de Santa Maria de Itabira o signo do itabirano Drummond e a sina da poesia. O verso abissal de Carlos Drummond de Andrade abriu-lhe o caminho de pedras. Amorosa Tarsila e *mariocarloswald*, entrelaçados Andrades, iriam acompanhá-lo para sempre. O legado de Guignard o despertou para as artes plásticas, em lance compartilhado com a mulher, a saudosa Eliana de Moura Rangel, igualmente desenhista e pintora. Irmã do pintor Nello Nuno e neta do escritor Godofredo Rangel, autor de *"Vida Ociosa"*, juiz de Direito e membro da Academia Mineira de Letras, ela dividiu com Márcio a paixão da imagem e da palavra.

No instante em que Minas exportou os críticos de arte que intensamente atuavam em Belo Horizonte – Marco Aurélio de Mattos, Sylvio de Vasconcellos, Frederico Moraes, Jacques do Prado Brandão e Olívio Tavares de Araújo –, coube a Sampaio a missão histórica de estimular e traduzir as manifestações de seguidas colheitas de talentos, em meio à frieza e a precariedade do ambiente cultural.

Poetas como Manuel Bandeira, Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto foram respeitados críticos de arte. A dimensão poética, ampliando o voo transcendente, fez com que Márcio Sampaio exercesse, de modo extraordinário, o papel de fomentador e orientador, seja da segunda geração da escola guignardiana, seja mesmo da primeira, ao se revelar o interlocutor munido do *"olho armado"*, de que fala Murilo Mendes, e da lucidez mondriânica celebrada por João Cabral e vazada nos seus textos, *"pois que, por bem cortados, / ficam cortantes ainda / e herdaram a agudeza / dos fios que os confinam"*.

Ao mesmo tempo, os apelos da herança barroca, então resgatada como raiz e radicalidade da vanguarda dos anos 60 e 70, envolveram profundamente Márcio Sampaio no enfrentamento dos códigos mineiros e na decifração poética e plástico-visual dos autos-de-fé da áurea província. Historiador da arte de Minas Gerais, ele levantou a produção oitocentista e o estado das artes antes da vinda de Alberto Guignard, em 1944, até alcançar as vertentes contemporâneas, em plena projeção dentro e fora do Brasil. Antecipou o futuro, ao anunciar e fomentar a performance de novos criadores.

Atento à emergência tanto de um Amílcar de Castro quanto de um GTO, ou de Hélio Oiticica e de Artur Bispo do Rosário, em esferas sempre mais abrangentes, Sampaio tornou-se um curador singular. Foi o responsável pela primeira coleção de arte organizada pelo governo de Minas Gerais, no Palácio da Liberdade, por iniciativa de Dona Coracy e de Israel

Pinheiro, quando Murilo Rubião fazia as vezes de secretário da Cultura. Organizou, pioneiramente, o setor de artes plásticas do Palácio das Artes. Desde então, sinalizou a necessidade de os museus recolherem obras referenciais, hoje distantes do público exatamente pela carência de política pública nessa direção, tal como por ele desenhada e defendida. Na Escola de Belas Artes da UFMG, seu magistério prodigalizou lições de arte viva e rompeu barreiras que costumam tolher as vertentes de um ensino intrinsecamente difícil e desafiante. Em Itabira, presidiu a Fundação Carlos Drummond de Andrade, à frente de ações inovadoras. Generosamente, doou todo o seu arquivo sobre as artes plástico-visuais ao Museu Mineiro.

Poeta, historiador, crítico e curador de arte, desenhista e pintor, membro da Academia Mineira de Letras, Márcio Sampaio teve agora toda a sua trajetória resgatada numa grande exposição na galeria do Minas Tênis Clube. Nessa mostra, estendeu-se o panorama de uma obra plena que, para além da serenidade do temperamento do autor, continua, de modo trepidante, a antecipar o futuro e iluminar a memória do tempo.

“Coube a Sampaio a missão histórica de estimular e traduzir as manifestações de seguidas colheitas de talentos, em meio à frieza e a precariedade do ambiente cultural.”

Sandra Bianchi e suas 'paisagens afetivas'

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

A sede da Amagis recebeu em dezembro último a exposição "Céu, Mar e Terra – Paisagens Afetivas", reunindo onze aquarelas da artista plástica Sandra Bianchi, que é a ilustradora da revista *MagisCultura*, desde a primeira edição. As aquarelas são recentes e demonstram, por meio de paisagens naturais, a sensibilidade e a delicadeza artista.

Sandra Bianchi é natural de Uberlândia, graduou-se em gravura e desenho pela Escola de Belas Artes da UFMG, onde também foi professora. Trabalhou com o Giramundo - Teatro de Bonecos e recebeu prêmios em diversos salões e mostras de arte ao longo da carreira. Tem obras nos acervos do MAP e da UFMG, entre outros. Atualmente, é professora do curso de Design da Universidade Fumec.

Para o professor da Escola de Belas-Artes da UFMG Eugênio Paccelli Horta, "Sandra Bianchi se move de modo independente e discreto em nosso contexto de emergência da arte" e é "formadora de artistas de excelência em Belo Horizonte – que se projetaram nacional e internacionalmente".

Os interessados em adquirir as obras expostas ou outros trabalhos da artista podem fazer contato pelo e-mail sandrabianchi@gmail.com ou pelo telefone (31) 99116-5472 (whatsapp).

“As aquarelas são recentes e demonstram, por meio de paisagens naturais, a sensibilidade e a delicadeza artista.”



A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.

